



**Património Artístico e Religioso das Igrejas Matrizes do concelho de Aljezur**  
**Contributos para a sua valorização e proteção**

Catarina Batista Sagaz

Mestrado em Estudos do Património

2015





[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Património Artístico e Religioso das Igrejas Matrizes do concelho de Aljezur**

**Contributos para a sua valorização e proteção**

Catarina Batista Sagaz

Mestrado em Estudos do Património

2015

*Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Pedro Flor*



## **Resumo**

O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre o Património Artístico Religioso no concelho de Aljezur e como, efetivamente, este se torna num testemunho histórico e fator identitário de uma região, ao abordarmos questões como: a religião como herança patrimonial; a importância dos monumentos religiosos no território e na sociedade; o Património Religioso como fator identitário de uma comunidade; e a importância da salvaguarda deste património.

Por todo o país existem monumentos expectantes à espera da sua revalorização. Com características específicas e próprias da representação de uma época, torna-se fundamental preservar este tipo de património para o conhecimento da identidade de cada povo e região.

A nossa investigação, confinada ao concelho de Aljezur, pretenderá chegar justamente ao objetivo deste trabalho, contribuindo com um raciocínio diferenciado sobre este tema que ainda não sentiu, de forma satisfatória e completa, uma reflexão coerente.

Pretendemos demonstrar a conciliação do valor patrimonial existente com a necessidade de preservar e salvaguardar este testemunho histórico, capaz de revelar a nossa identidade e fazer com que a nossa herança cultural seja um dos pilares para o nosso conhecimento.

O desenvolvimento do estudo em questão irá permitir pôr em relevo a dimensão histórica, eclesiástica, artística e religiosa no Concelho de Aljezur e, por outro lado, a forma como este tipo de património se encontra valorizado. A generalidade destes elementos fundamenta a importância destes monumentos como elemento de identidades culturais e representativos da herança patrimonial religiosa, e simbólica de todo o concelho de Aljezur.

Palavras-Chave: Património, herança, salvaguarda, identidade, religião, turismo.



## **Abstract**

The aim of the present essay is to dissertate about the religious and artistic heritage of Aljezur, and how it becomes an historical testimony and an identifying element of the region, when we address issues like: religion as a patrimonial legacy; the importance of religious monuments on the territory and in society; religious heritage as a community identifying factor; the importance and preservation of this heritage.

There are monuments waiting for intervention, all over the country, with specific aspects representing a time period. It is essential to preserve this heritage, in order to understand the identity of each folk and each region.

The purpose of our investigation, restricted to Aljezur municipality, is to contribute with a different approach to this issue, that hasn't had until now a satisfactory, complete and consistent reflection.

We intend to demonstrate that, the conciliation of the existing heritage values, with the need to preserve and safeguard this historical testimony, is capable of reveling our identity and transform our cultural inheritance in one of the pillars of our knowledge.

The development of this study will allow pointing out the historical, ecclesiastical, artistic and religious dimension of Aljezur municipality and, on the other hand, the way this heritage is being valued. Most of these elements underline the monuments importance, as a cultural identity and as a religious legacy and symbolic representation Aljezur municipality.

Key-Words: heritage, preservation, identity, religion, tourism.



## Resumé

Cette étude a pour finalité une réflexion sur le patrimoine artistique religieux dans la municipalité de Aljezur e comment celui-ci s'assume comme un témoin historique et facteur d'identité d'une région , en abordant des thèmes comme: la religion comme héritage patrimonial; l'importance des monuments religieux au sein du territoire et de la société; le patrimoine religieux comme facteur d'identité d'une communauté ; l'importance de la sauvegarde de ce patrimoine.

Dans tout le pays il existe des monuments en attente de leur valorisation. Il est donc nécessaire de préserver ce type de patrimoine pour la connaissance de l'identité de chaque peuple et région, car ces témoignages ont des caractéristiques spécifiques et propres de la représentation de chaque époque de l'histoire du patrimoine religieux construit.

Notre recherche prétend contribuer , par une approche différenciée. à la connaissance du patrimoine religieux construit de la municipalité d'Aljezur , qui n'a pas eu jusqu'à maintenant une réflexion cohérente sur ce thème.

Cette étude prétend démontrer la conciliation entre la valeur patrimoniale existante et la nécessité de préserver sauvegarder ce témoin historique , en mesure de révéler notre identité e faire en sorte que notre héritage soit un des piliers de la connaissance de nous même.

Le développement de cette dissertation, nous permettra de mettre en relief, d'un côté la dimension historique, ecclésiastique, artistique et religieuse présente au sein de la municipalité d'Aljezur, et de l'autre côté, comment ce patrimoine est valorisé.

Ces éléments intègrent l'importance de ces monuments pour la représentation de l'identité et l'héritage patrimonial religieux et symbolique de toute la région d'Aljezur.

Mots Clés: Patrimoine, héritage, sauve-garde, identité, religion, tourisme.



## ***Dedicatória***

Dedico este trabalho aos meus pais, de quem tenho muito orgulho.  
Por me terem educado, acreditado e fazerem de mim a mulher que sou hoje.

Mãe que me continues a guiar aí do céu, como sempre me guiastes aqui na terra.

Que permaneças a brilhar por nós 

Pai, és um herói, um exemplo de coragem, valentia e força notável, obrigada por todas as  
valiosas lições de vida.

Amo-vos muito



## Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Pedro Flor pela sua orientação, disponibilidade, críticas e sugestões que tornaram possível a concretização da presente tese.

Em segundo um agradecimento especial ao Professor Francisco Lameira, Padre Nuno e ao Padre Afonso da Cunha Duarte.

À minha colega Barbara Bruno que sempre me ajudou nos momentos de desespero e que contribuiu de forma fundamental para a elaboração do capítulo I.

À minha colega Ana Jerónimo pela troca de ideias e ajuda através de horas infindáveis passadas ao telefone.

Às colegas Dora Sousa (Município de Aljezur) e Dora Alves (Museu de Lagos).

Ao meu colega Vítor, responsável pela formatação da presente dissertação.

À Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur.

À Lídia, à D<sup>a</sup> Olinda, à D<sup>a</sup> Conceição, D<sup>a</sup> Isabelinha, à Amália, e à minha Vizinha Duarte.

Ao Sr. Zé (nome pelo qual carinhosamente o chamo) por todo o apoio, disponibilidade, paciência, dedicação, revisões infindáveis e opiniões

valiosas durante o decorrer da investigação, sem as quais não teria conseguido levar este trabalho a bom porto.

Ao meu marido, que me tem acompanhado nos momentos mais difíceis da minha vida, pelo seu apoio incondicional e especialmente por ter acreditado sempre em mim.

Ao meu filho Francisco, que tantas vezes ficou privado da minha companhia, mas que apesar de só ter cinco anos demonstrou sempre grande capacidade de compreensão, do porque da mãe não poder brincar com ele.

E por fim a todos aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## Volume I

### Índice

<b>Introdução</b> .....	21
1. Contextualização Geral .....	23
2. Enquadramento.....	23
3. Metodologia de investigação .....	27
4. Estado da Arte .....	29
<b>CAPÍTULO I</b> .....	33
<b>Património Artístico-Religioso no concelho de Aljezur e a sua função social</b> .....	33
1.1. Recuperação e Valorização e Proteção do Património Artístico Religioso no concelho de Aljezur .....	35
1.2. A prática e o culto nas Igrejas de Aljezur .....	40
1.3. A importância do turismo Religioso para o Concelho de Aljezur .....	45
<b>CAPÍTULO II</b> .....	49
<b>Património Religioso no Concelho de Aljezur</b> .....	49
2.1. Enquadramento .....	51
2.2. Igreja Matriz de Odeceixe .....	53
2.3. Igreja Matriz da Nossa Senhora D' Alva (Aljezur) .....	70
2.4. Igreja Paroquial da Bordeira .....	85
2.5. Igreja da Carrapateira .....	97
<b>CAPÍTULO III</b> .....	109
<b>Contributos para a valorização e proteção</b> .....	109
3.1. Introdução.....	111
3.2. Justificação do Objeto.....	115
3.3. Acessibilidades .....	120
3.4. Transportes .....	121
3.5. Temáticas a Abordar no Roteiro .....	122
3.6. Património Histórico-Cultural .....	124
3.7. Itinerários .....	138

3.7.1. Museus (Lagos – Aljezur)   1 dia.....	138
3.7.2. Igrejas (Lagos-Vila do Bispo-Aljezur)   2 dias.....	140
3.7.3. Fortalezas e fortificações (Lagos – Vila do Bispo – Aljezur)   2 dias.....	143
<b>Conclusão</b> .....	147
<b>Bibliografia</b> .....	153

## **Volume II**

### Anexos Referentes ao Capítulo II

#### II.1 – Projeto de Construção da Igreja Matriz de Odeceixe

II.1.1 – Escala

II.1.2 – Planta 1

II.1.3 – Planta 2

II.1.4 – Fichas de Inventário da Igreja Matriz de Odeceixe

II.1.5 – Fichas de Inventário da Igreja da Carrapateira

### Anexos Referentes ao Capítulo III

III.1 – Flyer - Museus

III.2 – Flyer - Igrejas

III.3 – Flyer - Fortalezas

## Índice de Figuras

Figura: 1.1 - Pia Batismal Manuelina da Igreja Matriz de Odeceixe .....	58
Figura: 2.2 - Arco Manuelino da capela-mor da Igreja Matriz de Odeceixe.....	61
Figura: 2.3 - Pintura a Fresco do ECCE HOMMO patente na Igreja Matriz de Odeceixe ...	62
Figura: 2.4 - Antigo altar-colateral de Nossa Senhora do Rosário da Igreja Matriz de Odeceixe .....	63
Figura: 2.5 - Altar-mor atual da Igreja Matriz de Odeceixe .....	66
Figura: 2.6 - Imagem de Nossa Senhora da Piedade .....	67
Figura: 2.7 - Altar-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora d’Alva .....	75
Figura: 2.8 - Sacrário Barroco patente na Igreja Matriz de Nossa Senhora d’Alva .....	79
Figura: 2.9 - Cabeças Santas patentes na Igreja de Nossa Senhora d’Alva .....	80
Figura: 3.10 - Porta Manuelina da Igreja Matriz da Bordeira .....	88
Figura: 3.11 - Ombreira da porta principal da Igreja Matriz da Bordeira .....	89
Figura: 2.12 - Pormenor da data em que foi executado o arco-triunfal da Igreja Matriz da Bordeira .....	92
Figura: 2.13 - Imagens de Santo António e São Pedro patentes na Igreja Matriz da Carrapateira .....	99
Figura: 2.14 - Pia Batismal Manuelina patente na Igreja Matriz da Carrapateira .....	101
Figura: 3.15 - Imagem do primeiro código QR feito em calçada portuguesa.....	117
Figura: 3.16 - Mapa de acessibilidades (Lisboa, Lagos, Vila do Bispo, Aljezur, Odeceixe)	120
Figura: 3.17 - Igreja Matriz de Santa Maria (Lagos).....	124
Figura: 3.18 - Igreja de Santo António (Lagos).....	125
Figura: 3.19 - Igreja de São Sebastião (Lagos) .....	125
Figura: 3.20 - Igreja Matriz da Luz.....	126
Figura: 3.21 - Muralhas de Lagos .....	126
Figura: 3.22 - Forte da Ponta da Bandeira (Lagos).....	127
Figura: 3.23 - Forte da Luz.....	127
Figura: 3.24 - Igreja Matriz da Vila do Bispo .....	128
Figura: 3.25 - Igreja Matriz da Raposeira .....	128
Figura: 3.26 - Ermida Nossa Senhora da Guadalupe (Raposeira) .....	129

Figura: 3.27 - Fortaleza de Sagres .....	129
Figura: 3.28 - Fortaleza do Cabo de São Vicente .....	130
Figura: 3.29 - Forte de Santo António do Belixe .....	130
Figura: 3.30 - Igreja Matriz de Odeceixe .....	131
Figura: 3.31 - Igreja Matriz da Nossa Senhora d'Alva .....	131
Figura: 3.32 - Igreja da Misericórdia de Aljezur .....	132
Figura: 3.33 - Igreja Matriz da Bordeira .....	132
Figura: 3.34 - Igreja Matriz da Carrapateira .....	133
Figura: 3.35 - Castelo de Aljezur .....	133
Figura: 3.36 - Fortaleza da Arrifana.....	134
Figura: 3.37 - Fortaleza da Carrapateira .....	134
Figura: 3.38 - Museu Municipal Dr. José Formosinho (Lagos) .....	135
Figura: 3.39 - Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal (Aljezur).....	136
Figura: 3.40 - Museu Antoniano (Aljezur) .....	136
Figura: 3.41 - Casa Museu Pintor José Cercas (Aljezur) .....	137
Figura: 3.42 - Mapa Itinerário Museus (Lagos – Aljezur) .....	138
Figura: 3.43 - Mapa Itinerário Igrejas (Lagos - Vila do Bispo - Aljezur) .....	140
Figura: 3.44 - Mapa Itinerário Fortalezas e Fortificações ( Lagos – Vila do Bispo – Aljezur ) .....	143

Capa - Imagem da Igreja Matriz de Aljezur – método da simplificação através da linha

Fonte: <http://ensinarevt.com/conteudos/ponto-linha/>[23 de julho de 2015]

## **Siglas e Abreviaturas**

<b>AHDA</b>	- (Arquivo Histórico da diocese do Algarve)
<b>ADPHA</b>	- (Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur)
<b>AMAACL</b>	- (Associação de Municípios do Alentejo Central constituída pelos municípios de Alvito, Cuba, Portel, Viana do Alentejo e Vidigueira)
<b>BN</b>	- (Biblioteca Nacional)
<b>DGPC</b>	- (Direção Geral do Património Cultural)
<b>ICOMOS</b>	- (International Council on Museums and Sites)
<b>PENT</b>	- (Plano Estratégico Nacional do Turismo)
<b>QR</b>	- Code (Quick Response Code)
<b>UNESCO</b>	- (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)
<b>SIPA</b>	- (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)
<b>s/d</b>	- Sem data de publicação
<b>s/e</b>	- Sem edição
<b>séc./sécs.</b>	- Século/séculos
<b>TP</b>	- (Turismo de Portugal, IP)

«A fé tende, por sua natureza,  
a exprimir-se em formas artísticas e em testemunhos históricos,  
que têm uma intrínseca força evangelizadora e valor cultural [...]».<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Inde a Pontificatus -João Paulo II – Motu Proprio Inde a Pontificatus (25 de Março de 1993): CARTA APOSTÓLICA DADO Motu Proprio [em linha]. Atual s/d. [Consult. 7mar.2013]. Disponível na Internet <URL: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_25031993\\_inde-a-pontificatus\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_25031993_inde-a-pontificatus_en.html)>

## **Introdução**



## **1. Contextualização Geral**

Por todo país é notório, em particular no interior, a constante degradação do património cultural, acelerada pelo continuo despovoamento que os aglomerados urbanos vem sofrendo ao longo das últimas décadas, agravada pelo desinvestimento económico e sociocultural, bem como pelo envelhecimento populacional e consequente esquecimento, que normalmente conduz a estados graves de carências de vária ordem, entre elas no caso vertente, o abandono a que os núcleos urbanos vão sendo votados apesar de conterem valioso património cultural que deveria ser cuidado divulgado e salvaguardado.

Por outro lado, pontualmente, assiste-se a uma crescente tomada de consciência coletiva que procura contrariar o negativismo desta situação, através de ações que irão permitir a sobrevivência dos conjuntos históricos, que na presente dissertação se assume como o Património Artístico-Religioso do Concelho de Aljezur.

## **2. Enquadramento**

O presente trabalho que tem como objeto de estudo o Património Artístico - Religioso do Concelho de Aljezur, pretende contribuir para uma análise diferenciadora e aprofundada do tema em apreço, nomeadamente sobre a sua história, as suas características estéticas, o seu estado de conservação atual e o seu espólio de arte sacra.

Originalmente, pretendia-se levar a cabo um estudo sobre as cinco Igrejas existentes no concelho mas, no decorrer da investigação deparamo-nos com manifestas dificuldades na pesquisa da informação e fontes que pretendíamos consultar, por parte de responsáveis menos qualificados para exercerem os cargos que detém, utilizando discricionariamente o poder em que se auto investiram para vedar o acesso a documentação que deveria estar ao serviço público. Por estes motivos fomos forçados a reduzir o universo da presente dissertação a apenas quatro, dos cinco templos religiosos a saber: a Igreja

Matriz de Odeceixe, a Igreja Matriz de Aljezur, a Igreja Matriz da Bordeira e a Igreja da Carrapateira.

Apesar do seu estudo ter sido severamente prejudicado pela falta de fontes primárias a que procurámos recorrer designadamente aos arquivos paroquiais que contém informações valiosas para quem está a levar a cabo uma investigação deste teor, não poderíamos deixar de referir a disponibilização de fontes secundárias por parte da mesma entidade, que se revelaram num contributo importante para o desenvolvimento do presente trabalho.

Integrado no estudo sobre Património Artístico-Religioso produzimos também fichas de inventário baseadas nos parâmetros definidos pela DGPC, para as Igrejas de Odeceixe e Carrapateira que até agora não eram providas deste tipo de documento.

Consideramos que a introdução de dados sobre estas duas igrejas constitui uma mais-valia para uma cabal interpretação e conhecimento deste espólio, funcionando ainda como uma ferramenta fundamental para a sua preservação e memória.

Para além das dificuldades enumeradas não podemos deixar de referir outro tipo de contingências que de uma forma ou de outra também dificultaram o desenvolvimento mais aprofundado desta investigação. Encontram-se neste campo os diversos obstáculos sentidos ao longo de todo o percurso académico em especial na realização desta última fase. De entre estes, salientamos a situação de trabalhadora estudante, onde nem sempre foi fácil conciliar a vida académica com a vida profissional, devido à exigência de um desempenho nas mesmas circunstâncias e em igualdade com os outros estudantes sem vínculo laboral.

Relativamente a este aspeto realçamos ainda a dificuldade que a entidade patronal teve em aceitar a beneficiação dos direitos previstos na lei para os casos dos alunos que possuem um trabalho a tempo inteiro, demonstrado pouca compreensão e disponibilidade na articulação das imprescindíveis deslocações aos locais para consulta bibliográfica.

Por último não podemos deixar de fora todos os problemas de foro familiar que surgiram ao longo do desenvolvimento da presente investigação, responsáveis pelo adiamento da

entrega da mesma e pelo impedimento de um maior empenho que um projeto desta natureza implica.

No entanto apesar da dificuldade na conjugação destas três situações (profissional, estudante e familiar) conseguimos com muita força de vontade, perseverança, esforço, dedicação e sacrifício remar contra esta maré de dificuldades e ultrapassar o cansaço acumulado tornando possível a apresentação da presente dissertação.

Procuramos ainda ao longo deste trabalho, apresentar um conjunto de iniciativas tais como, a apresentação de roteiros de viagem, maquetes de folhetos promocionais aliados a novas tecnologias de informação como QR code (Quick response code), que possam incentivar e aumentar a procura pelo conhecimento e pela salvaguarda deste tipo de Património.

Estes roteiros não incluem todo o vasto e rico património arqueológico, etnográfico e gastronómico existente na região, uma vez que não é objeto de estudo desta nossa investigação, não pondo de parte a possibilidade de uma análise futuramente dedicada a estas temáticas.

Sendo um concelho predominantemente vocacionado para o turismo de natureza e usufruto do património natural, entendemos que a vertente cultural específica sobre o património edificado religioso será um contributo valioso para o desenvolvimento sustentável da região que está na atualidade quase totalmente dependente da sazonalidade de turismo de praia.

O presente trabalho esboça uma perspetiva, em termos conceptuais, de temas relacionados com o valor do Património Artístico - Religioso na comunidade de Aljezur, as relações entre as diferentes formas de o pensar, o papel que o turismo representa para a recuperação e a salvaguarda dos valores históricos, encontrando-se estruturado em três capítulos.

Como plano norteador apresenta questões-chave, reguladas pelos objetivos que pretendemos desenvolver no decurso da nossa investigação.

Na introdução é apresentada a Introdução do trabalho onde se encontra a justificação do objeto em estudo, a sua importância, a metodologia e o estado da arte.

No primeiro capítulo é feita uma reflexão sobre a importância da salvaguarda, proteção e valorização do Património Artístico-Religioso no concelho de Aljezur, do seu estado de conservação, a sua função social, a contribuição do turismo para a sua conservação e os problemas que demonstra.

Para a realização do primeiro subcapítulo deste capítulo foi necessário recorrer a uma análise presencial que nos permitiu avaliar o estado de conservação atual dos edifícios existentes.

Os graus de avaliação foram definidos em três níveis: Bom (sem irregularidades estruturais e arquitetónicas); Regular (com algumas irregularidades estruturais e arquitetónicas, mas sem pôr em causa o seu funcionamento) e Mau (com visíveis e notórias irregularidades estruturais e arquitetónicas que põem em causa o seu funcionamento e prejudiciais à sua envolvente)<sup>2</sup>.

Contemplamos também uma referência ao património religioso hoje desaparecido mas que importa assinalar como elemento definidor da história, da memória e da identidade de um determinado grupo sociocultural e integrante da própria cultura.

No segundo capítulo da presente dissertação é apresentado um desenvolvimento mais pormenorizado da análise formal dos edifícios que abordará questões como as campanhas de obras, principais mecenas, as intervenções e restauros que foi sofrendo ao longo das épocas e o seu estado de conservação.

No terceiro capítulo será apresentada uma proposta para a criação de um roteiro do Património Artístico-Religioso existente no concelho de Aljezur, um instrumento que possibilitará o incentivo, a aproximação e o envolvimento do público em geral com o património, em defesa dos vestígios materiais do passado.

A criação deste roteiro tem ainda como objetivos, conseguir a captação de um público diversificado mais sensível à problemática do património cultural. Na conclusão sistematizaremos as ideias colhidas durante a realização desta investigação, salientando os principais aspetos referentes ao papel do Património Artístico - Religioso no concelho de Aljezur e qual o seu grau de valorização.

---

<sup>2</sup> Estes níveis de avaliação são baseados num conhecimento próprio e sem rigor técnico, uma vez não foi encontrada qualquer grelha de classificação específica para edifícios religiosos, mas que no entanto nos parece adequada ao estudo desenvolvido.

Há muito a fazer no campo educacional e cívico para a sensibilização das gerações futuras de forma a garantir que estes bens patrimoniais não desapareçam por completo tendo em conta o valor representativo para a história e a herança do coletivo de Aljezur.

Assim, a urgência deste trabalho prende-se com a manutenção e valorização da identidade cultural de Aljezur e procura contribuir para o desenvolvimento do concelho através do seu Património Artístico - Religioso, refletindo sobre novas formas de planear, promover e fomentar a pesquisa, assegurando a proteção, conservação, valorização e divulgação da herança patrimonial e religiosa de Aljezur.

### **3. Metodologia de investigação**

A metodologia aplicada ao longo deste trabalho baseou-se, fundamentalmente, na aplicação de uma pesquisa e análise qualitativa muito assente em bibliografia documental e ao recurso de testemunhos orais e a informadores qualificados através de contactos informais.

Para o prosseguimento dos objetivos atrás mencionados e no cumprimento daquilo a que nos propomos responder, a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo foi indispensável no decorrer dos mesmos.

A investigação foi feita em dois momentos: na consulta de uma bibliografia genérica (leitura de estudos de carácter geral que abordem de forma geral o assunto em aferição), e na passagem para uma bibliografia específica (consulta de trabalhos especializados, nacionais e estrangeiros).

Esta pesquisa foi efetuada em bibliotecas gerais e especializadas, nomeadamente na BN (Biblioteca Nacional de Lisboa), no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Instituto José Figueiredo, no arquivo da Diocese de Faro, na Biblioteca da Direção Regional da Cultura do Algarve, na Biblioteca Municipal de Portimão, na Biblioteca Municipal de Lagos, na Biblioteca Dr. José Formosinho também em Lagos e na ADPHA (Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur).

Nestas unidades documentais, tivemos ainda a possibilidade de consultar *on-line* os catálogos através da pesquisa por autores, títulos, assuntos e palavras-chave.

Analisámos e tratámos os documentos (monografias, publicações periódicas, legislação, teses, ...), sob consulta presencial, observando o elenco bibliográfico referido nessas obras cruzando as informações recolhidas.

Para o tratamento da informação, foi de grande utilidade a elaboração de fichas de leitura, de modo a registar as ideias retiradas dos documentos consultados – a referência bibliográfica da obra consultada, as citações, os comentários, os resumos, as remissões para outras fichas e o apontamento de cotas e locais de leitura.

Numa segunda fase procedemos ao trabalho de campo, com uma observação participativa através do contacto direto com o representante eclesiástico do concelho e demais elementos ligados às várias instituições, úteis para obtenção de elementos passíveis de cruzamento de informação que foi de extrema utilidade no âmbito do presente trabalho.

Para a elaboração das fichas de inventário, que se encontram em anexo, e que exigiram um trabalho de grande dedicação, foi necessário recorrer a uma análise presencial a um exame minucioso presencial que se refletiu em constantes deslocações às Igrejas referidas, de modo a consultar, medir e fotografar o espólio existente por forma a aferir e avaliar o seu estado de conservação atual, refletindo também as deficientes condições em que muito deste espólio se encontra.

Este trabalho teve como propósito inventariar o espólio de arte sacra das Igrejas da Nossa Senhora da Piedade em Odeceixe e da Igreja da Nossa Senhora da Conceição na Carrapateira, procurando dar a conhecer os seus espólios na sua dimensão, âmbito, estado geral de conservação e evolução ao longo do tempo.

Tivemos particular dificuldade quanto à datação das peças, por diversas razões, nomeadamente pela escassez de documentação específica e impedimento de consulta por parte da entidade depositária de documentos imprescindíveis ao prosseguimento do trabalho de análise, consulta, inventariação e catalogação das mesmas.

Para o espólio registado, foram considerados cinco níveis de avaliação cujos graus de classificação variam entre o: Muito Bom; Bom; Regular; Deficiente e Mau, presentes nos

vários títulos da coleção “Normas de Inventário” criadas para a temática “Arte” para as categorias de Escultura, Pintura, Mobiliário, Ourivesaria e Têxteis:

«[...] publicados pela DGPC no âmbito das suas competências em matéria da elaboração de normativos e recomendações na área do inventário e da digitalização de Património Cultural Móvel [...] que “consiste numa linha editorial dedicada à produção e divulgação de boas práticas e orientações técnicas para o inventário de áreas de particular relevância do património cultural móvel nacional”».

(MatrizNet)

O estudo que se apresenta como uma proposta proactiva de dinamização e colaboração no processo de reutilização e salvaguarda do Património Artístico- Religioso do Concelho de Aljezur, que contempla as disciplinas de História e História da Arte, pretende ser um contributo e um alerta para a salvaguarda do património e o modo como é dado a conhecer esta herança, de forma a atribuir-lhe alguma visibilidade que incentive o processo da sua recuperação.

Ainda que tenham sido abordadas questões relativas às áreas turísticas e económicas, estas não podem ser vistas como o cerne da dissertação apresentada, mas sim como uma ferramenta de apoio para a divulgação, salvaguarda e consciencialização deste tipo de património.

Esperamos que a elaboração do nosso estudo demonstre o seu valor e justifique a necessidade de recuperação e manutenção das Igrejas em apreço, na tentativa de quebrar um ciclo de abandono e desinteresse a que este tem sido sujeito.

Apresentamos desta forma um trabalho no âmbito do património religioso construído, cujo objetivo tem em vista a sua salvaguarda e valorização.

#### **4. Estado da Arte**

Procurou-se, desde o primeiro momento, compilar e pesquisar bibliografia genérica e específica sobre o assunto em aferição de modo a concernir o estado da questão. A bibliografia encontrada demonstra que, até ao momento, existe escassas obras

publicadas portuguesas que consagram o tema do Património-Religioso existente no concelho de Aljezur. Contudo, salientamos algumas que se afiguram de extrema utilidade para o trabalho que iniciamos.

Referimo-nos às Revistas *Espaço Cultural* Nº 1/2/3/4/5/6, publicadas pela Câmara Municipal de Aljezur, *Memória d'Alva: Contributos para uma Biografia da Igreja Matriz de Aljezur*; *Notas sobre a História da Igreja Paroquial de Odesseixe* ambas do autor Ruy Ventura, que apresenta um estudo sobre a história das duas Igrejas, *O Inventário Artístico do Algarve – Talha e a Imaginária*, que apresenta um projeto de inventariação do património artístico algarvio, dedicado à talha e à imaginária e *A Talha do Algarve durante o Antigo Regime*, que aborda um estudo sobre a talha Algarvia na época barroca, ambas do autor Francisco Ildefonso Claudina Lameira, *Reflexos* que apresenta uma investigação sobre o património artístico no concelho de Aljezur e *Aspectos de um Concelho – Aljezur*, uma compilação de artigos publicados num periódico regional e local que nos apresenta um conjunto completo da temática regional aljzurense, ambas do autor Emmanuel Correia, *As misericórdias do Algarve* dos autores Maria Helena Pinto e Victor Mendes Pinto e uma tese de mestrado em Arquitectura/História da Arquitectura Portuguesa, sobre o estudo da Igreja Matriz do Bairro Igreja Nova na Vila de Aljezur, a *Visitação da Ordem de Santiago ao Algarve 1517-1518* transcrita por Fernando Calapez e António Viegas; *as Visitações da Ordem de Santiago à Vila de Aljezur (1482-1490)* transcrita por Luís Pequito Antunes; “*Visitação de Igrejas Algarvias 1554*”; *Visitação das Igrejas dos Concelhos de Faro, Loulé e Aljezur pertencentes à Ordem de Santiago, 1565* transcritas por Luísa Fernanda Guerreiro Martins e Padre João Coelho Cabanita; e *Livro das Visitações da Ordem de Sant'Iago na Igreja Matriz de Aljezur (1605-1846)* transcritas por Fernando Calapez”, que nos permitiu recolher informações sobre o estado de conservação do Património Religioso existentes no Concelho de Aljezur desde o século XVI até ao século XIX.

Averiguamos que para além das breves informações e descrições encontradas nas publicações acima mencionadas, nenhum outro estudo de fundo foi realizado sobre a história do Património Artístico-Religioso no concelho de Aljezur.

Considerando que nenhuma destas Igrejas beneficia de qualquer proteção por via de classificação nacional, regional, ou local e tendo em conta que à exceção dos dois artigos de Ruy Ventura, apenas encontramos referências sumárias sobre as Igrejas em estudo, parece-nos que o conhecimento e a valorização da mesmas, é de extrema importância, uma vez que a sua reutilização e inclusão na vida contemporânea, irá constituir um ponto de partida para justificar a sua conservação e salvaguarda.



## **CAPÍTULO I**

### **Património Artístico-Religioso no concelho de Aljezur e a sua função social**



## 1.1. Recuperação e Valorização e Proteção do Património Artístico Religioso no concelho de Aljezur

A preocupação pela salvaguarda e conservação do património tem vindo a ser constante na sociedade que nos rodeia. A esperança de salvar a “Vida” de heranças que outrora foram testemunho de uma civilização numa determinada época, tem vindo a fomentar debates e criação de leis em torno da sua salvaguarda.

No entanto esta preocupação começou a ganhar mais destaque a partir sobretudo de finais do século XVIII, quando:

«[...] a sociedade europeia começou a valorizar a carga histórica, memorial, atribuída a uma parte dos bens materiais herdados das gerações antepassadas e que o novo quadro político saído da revolução francesa tinha por ambição colocar à disposição dos cidadãos. O estado tratou então de acertar uma metodologia para inventariar os bens históricos herdados e definir regras para os administrar indo mais além do seu valor primário, económico».

(Custódio, 2011:353)

Em Portugal assistimos à criação da primeira lei geral portuguesa de proteção dos vestígios do passado, um ano após a criação da Academia Real da História Portuguesa no alvará assinado por D. João V em 1721.<sup>3</sup>

Relativamente ao Concelho de Aljezur, as primeiras referências alusivas ao estado de conservação do seu Património Histórico-Religioso foram feitas durante as Visitações da Ordem de Santiago ao Algarve nos anos de 1517-1518, onde já era bastante visível a degradação dos edifícios e a preocupação dos Visitadores, que determinavam a sua recuperação numa perspetiva de continuidade. Esta dedução contida em nota de rodapé, já era demonstrativa do estado débil de conservação em que alguns templos se encontravam e onde se antevia já a dificuldade de manutenção deste tipo de Património.

---

<sup>3</sup> A própria tomada de consciencialização do valor civilizacional do património no decorrer do século XVIII levou a que D. João V, instituiu-se em 1720, a Academia Real da História Portuguesa e, no ano seguinte, através do “*Alvará sobre a conservação de monumentos antigos*”, atribuiu aos académicos e aos sócios a missão de salvaguarda do património edificado e, sobretudo, a dos bens culturais móveis, impulsionando o registo da inventariação das aquisições de obras de arte em geral, da pintura, e sobretudo da medalhística e da arqueologia, tentando criar um arquivo documental para futura memória.

Situado geograficamente numa estreita faixa a sudoeste, essencialmente litoral, com uma baixa densidade populacional e subsistindo de uma incipiente atividade agrícola e piscatória, este concelho encontrava-se à mercê dos donativos dos “fregueses” para poder reparar e construir novos edifícios religiosos. De acordo com os relatos da época, é perceptível que por vezes os donativos eram desviados em proveito próprio dos administradores:

«O visitador encontrou, tanto em 1525 como em 1526, os fregueses muito mal servidos pelo prior da igreja de Aljezur. Este não cumpria regularmente com as suas obrigações, faltando às missas da semana, ausentando-se sem deixar nenhuma cura para o substituir. Não autorizava os fiéis a confessarem-se a outro sacerdote e constringia-os a acender a lâmpada do sacrário, coisa que eles não achavam certo por serem leigos; e inquirido pelos santos óleos revelou não os possuir.

Defendiam-se os clérigos que Rui Mateus não dividia com eles as receitas nem lhes dava trintário para os acompanharem.

O povo queixava-se ao visitador que o prior tinha um filho a servir como tesoureiro e que “deitara mão” aos ornamentos oferecidos à igreja, pedindo para ele ser amoestado sobre ambas».

(Antunes, 1989:68)

Portanto a situação do Património Religioso do Concelho de Aljezur durante o século XVI, já previa o futuro inquietante.

Passado dois séculos, por infelicidade do destino estes templos viriam a conhecer outro dos grandes responsáveis pelo desaparecimento e ruína de grande parte dos seus templos, como comprova um relato retirado dos Serviços Geológicos – “ O Terramoto de 1 de Novembro de 1755” in Portugal um estudo demográfico -1919:

«[...] como informa o seu pároco Martinho Pereira da Silva na Memória Paroquial: «No Terramoto de 1755 padecerão muyto as cazas desta villa e se tem acodido a algumas e muitas estão no mesmo estado, e a Igreja Matriz, que cahio quasi toda e só ficarão as paredes da capella mór, ainda que muyto arruinadas abrigando a Tribuna de entalho [...] e as Ermidas de Santa Suzana, São Sebastião, Santo António, S.Pedro, estão quasi no chão da ruína mencionada».

(“O terramoto de 1 de novembro de 1755”, 1919:22-23)

Dos doze templos que até 1755 existiam no concelho, seis ficaram em ruína parcial ou total.

Das Igrejas mencionadas no excerto do relato acima, existem apenas vestígios arqueológicos em estudo da antiga Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora d’Alva que se situava perto do antigo cemitério de Aljezur<sup>4</sup>, na rua do Castelo, vestígios da Ermida de São Pedro edificada a pouca distância da Ribeira de Aljezur, por onde passava a estrada para norte, observáveis junto da estrada para a praia da Amoreira<sup>5</sup>, vestígios da Igreja do Espírito Santo construída segundo Ruy Ventura “em 1490 e antes de 1517” como primeiro andar de um hospital destinado a acolher os pobres e peregrinos que se dirigiam do sul para Santiago de Compostela numa estrutura adaptada a habitação em frente à Casa Museu Pintor José Cercas, da Ermida de Santo António em Aljezur que se encontra hoje recuperada e transformada em museu, e da Ermida de São Sebastião, outrora edificada na Quinta de São Sebastião junto ao entroncamento das Estradas Nacional 120 e EM1003-1, onde ainda se pode observar parte de uma parede de taipa.<sup>6</sup>

Da Ermida de Santa Suzana elevada entre a estrada para Lagos e a ribeira das Alfambras não existem quaisquer vestígios.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Segundo Ruy Ventura na sua obra intitulada “Memória d’Alva – Contributos para uma biografia da Igreja Matriz de Aljezur” publicada em 2010 a referência mais antiga é feita num documento emanado na “visitação dos representantes da Ordem de Sant’lago da Espada datado de 8 de Maio de 1468. Ainda segundo o autor decorrido 8 anos o estado de conservação da igreja matriz já deveria estar mau pois segundo a Visitação ocorrida a 29 de Maio de 1490 já existiriam “danos visíveis sobretudo na capela-mor e no adro”.

<sup>5</sup> As primeiras referências alusivas ao estado de conservação da Ermida de São Pedro encontram-se nas Visitações da Ordem de Santiago ao Algarve 1517-1518 com a seguinte descrição:[...] Visitámos a dita Irmida, a qual nom tem capella, somente hé uma casa soo. E nella estaa hum alltar e sobre o dito alltar estaa huma imagem de Sam Pedro e outra imagem de Samtiagu, de vulto, velhas, de paa, e hum retavollo velho, desmanchado. E as paredes sam de taipa e hé cuberta de telha vã. Tem de comprido nove varas e de larguo seys. E estaa mal repairada.

<sup>6</sup> A Capela de Santo António edificada na zona histórica da Vila de Aljezur em 1628 viu-lhe ser autorizada a «Confraria do Bem Aventurado Santo António, da Vila de Aljezur» por Filipe III de Espanha (1621-1630). Pouco se sabe sobre esta capela entre a data da sua construção e o terramoto de 1755 que a destruiu quase por completo. A partir do século XIX passa a servir de habitação com as mínimas condições até à data da aquisição do imóvel por parte da Câmara Municipal de Aljezur. Restaurando a antiga capela, a Autarquia juntamente com a Associação de Defesa do Património Histórico de Aljezur decidiram instalar um Museu sobre a temática antoniana homenageando justamente o Santo António Santo Padroeiro.

<sup>7</sup> As primeiras referências alusivas ao estado de conservação da Ermida de Santa Susana encontram-se nas Visitações da Ordem de Santiago ao Algarve 1517-1518 com a seguinte descrição:[...] Visitámos a Dita Ermida de Samta Susana, a qual hé uma casa soo. E tem hum alltar de pedra e barro acafelado e em cyma do altar huma imagem de Samta Susana, de vulto, velha, pymtada de novo, com seu tocado. E as paredes da dita Ermida sam de pedra e barro, cuberta de telha vã. Tem de comprido cimquo varas e de larguo tres varas e meia. E as portas têm seu ferrolho e chave. E o portal da dita Ermida hé de arco. Tem a dita Irmida um chão defromte da porta pera adro, que tem de comprido treze varas e de larguo quimze varas, com seus marquos, que se começa de marquos que estaa na estrada que vay pera Lagos [...] Esta Irmida hé muito

Para além dos edifícios acima relatados, após o terramoto de 1755, também a Capela de Santo António, em Odeceixe, edificada numa elevação a nascente virada para nordeste, deixou de existir.

De «Portugal Sacro e Profano» do Padre António Carvalho da Costa apuramos os resultados dos censos publicados em 1767 demonstrativos da baixa densidade populacional e em perda contínua dos seus habitantes agravando ainda mais a falta de recursos para a recuperação e manutenção do património edificado:

«[...] Aljezur, Fregezia no Reino do Algarve [...] duzentos e noventa e tres moradores.  
Bordeira[...] cinquenta e nove vizinhos.  
Carrapateira [...] cinquenta e tres.  
Odeceixe [...] oitenta e tres vizinhos».

(Cardoso, 1767:30-100)

A memória do terramoto de 1755, as invasões francesas (1807-1811) a guerra civil entre liberais e absolutistas (1832-1834)<sup>8</sup>, e o desenvolvimento do pensamento progressista moderno que se criava no século XIX pelas novas correntes emergentes de pensamento liberal e romântico, juntamente com um maior desafoço económico, o crescimento demográfico, sobretudo urbano, a acentuada laicização do Estado, a secularização e o carácter político e social, permitiu que a relação dos portugueses com os vestígios do passado se aprofundassem realçando o valor arqueológico dos monumentos.

Tendo em conta todos os acontecimentos anteriores e embora segundo Joaquim Mariano Matoso em 1938 se verificasse um aumento populacional no concelho (Matoso, 1938:9), a situação social e económica continuava precária traduzida nos poucos investimentos na recuperação do património religioso existente.

---

antigua, que nom há hy memoria de homens que a fizessem [...] E tem huma pya d'agua bema e dous mamtees velhos.

Na mesma Visitação também apuramos os relatos sobre a Ermida de São Sebastião [...] Visitamos a dita lrmymda, a qual hé uma casa soo sem capella. E tem hum alltar de pedra e barro. E sobre elle estaa huma imagem de Sam Sebastião pymtada em hum retavollo velho. E as paredes della sam de taipa cuberta de telha vãa. E o portal da porta hé de camtaria lavrada e tem humas portas boas de castanho com ferrolho e fechadura. Tem de comprido tres varas e meia de larguo quatro varas e meia.

<sup>8</sup> Alastrada ao Algarve por José Joaquim de Sousa, vulgarmente conhecido por “Remexido” que defendeu a causa de D. Miguel durante a guerra civil entre 1832-1834, prolongando as colossais destruições e sucessivos saques das invasões francesas, que tornam hoje em dia muito difícil o estudo de certos edifícios devido à falta desta documentação desaparecida dos vários arquivos paroquiais do Algarve.

No entanto, o concelho de Aljezur, atualmente dividido em três paróquias, conseguiu manter até aos dias de hoje quatro Igrejas abertas ao culto em estado de conservação regular: a Igreja da Nossa Senhora da Piedade na freguesia de Odeceixe de construção anterior ao século XVI, a Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Alva, na freguesia e sede do Concelho de Aljezur construída após o terramoto de 1755, a Igreja da Misericórdia de Aljezur<sup>9</sup> que segundo Maria Helena Mendes Pinto e Victor Roberto Mendes Pinto poderá ter sido edificada no século XVI e a Igreja Matriz dedicada à Nossa Senhora da Conceição construída durante a primeira metade do século XVI. A Igreja dedicada à Nossa Senhora da Encarnação que, segundo consulta bibliográfica, poderá ter sido edificada no século XV e que se encontra encerrada ao público, excepto em ocasiões de celebrações fúnebres, atualmente encontra-se em mau estado de conservação.

Apesar das deficientes intervenções feitas nos templos existentes, adulterando-lhes a sua aparência original, e que dificilmente voltará a ser recuperada, este património cultural herdado dos nossos antepassados que constitui uma expressão dos valores, crenças, saberes e tradições regionais torna-se um elemento fundamental a manter para transmitir às gerações futuras.

Para que esta missão seja possível é necessário reconhecer o interesse público do património cultural, valorizá-lo através da sua identificação, classificação, estudo e interpretação. Premissa com a qual pretendemos contribuir com o desenvolvimento da presente dissertação.

---

<sup>9</sup> Helena Mendes Pinto e Victor Roberto Mendes Pinto na sua obra intitulada "As Misericórdias do Algarve" publicada em 1968 relatam que o aspeto tanto exterior como interior não condizem com a data grosseiramente incisa sobre o arco da porta (1577). Pelos documentos apresentados os autores concluem que esta Igreja tenha sido modificada várias vezes, até apresentar a feição actual – a de um templo da segunda metade do século XVIII.

O seu interior era de grande modéstia, com o altar-mor tal como hoje em dia vemos, possuindo o aspeto da reconstrução feita em 1821, embora permaneçam elementos e formas anteriores, tais como a pequena balaustrada e os entalhos laterais. Em 1968 data da publicação de "As Misericórdias do Algarve" o grau de estado de conservação era mau "demonstrando a pouca utilização da Igreja " (Pinto e Pinto; 1968:210). Atualmente, o seu grau de estado de conservação é considerado regular após obras de beneficiação do edifício ao longo do século XX. Anexo a este edifício encontrava-se o Hospital da Misericórdia cuja primeira referência ainda segundo os autores foi feita em 1569 onde atualmente se encontra instalado o Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Parda.

## 1.2. A prática e o culto nas Igrejas de Aljezur

Neste subcapítulo apresentamos um enquadramento sobre os usos e costumes da população local e sobre a sua relação com o património arquitetónico: devoção, liturgia, vivência religiosa e profana.

O contato da população de Aljezur com o cristianismo, iniciou-se em 1249 quando a vila de Aljezur foi conquistada aos mouros, durante o reinado de D. Afonso III, por D. Paio Peres Correia Mestre da Ordem de Santiago. A conquista e ocupação do castelo de Aljezur ao romper da alva levou os cristãos a agradecer a Maria o sucesso desta batalha e numa expansão da fé designaram-na como Nossa Senhora d'Alva a Padroeira de Aljezur. Com o desenrolar da História eclesiástica do concelho começa a assistir-se à construção das edificações das suas igrejas efetuadas ao longo dos séculos, conduzidas por inúmeros sacerdotes que fizeram parte da sua história e que conduziram a vida religiosa do povo de Aljezur durante mais de seiscentos anos através das suas igrejas paroquiais, testemunhas de uma época e da afirmação de uma cultura ao longo dos tempos tornando-se essenciais para o conhecimento da identidade deste povo e desta região.

Atualmente existem três paróquias neste concelho, a de Nossa Senhora da Piedade em Odeceixe, a de Nossa Senhora d'Alva em Aljezur e de Nossa Senhora da Encarnação na Bordeira.

A sua população maioritariamente rural e de base cultural mediana, subsiste desde sempre de práticas ligadas à agricultura, à pesca e tenta recentemente sobreviver de uma incipiente atividade turística.

Composta por gentes da terra e do mar as suas raízes culturais encontram-se ainda ligadas a tradições, comemorações, usos e costumes seculares que ao longo do tempo foram sendo passados de geração em geração e cujas memórias são hoje lembradas e vividas de forma diferente.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> No capítulo dedicado às "Histórias (ou Memórias) de Vida - os Arquivos Orais, Joel Candou utiliza as palavras de Borges (1989) para explicar a importância da oralidade na formação das memórias coletivas das comunidades afirmando que «As palavras são símbolos que supõem uma memória partilhada». Ainda segundo Candou «É, pois, a título justo que se vê na oralidade e nas histórias de vida os veículos privilegiados das memórias coletivas. Eles asseguram a passagem das formas privadas da memória às suas memórias públicas (Candou,2013:162).

Na obra de Joel Candou “Antropologia da Memória”, o autor cita Danièle Hervieu-Léger para definir a tradição como uma “autoridade transcendente” (Léger *apud* Candou, 20013:179). Na mesma obra o Candou refere que:

«[...] nunca a memória foi tão traiçoeira, indisciplinada, caprichosa como neste domínio da tradição e dos costumes em que, como se diz sempre, já nada é como dantes: antigamente os jovens respeitavam os velhos, as festas eram autênticas, etc. Efetivamente, nada é como dantes, mas a nossa memória esquecida não admite que isto é verdade para todas as épocas. Na realidade, nunca nada é como dantes e a teoria da continuidade («desde sempre») resulta de uma construção memorial fundada na lenda de uma permanência «secular» das práticas, embelezando o passado para chegar àquilo a que Bernard Crettaz chama beleza do resto, a sua arcaização e a fabricação de novas tradições. Esta mudança contínua é aliais o próprio sinal da vida e não de uma simples sobrevivência. Jean-Claude Schmitt refere justamente que uma crença, um ritual são sempre vividos e não sobrevividos, senão desaparecem.»

(Candou, 2013:179)

No entanto é cada vez mais evidente que a sociedade contemporânea se está a deixar seduzir pela memória e a valorizar cada vez mais o passado, tentando de alguma forma recuperar o que era o “antigamente”. Tanto as pequenas aldeias como as grandes cidades funcionam hoje como plataformas onde a memória, o património e a identidade se ligam através de rituais que podem passar por repetições de procissões ancestrais ou de simples visitas guiadas que funcionam como atividades contextualizadoras do património material e imaterial dessas comunidades ajudando na interpretação do património e identidade local.<sup>11</sup>

A repetição de rituais, nos quais se incluem as procissões, tem assim como objetivo provocar nos cidadãos uma consciência comunitária do valor histórico e da riqueza etnográfica do seu património coletivo, espelho da sua identidade cultural, mobilizando-o para a sua salvaguarda e proteção.

Podemos então dizer que a população deste conselho construiu a sua identidade baseada na sua história coletiva através de um processo complexo e dinâmico que passa pela manutenção e repetição de alguns rituais, todos eles ligados à agricultura pastorícia ou

---

<sup>11</sup> Se tivermos em conta as palavras de Joel Candou, compreenderemos que os testemunhos orais adquirem um forte valor patrimonial para as coletividades territoriais «que veem neles peças essenciais da cultura local como por exemplo nas histórias da vida quotidiana, antigos ofícios [...] festas de aldeias [e] práticas religiosas (Candou, 2013:163).

pesca, embora existam também exemplos do desaparecimento de uma série de outros rituais apagados da memória desta comunidade.

Entre a bibliografia consultada na obra de Emmanuel Correia intitulada “Alguns Apontamentos sobre o concelho de Aljezur” e o conhecimento comum atual sobre festividades litúrgicas e tradições, constatamos que se perderam recentemente muitas comemorações, descritas pelo autor entre os anos 1983 e 2015. As remanescentes são assinaladas de modo diferente, provavelmente, resultantes de interpretações menos fiéis ao conceito original, ou registando adaptações mais ou menos livres dos seus promotores e intervenientes.

Por outras palavras, porque a memória é flexível, ao recuperar as informações armazenadas no passado, a comunidade vai reconstruí-las com base em contextos e valores presentes que incluem neles já as perspetivas para o futuro. Podemos assim concluir que, de cada vez que a memória é usada e reutilizada, se vai atualizando.<sup>12</sup>

A origem da imensa maioria de rituais comemorativos, arriscando mesmo a totalidade, radica nas culturas e costumes populares onde as comunidades afirmam os valores culturais distintivos que as identificam e diferenciam.

Os grupos sociais, ao longo dos seus trajetos de convivência, formam certas representações de si próprios e recorrem às heranças<sup>13</sup> culturais do passado para, mediante interesses do presente, recordar parte (ou partes) desse mesmo passado. Por isso, a memória está intimamente relacionada com o processo histórico e com aspetos ligados ao poder e à comunicação.

---

<sup>12</sup> Segundo José Manuel Sobral «[...] a memória — que é ao mesmo tempo meio e mensagem — é social, porque é adquirida em determinado contexto, desenvolve-se em interação e através de práticas, experiências e códigos simbólicos partilhados, é estruturada pela linguagem e é parte do processo de reprodução social».

SOBRAL, José Manuel – Memória e identidades sociais – dados de um caso num espaço rural [em linha], volume XXX (1995), p.289-313. Atual .s/d. [Consult 4 abri. 2015]. Disponível na Internet:<URL: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223379819X4vIL9gj3Be03OZ0.pdf>>.

<sup>13</sup> A herança transmitida por gerações passadas, reflete-se na memória individual e coletiva de cada comunidade, através de experiências socialmente partilhadas, importantes catalisadoras de renovados relacionamentos entre as pessoas de uma ou várias localidades ou daqueles que, sendo vizinhos ou forasteiros, promovem o estreitamento ou confraternização conducente à continuidade de mais uma vertente de cultura local originando, na sua maioria, rituais específicos que fazem as características e a diferença entre cada uma delas.

Porque nos parece importante salientar o peso cultural destas lembranças no Concelho de Aljezur, entendemos dever relatar:

«[...] a Festa de São Luiz e bênção dos gados [que] remonta ao século XVII e era constituída por procissão com as imagens de São Luiz e São Sebastião e a aspersão de água benta sobre os animais de lavoura, levados pelos lavradores da zona, ao largo da igreja [...] 1 de Novembro [as] Festividades Todos os Santos, com a procissão das referidas imagens e a bênção dos gados [...] Festa da Senhora das Candeias; Festa das Almas; as festividades das Endoenças com a procissão dos painéis da Misericórdia na noite de quinta feira santa para a igreja matriz; e a procissão Real do Domingo de Pascoa».

(Correia, 1983:29-30)

Hoje, neste concelho, estas práticas traduzem-se principalmente nas comemorações abrangidas pelo calendário litúrgico. Passamos a descrever as ainda existentes: Procissão do Senhor dos Passos, no quinto domingo da Quaresma; Procissão de domingo de Ramos, no respetivo domingo; Procissão de Sexta-feira Santa (Enterro do Senhor Morto); Procissão das velas, no sábado mais próximo do dia 13 de maio de cada ano; Procissão no Portinho da Arrifana, no último sábado de julho; Procissão de São Pedro; Procissão da Nossa Senhora da Conceição, no primeiro domingo de agosto na localidade da Carrapateira e a Procissão da Nossa Senhora d'Alva no primeiro domingo de setembro. Salientamos ainda outras manifestações tradicionais eucarísticas inseridas no calendário das festas móveis, tais como: Epifania do Senhor celebrado no 1º domingo de janeiro; o Batismo do Senhor no domingo seguinte; a quarta-feira de cinzas após o carnaval; a Páscoa; a Ascensão do Senhor quarenta dias após a celebração do domingo de Páscoa; o domingo de Pentecostes logo a seguir à Ascensão do Senhor; a Santíssima Trindade no domingo seguinte; Santíssimo Corpo e sangue de Cristo; o Corpo de Deus; o Sagrado Coração de Jesus; o Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo; o domingo do Advento, e a Sagrada Família de Jesus Maria e José, que mantém a tradição e o sentimento de identidade coletiva.

Por último, damos nota da existência de uma comemoração, não considerada festividade religiosa nem constando no calendário litúrgico: A devoção das Santas Cabeças, que ainda hoje é celebrada, ainda que residualmente, na vila e concelhos limítrofes.

Fieis, ou não, ao antigo ritual devemos assumir a modernidade incorporando a tradição dinâmica, que reinventando, assume a continuidade dos valores tradicionais

reproduzindo-os com fidelidade melhorados sob contornos atuais, valorizando-lhe o desempenho por forma a sensibilizar as comunidades para rituais e tradições; isto é, abraçar o presente e o futuro no esteio do passado. Mas, não devemos confundir mito e tradição. Estes diferem na essência, sendo que o primeiro é uma narração que pode ser encarada como história, divertimento ou até lição que a sociedade ou comunidade pode aceitar ou recusar sem consequências. A tradição afirma elementos estruturais que promovem laços e atitudes criativas nos intervenientes.

Esta atitude é suficientemente importante para podermos manter e ampliar a integridade do coletivo, a memória do grupo<sup>14</sup> e os laços de afeto que interagem e ligam a comunidade, bem como, a partilha entre outras sociedades ou grupos atuando como vetor na construção e troca de experiências e “saberes” fundamentais na construção e revalorização das comunidades, disponibilizando-as como guia de gerações futuras, ou estaremos incluídos no conceito ficcional literário e mitológico das figuras de Jorge Luís Borges no “Livro dos Seres Imaginários”, que nos apresenta um pássaro que “constrói o seu ninho ao contrário e voa para trás, porque não se preocupa em saber para onde vai, mas si donde vem” – o “Goofus Bird”.

(Borges & Guerrero, Apud Candou, 2013: 9).

---

<sup>14</sup> Segundo Joel Candou na sua obra “Antropologia da Memória «[...] por mais individuais que sejam as nossas memórias, elas são apesar de tudo estruturadas, e até os seus mecanismos cerebrais são afetados pela natureza coletiva, social, do nosso modo de vida de seres humanos».

### 1.3. A importância do turismo Religioso para o Concelho de Aljezur

Legado arquitetónico e cultural, o Património religioso português representa um vasto e riquíssimo espólio constituindo-se como um elemento fundamental da nossa própria identidade como povo e nação, assumindo um lugar ímpar na multiculturalidade global. Procurando uma comunhão com divino nas suas práticas religiosas ao longo dos séculos, este tipo de Património com a sua arquitetura, eleva o espírito, mergulhando os fiéis num ambiente de recolhimento e de interioridade, assumindo-se enquanto realidade multifacetada e símbolo identitário, adquirindo uma visibilidade e uma presença crescente nas preocupações de indivíduos e entidades vocacionadas para a intervenção na gestão do território.

«Esta preocupação crescente com o Património e o seu papel de potencial contributo para o desenvolvimento económico tem contribuído para reforçar a sua importância social».

(Silva, 2004:59)

Consciente desta premissa, a Autarquia do Concelho de Aljezur teve em conta umas das linhas mestras do PENT ( Plano Estratégico Nacional do Turismo) no que diz respeito ao desenvolvimento do turismo sustentável:<sup>15</sup>

«[...] potenciando cadeias de valor relacionadas, dinamizando a economia local, conservando o meio ambiente e fomentando práticas ambientalmente responsáveis por parte de todos os agentes e, demonstrando que o turismo não só destrói como adiciona valor e qualidade de vida».

(PENT, 2015:10)

Neste contexto, a preocupação pelo património religioso começou a ser uma realidade na autarquia do concelho de Aljezur, onde nos últimos anos tem promovido o

---

<sup>15</sup> «O PENT (Plano Estratégico Nacional do Turismo) foi lançado com o objetivo de servir de base à concretização de ações definidas para o crescimento sustentada do Turismo nacional e orientar a atividade do Turismo de Portugal, IP, entidade pública central do setor, como a dos seus parceiros públicos e privados no quadro de uma cooperação efetiva. Assumindo o Turismo como atividade transversal, determinante para o desenvolvimento económico, social e cultural, este plano tem ainda a função de articular as políticas definidas para o setor com outras áreas, nomeadamente o ordenamento do território, o ambiente, o desenvolvimento rural, o património cultural, a saúde, o desporto, as infraestruturas e o transporte aéreo» (PENT, 2015:9).

desenvolvimento de atividades de estudo e divulgação direcionadas para a sua valorização, salvaguarda e promoção. Embora este esforço seja uma realidade ainda não apresenta resultados expressivos devido a falta de visão e estratégia por parte de alguns dirigentes da autarquia.

Queremos no entanto assinalar algumas ações que espelham o resultado deste interesse tais como: a criação de roteiros onde este tipo de património se encontra incluindo, apoio ao estudo e divulgação de obras temáticas escritas sobre as Igrejas existentes no concelho e divulgação online.

Também cientes da importância do Património Religioso e do papel que este representa para a vivência das populações, motivadas pelo conhecimento espiritual e cultural, a Paróquia de Aljezur neste momento leva a efeito obras de reconstrução e recuperação parcial da Igreja Matriz da Nossa Senhora d'Alva na sede do concelho, edifício caracterizado pela época Neoclássica e de interesse acrescido.

Detentor de um património monumental balizado entre os séculos XV e XIX, este concelho procura um lugar de reconhecimento no setor do turismo religioso à semelhança de outros concelhos adjacentes como é o caso de Lagos e Portimão, onde a procura por este tipo de atividades já detém um considerado peso cultural e económico.

Atualmente, o concelho de Aljezur não tem a atratividade comparável aos concelhos limítrofes porque geograficamente se situa numa estreita faixa essencialmente litoral, mal servida por infraestruturas viárias, com uma densidade populacional muito baixa por via da desertificação constante e acelerada pela procura de melhores condições de vida e falta de investimentos que contrariem com eficácia esta ação.

Assim, o Património Arquitetónico Religioso tem vindo a sofrer consequências lamentáveis que se refletem no estado de conservação quer dos edifícios quer do espólio existente, em risco, caso não sejam tomadas medidas conscientes e programadas de forma a prevenir o seu desaparecimento.

Este tipo de medidas poderá vir a desencadear o desenvolvimento do turismo religioso sustentável desta região, contribuindo desta forma para a potenciação dos recursos ambientais, territoriais e sociais destas regiões mais desfavorecidas, traduzindo-se num importante fator de desenvolvimento. É preciso as entidades intervenientes continuarem

a desenvolver ações e atitudes positivas no sentido da revalorização patrimonial de modo a que os agentes turísticos possam constituir-se como parceiros de uma divulgação consistente e suficientemente atrativa para captar, manter e ampliar o público-alvo deste tipo de atividade do turismo religioso.<sup>16</sup>

Retomando as linhas orientadoras criadas para o PENT de 2015 direcionadas para a sustentabilidade como modelo de desenvolvimento que englobam a preservação e potenciação do património histórico-cultural, deveremos apostar na utilização de:

«[...] elementos de cultura local na arquitectura [...]»

.Incentivar e apoiar a recuperação de monumentos, museus e outros marcos históricos locais.

.Incorporar a histórias, tradições e cultura locais nos roteiros e eventos regionais.

.Dinamizar a cultura e conteúdos locais.

(PENT, 2015: 33)

No âmbito da atividade turística a especificidade do turismo religioso vem demonstrando uma integrante atividade geradora de avultados recursos financeiros com retorno equivalente, movimentando multidões e suscitando uma atividade económica tão diversa que hoje em dia bem estudada e aproveitada pode ser um fator determinante para o aumento da produção industrial, levando ao conseqüente aumento de postos de trabalho, originando desta forma um considerável impacto no território, que aqui nos interessa aplicar. Se conseguirmos redirecionar a crescente procura por este tipo de património para o concelho de Aljezur, tornando-o numa fonte sustentável, conseguiremos desta forma apostar na sua salvaguarda e proteção.

Retomando as palavras de Emmanuel Correia proferidas no ano de 1992:

«Saibamos conservar esta herança que nos legaram, sejamos os responsáveis pela sua conservação porque se assim fizermos teremos em parte cumprido o nosso dever, porque salvaguardar o património natural e monumental é uma forma de contribuição segura e válida no progresso de uma região».

(Correia, 1992:9)

---

<sup>16</sup> Tendo em conta uma “maior capacidade de atuação e enfoque no desenvolvimento da oferta a nível local e regional” (PENT, 2015: 32).



## **CAPÍTULO II**

### **Património Religioso no Concelho de Aljezur**



## 2.1. Enquadramento

O presente capítulo pretende fazer uma abordagem global sobre informações históricas de quatro Igrejas do Concelho de Aljezur que têm como Padroeira Maria, Mãe de Jesus, representada em escultura sob invocações diferentes cujos parâmetros se situam entre o final do século XV, e século XIX:

- Igreja Matriz de Odeceixe, Nossa Senhora da Piedade;
- Igreja Matriz de Aljezur, Nossa Senhora d'Alva;
- Igreja Matriz da Bordeira Nossa Senhora da Encarnação;
- Igreja da Carrapateira, Nossa Senhora da Conceição.

Esta análise começa por se basear nos dados recolhidos durante as Visitações de representantes da Ordem de Santiago que, na centúria de quinhentos, percorreram as Comendas e os Padroados a ela pertencentes na Península de Setúbal, no Alentejo e no Algarve. Tais Visitações exerceram ação regular de fiscalização dos bens, proventos e moralização de priores por intermédio dos seus Mestres ou por visitantes nomeados e fiéis, que escrituravam com cuidado sobre tudo quanto era visitado.

São também tidas em conta as transcrições das Memórias Paroquias, retiradas do inquérito realizado por ordem do Marquês de Pombal (1699 -1782) e compiladas pelo Padre Luís Cardoso (1694 -1769) sobre respostas obtidas pelos párocos no interrogatório com o qual se obteve informação exaustiva acerca de condições geográficas, demográficas, administrativas, religiosas, sociais, económicas, judiciais e outras consideradas dignas de atenção (pessoas e bens), assim como a dimensão e extensão dos danos provocados pelo terramoto de 1755.

Este trabalho fundamenta-se ainda em documentação existentes no Arquivo Histórico da Diocese de Faro, publicações, e outros relatos, destacando as campanhas de obras, principais mecenas, intervenções de conservação e restauro de edificações e reedificações antes e após o grande sismo de 1755, cujo efeito demolidor provocou vastíssima destruição patrimonial de pessoas e bens resultando numa perda identitária, em muitos casos irreparável, de um vasto património material e imaterial. Do que até

hoje subsistiu, damos conta descritiva de características no âmbito estético e artístico, estado de conservação e espólio de arte sacra, permitindo-nos conhecer as suas histórias, contribuindo sobretudo para um inventário de memória futura e, por conseguinte, como um instrumento de preservação patrimonial da maior relevância.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup>Que segundo a Empresa *Sistemas do Futuro* que tem como missão “dar uma nova dimensão ao Património Cultural e natural através das novas tecnologias” vem na elaboração de inventários uma das medidas fundamentais, estabelecidas e aprovadas na Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial pela UNESCO a 17 de Outubro de 2003, para a salvaguarda da diversidade das manifestações e expressões culturais [...] a base para empreender outras medidas de salvaguarda tais como: diagnosticar, documentar, investigar, conservar, preservar, proteger, divulgar, valorizar e revitalizar. In Memória – Gestão do Património Imaterial [em linha]. Atual s/d. [Consult. 03 julh. 2015]. Disponível na Internet:<URL: [http://www.sistemasfuturo.pt/produtos\\_gp\\_inmemoria.aspx](http://www.sistemasfuturo.pt/produtos_gp_inmemoria.aspx)>.

## 2.2. Igreja Matriz de Odeceixe

Entre a serra e o mar, a brisa marítima, o ar puro dos pinheiros e eucaliptos encontramos o primeiro aglomerado habitacional do barlavento algarvio: Odeceixe. Hoje pertence esta vila ao concelho de Aljezur e distrito de Faro onde desde épocas longínquas inúmeros povos se terão fixado nas suas terras, sendo a permanência e a civilização árabe a que pontificou até à conquista do reino do Algarve.<sup>18</sup>

Episódios de conquista e reconquista territorial sobejamente conhecidos levam-nos a 12 de Novembro de 1280 quando o Rei D. Dinis (1261-1325) concedeu Foral a Aljezur, renovado por D. Manuel (1469-1521) em 1504.

Em 1297, esta parcela da região que se estendia até ao planalto da Fóia em Monchique, foi entregue ao senhorio da Ordem de Santiago da Espada (Ventura, 2014) que exercia ações de fiscalização de bens e moralização quer de priores quer de fiéis fazendo deslocar Visitadores aos locais sob sua jurisdição.

Com o desenvolvimento e a prosperidade da povoação durante a segunda metade do século XV, devido ao notável incremento das atividades económicas e agrícolas desenvolvidas nos campos férteis e moagens feitas por engenhos de água que proliferavam na região servido, além disso, por um porto comercial à semelhança de Aljezur, Odeceixe reunia as condições necessárias para construir mais habitações, organizar o povoado e conduzir uma vida religiosa em torno de três templos: a Igreja Matriz, dedicada à Nossa Senhora da Piedade, uma pequena capela sob a invocação do Espírito Santo anexa ao Hospital da Misericórdia e a Ermida de Santo António.<sup>19</sup> Destes templos, apenas resta a Igreja Matriz ainda que alterada na sua configuração original

---

<sup>18</sup>Segundo alguns geógrafos esta povoação deve o seu nome aos árabes ou ao rio, na margem do qual está situada. Este rio denomina-se “Seixe”, e os mouros chamavam-lhe “Wade-Seixe” ou “rio de Seixe”, nome que depois passou à povoação com o topónimo atual “Odeceixe”.

<sup>19</sup>Segundo Emmanuel Correia, a origem da construção da Capela de Santo António, encontra-se ligada a uma lenda que relata as lutas travadas entre cristãos e mouros. Estes, desejosos de recuperar o território perdido, levaram a cabo uma investida nesse sentido, nesta altura já o rio de Odeceixe era navegável em considerável parte do seu percurso, permitindo aos mouros atacar os cristãos através da via marítima. Pelo crepúsculo chegaram os mouros a Odeceixe, na madrugada de um dia, que a narrativa lendária omite. Os mouros assistiram estupefactos à saída de um numeroso grupo de pessoas de uma só casa assustado o Chefe da missão, que o levou a ordenar a suspensão da invasão com o seguinte raciocínio: se de uma casa sai tanta gente, que será de todas as outras.

após o terramoto de 1755, também responsável pela severa destruição dos outros dois lugares de culto religioso, que jamais voltariam a ser reconstruídos.

Não se conhece a data exata da construção desta igreja, porém, conseguimos obter informações credíveis, que nos permitem situar a sua edificação anterior ao século XVI porquanto, em 12 de dezembro de 1517 com a iniciação do roteiro das Visitações da Ordem de Santiago em Aljezur, continuadas para Odeceixe, através de descrições pormenorizadas dos templos, das vestimentas inventariadas e objetos de culto, cujo valor artístico e estado de conservação aqui nos interessa estudar (Calapez, Fernando; Viegas, António, 1996:8).<sup>20</sup>

O pedido de edificação desta estrutura religiosa deverá ter sido motivado pelos moradores de Odeceixe, que devido a diversos constrangimentos - mormente a grande distância a que estavam da Igreja Matriz de Aljezur - impedia a administração regular dos sacramentos para além das suas intenções espirituais e, certamente, a necessidade de emancipação e autonomia, à semelhança da justificação produzida para a construção da Igreja Matriz da Bordeira.

A edificação medieval da dita “Irmyda”, com sete varas de comprimento e cinco de largura era um edifício simples com paredes de taipa “acafeladas de caall e olivelladas” e duas portas com aros em pedra, localizada fora do aglomerado, mas próxima, implantada num morro, orientada a nascente onde o adro da dita igreja tinha:

«[...] de comprido da porta principall até ho cabo do adro dez varas”. E da porta travessa da porta (sic) da sull nom tem nenhum adro. E da parte da Igreja da parte do norte até ho cabo do adro tem XVII varas. E nas costas da ousia nom tem nenhum adro. E posto que diga que da parte do sull nom tem adro, tem cimquo varas e d’arredor tem cemto e doze varas. E fica todo dem[ar]cado com marcos».

(Calapez, Fernando; Viegas, António, 1996:43)

De uma só nave e com o arco da ousia em madeira, o interior de pavimento lajeado, e telhado de telha vã, apresentava um altar-mor de taipa rebocada, inserido numa capela com dois degraus antes dele. Sobre o altar encontrava-se um tríptico pintado com as

---

<sup>20</sup>No entanto, Ruy Ventura no artigo dedicado à Igreja Matriz de Odeceixe, faz uma aproximação da data da sua edificação entre início do século XIV aquando da entrada do termo de Aljezur no senhorio santiaguista com a data de 1297 e finais do século XV, período que corresponde à época de expansão portuária da localidade.

representações de Nossa Senhora, São Francisco e São Miguel.<sup>21</sup> Nas ombreiras ostentava dois altares, um com um retábulo em muito mau estado e “huns papees” de imagens em cima deles. Na entrada da porta principal do lado direito encontrava-se uma pia batismal em pedra, em bom estado e uma pia de água benta.<sup>22</sup>

Denotando o estado precário em que se apresentava o altar-mor da Igreja, o Visitador ordenou a criação de um novo aos “fregueses”, onde deveria constar um retábulo para uma nova imagem de Nossa Senhora colocando-a no centro deste, pois também ela estava bastante danificada. Na parte direita do retábulo deveria ainda colocar-se o “Amjo Samiguell” e do lado esquerdo “o Apostollo Samtiaguio armado e a cavallo”. No decurso destas obras os “fregueses” tinham ainda a obrigação de enriquecer a Igreja com pinturas murais, onde constassem as representações de “Samto Amtonio” e de “Sam Sebastião”, e pintar no “cruzeiro de matiz”, a imagem do crucifixo com a Nossa Senhora e “Sam Joham” ao pee (Calapez, Fernando; Viegas, António, 1996: 46).<sup>23</sup>

O interior desta Igreja primitiva revelava um edifício pobre que por altura de quinhentos apresentava um estado de conservação precário e toscos critérios estéticos de época manuelina, como a pia batismal que acima referimos. No entanto, a Igreja que estava apta para a celebração do culto divino, apresentava um espólio bastante abonado para um templo, que as fontes bibliográficas referem ter sido edificado a expensas dos seus moradores:<sup>24</sup>

«Hum fromtall de linho pymtado que estaa no altar; Item, Tres toalhas lavradas de pomto real; Item, Humas toalhas framcesas; Item. Huma cortina de pano de linho que estaa no altar moor; [Item], E nos altares do corpo da Igreja estão duas cortinas d'estopa que servem de fromtaees; Item, Hum callez de prta bramco, novo e boom, que custou três mil e duzentos rs,

---

<sup>21</sup>Ainda segundo o mesmo autor a representação da Nossa Senhora que no seu artigo denomina de Virgem Maria acredita que se devia tratar de uma obra antiga, de tradição gótica do século XV, certamente associado ao Descimento da cruz, associado ao título de orago, a Senhora da Piedade.

<sup>22</sup>Ao longo do texto é possível verificar que a pia batismal descrita durante a visita de 1517, ainda é a mesma que existe na Igreja Matriz até aos dias de hoje, conseguindo sobreviver à provável reedificação de um novo templo e das consecutivas e às várias obras que se realizaram ao longo dos anos da nova Igreja Matriz.

<sup>23</sup>Sob a pena do Visitador, os “fregueses” ficavam responsáveis por fazer as obras às suas custas e com a obrigação de reparar e cuidar das coisas tal como a prata e os ornanemtos, assim mandou o Visitador”que se faça sempre”.

<sup>24</sup>No livro de Visitações de 1517 pode-se ler: A qual Igreja dos ditos moradores fizeram a as suas prop [r] ias custas, bem como obrigados ao repairo della em todallas cousa e assy na prata e ornamentos. E assy mamdamos que se faça sempre.

o qual deu Marcos Gonçalvez, morador no dito loguo. E no pee dele tem huma cruz; Item, Huma cruz de metal de folha de framdes; Item, Huma vistimemta de chamalote forrada de pano de linho e tem hum savastro de pano pymtado roxo, o qual diz Hoham Diaz e sua molher; Item, Huma pedra d'ara que estaa no altar moor; Item, Hum missal mistico.

Item, Hum baustisteiro de letra de pena; Item, Duas galhetas d'estanho; Item, Humas comstityções do Bispado; Item, Huma campãa com que tamgem a Deos, gramde; Item, Outra campãa piquena; Item, Hum trobollo de metal; Item, Huma estamte do alltar; Item, Huma caldeira d'agua bemta com seu isope; Item, Sete mamtees d'estopa e de linho; Item, Huma cadeira de paaio; Item, Humas ambullas de Olyo; Item, Duas tochas e hum cirio pascoall; Item, Huma arquã gramde em que estão os ornamentos e outra piquena em que estaa o dinheiro das deceplynas; Item, Duas collmeas».

(Calapez, Fernando; Viegas, António, 1996:44)

Se por um lado as determinações das visitas de 1517 referem a necessidade de construir novos altares, colocar no templo novas representações em pintura, e a inventariação do seu espólio, a visita de 1525 enuncia-nos a primeira descrição sobre o estado de conservação deste, verificando que nessa época estariam os "fregueses" muito mal servidos, tendo ordenado o Visitador que a primitiva Igreja fosse "derribada por ser de "pedra e barro" e se encontrar muito danificada" e no mesmo local se construísse novo edificio, de pedra e cal "por ser mays forte he durar pera sempre", conforme pretensão dos moradores (Antunes: 1989:80-85).

A dita "ermyda" primitiva, e a sua traça original encontravam-se agora na eminência de desaparecer, conforme consta no livro de visitas de 17 de janeiro de 1526 levando, hipoteticamente, à construção de um novo espaço.

Da leitura e confrontação de fontes, não se consegue apurar a veracidade de tal operação, no entanto, numa descrição do dia 6 de Março de 1527 feita por "Afonso Rodrigues priol de Samta Maria de Palmela [...] prevedor das Igreyas he fabrycas do Mestrado de Samtyago" que tomou conhecimento de um alvará de provimento apresentado pelos moradores, ordena que o dinheiro da fábrica se gastasse "em fazerem a igreja:

«[...] a dyta igreya se começa agora de fazer he a achercentaram mays dez palmos de compydo toda de pedra he cal com seus portais he arco da capela-mor todo de prdrya muito bem hobrado he tem já dados aos hofycayas sete mil reais he pera se aver de acabar a dita igreya à hy dynheiro em abundançam Deus seya louvado.

A dyta igreya tem necycdade de huma vestymta boa de seda».

(Antunes, 1989:85)

Por conseguinte, desconhece-se se esta descrição corresponde a uma obra feita completamente de raiz, ou, apenas se acrescenta à Igreja existente os “dez palmos de compydo”. Apesar de não conseguirmos avaliar a veracidade dos factos, podemos idealizar a composição da nova Igreja que ali se mandou edificar pelos relatos feitos durante as visitas do ano de 1554, que descrevem este templo situado a “llevantado a ponente”, com a orientação canónica da Igreja primitiva, mantendo certamente a aparência que lhe fora conferida em 1527, apesar de algumas alterações” (Ventura, 2014:22-23):

«[...] “com 14 palmos d’alto, de comprido 40, e de largo 24”[...] A porta principal he de ponto, de pedreira da terra, tem d’alto 12 palmos, de largo 6, nelle huas portas de castanho quebradiças [...] E da banda do sul tem hua porta de pedreira de ponto, tem d’alto 8 palmos, de largo 4, dessem por elle por dous degraos à Igreja [...] Da banda do norte tem hu arco cõ hua campã meã, sobe-se della pet hua esquada que vai da banda de fora per 14 degraos. Tem adro demarcado».

(*Visitação das Igrejas Algarvias*, 1988:17)

No interior, a capela principal que era quadrada com paredes de alvenaria, com vinte palmos de altura, dezasseis de largura e dezasseis de comprimento, com as paredes forradas de castanho de “emgado, de três ágoas, de novo”, conservava a mesma estrutura simples, iluminada a sul por uma fresta “sem ençerado nem vidraça” que hoje se mantém, mas devidamente protegida.

Na capela existia um altar de alvenaria, com nove palmos de comprimento cinco de altura e três de largura, com um painel velho com portas, pintado sob o tema “O Descimento da Cruz”. O arco redondo, de pedra com catorze palmos de altura, onze de largura, era limitado com grades.<sup>25</sup> No lado direito desta capela, o altar de alvenaria com seis palmos de comprimento, cinco de altura e quatro de largura tinha pintada na parede a representação de São Sebastião. No lado esquerdo, e do mesmo modo, apresentava um altar igual com a Nossa Senhora do Rosário. No corpo da Igreja, a parede norte apresentava as pinturas murais de Nossa Senhora, São Bartolomeu, Santa Águeda e na

---

<sup>25</sup> Este arco manuelino pertencente à capela-mor foi levantado em 1527 e alteado depois de 1565, no âmbito de uma atualização do presbitério, na qual foi posto à descoberta na Igreja Matriz aquando das últimas obras de intervenção em data imprecisa.

parede sul, as de Santo António, Santo Antão e Santa Catarina. Todas estas representações denotavam aspeto envelhecido e degradado.

No interior da igreja, no lado norte, estava a pia batismal que se pensa ser a mesma de 1517 “de pedra da terra, redonda, oitavada com sa vasa e meia coluna do mesmo, cõ sua tapa de pao, cercada de grades.” (*Visitação das Igrejas Algarvias*, 1988:17).<sup>26</sup> Não possuía sacramento e os Santos Óleos encontravam-se limpos e lavados dentro de uma caixa feita de madeira. O chão era de argamassa e o telhado forrado a tábuas de castanho.

Figura: 1.1 - Pia Batismal Manuelina da Igreja Matriz de Odeceixe



Fonte: Fotografia de José Melo, 2015

A igreja era ainda detentora de vários corporais, prata, ornamentos, toalhas e metal, que à semelhança da Igreja primitiva mantinha um rico espólio. Da comparação feita com o inventário durante as visitas de 1517, verificámos que este não correspondia ao descrito na visita de 1554:

«Dous pares de corporais sem guardas e sem caxa e que andem; Duas pedras d’ara com suas camisas; Dous misais romãos, hu novo e hu velho; Hi baustistério romão; Hua crus de prata branca, da feição d’avis, lavrada de ramos, o cano lliso oitvado de crasteria com hu crucifício em branco cõ sua forma de pao dentro. [...]; Hu callix de parta dourado, todo lliso, com huas lletras à roda – Pacem Meam – [...] Hu cálix branco, velho e quebrado, avia-se de mandar conconcertar [...]; Hua vestimenta de todo comprida, de damasco branco,

<sup>26</sup>O sacramento do Batismo, de que a Pia Batismal foi peça indispensável é o primeiro dos Setes Sacramentos e o neófito recebendo pela primeira vez as três Pessoas da Santíssima Trindade, recebendo simultaneamente os sete dons do Espírito Santo. A Teologia Católica admite ainda sete virtudes, sete obras de misericórdia de carácter corporal e sete dores na História da Virgem Maria e também sete pecados capitais, entre uma longa enumeração de assuntos temáticos, onde o símbolo sete marca o psiquismo inalterável da sua presença (Correia, 1992:110).

savastro de veludo carmesã framinado de retrós branco, forrada de bocaxim. Boa; Hua vestimenta de todo comprida, de chamelote vermelho, com svastro do mesmo, verde, framiada de retrós de cores, forrada de bocaxim. Nova; Hua vestimenta; Hu frontal de chamelote vermelho, branco e verde, framiado de retrós de cores, forrado de bocaxim. Hus três frontais de capa de chaul, velhos; Hu pallio de damsco carmes i com os alparavazes framiados de retrós de cores e no meio hua pombinha lavrada de citim branco. Bom e novo, de quatro varas; Seis toalhas de frandes; Onze toalhas de llinho, onestas; Onzes manteis. Três cortinas de llinho; Huas gallhetas velhas, avia-se de prover;Três castiçais de cano, d’açofar; Hus ferros dóstias, de sepulcro e de coluna; Hua bacia d’oferta; Hua arca de nogueira em que se metem os ornamentos da Igreja».

(*Visitação das Igrejas Algarvias*, 1988:17-19)

Decorridos nove anos, as visitas de 1565 falam-nos de reparações pouco significativas no seu interior, referindo-se apenas à inovação da construção de um novo retábulo pintado e dourado em três partes e “nelle hum emcasamento”, onde estava colocada a imagem de “Nossa Senhora de vulto”.<sup>27</sup> Perto do retábulo estava um armário embutido com uma porta dourada que funcionava como sacrário, que até esta data não possuía.<sup>28</sup> Dentro deste, pintado de cor amarela, existia um cofre forrado no exterior, a tela de ouro e no interior veludo azul, onde estava o Santo Sacramento.

A pia batismal de pedra mantinha a posição anterior, cercada de grades, que no interior albergavam um armário onde estavam os santos óleos já referidos na visitação de 1554.

Como consequência da visita de 1665 ordenou o Visitador a construção de uma capela batismal para resguardo da respetiva pia, a ladrilhagem do chão de toda a igreja e ainda a colocação de um expressivo crucifixo de vulto sobre o arco da capela-mor. Comparados os espólios de 1517, 1554 e 1565 voltamos a verificar, a falta de correspondência entre eles, relatando sempre a existência de itens diferentes em cada um, e entre si. De 1565 temos conhecimento da existência de uma custódia de prata colocada, hoje, dentro de um sacrário secundário, num compartimento nos fundos do altar-mor, ao qual não tivemos acesso:

«Huma crux boa, de parta, de castelos no pee.....I crux  
 Dous calizes de parta sobredourado, hum e outro, bramcos.....II  
 calizes  
 Huma custodia de prata sobredourada, d’obra romana, nova e bem obrada, com suas  
 vydraças.....I custódia

<sup>27</sup>Pensa-se que esta imagem de vulto perfeito, tenha sido a primeira escultura em madeira policromada com decoração dourada e que poderá ser a mesma imagem que no ano de 2013, restaurada por Laura Romão.

<sup>28</sup>Cumprindo a exigência anterior do Visitador.

Duas vestimentas, huma de damasco bramco e outra de chamalote cramysim, ambas compridas, usadas.....II vestimentas  
Outra vestimenta de chamalote preto, usada.....I vestimenta  
Tres frontaes, hum de chamalote e dous de godomiçis.....III frontaes  
E as mais cousas que haa na igreja, meudas, estão em aventayro no livro da igreja».

(Martins, Luísa Fernanda Guerreiro; Cabanita, Padre João Coelho, 2001-2002: 265-266)

Decorridos aproximadamente cento e quarenta e oito anos após o conhecimento da construção da primeira Igreja, o caminho da comunidade cristã de Odeceixe, que assistiu à edificação do primeira “ermyda” e à suposta construção ou alteração para um novo templo dotado de melhores condições quer na sua arquitetura, quer no próprio recheio, viu a vontade e necessidade de procederem à reconstrução da “sede material da sua devoção cristã”, (Ventura, 2014:26) pois os cerca de quarenta metros quadrados de área útil da nave deveriam ser muito restritos para o número de assistentes.

Entre 1665 e 1755, não é conhecida qualquer diligência de conservação ou manutenção, que os fiéis considerassem relevante reportar ou registar, pelo que este período não permite algum tipo de cogitação. Após o terramoto de 1755 que se fez sentir intensamente por todo o Algarve, as notícias e os relatos fazem-nos saber apenas danos ligeiros, que logo foram reparados, levando-nos a concordar com a afirmação de Ruy Ventura (2014) quando diz que a imagem do templo em 1758, exposta na memória paroquial da freguesia, corresponderia grosso modo à estrutura herdada de decénios anteriores.

Continuando a pertencer à Ordem de Santiago, “provida de pároco pela Mesa da Consciência” e sujeita à jurisdição da vila de Aljezur, a Igreja de uma só nave mantinha como seu Orago Nossa Senhora da Piedade, assinalado numa imagem sobre uma “tribuna de entalho dourada” diante da qual estava o altar-mor onde se encontrava o sacrário. Mantiveram-se pormenores das obras de 1527, ainda hoje visíveis, tais como: o arco da capela-mor onde permanecem os pormenores de calcário trabalhado, com esquinas chanfradas e a sua base decorada com duas esferas em cada lado, e acrescentado de alguns centímetros em altura. Este aumento foi executado, por certo, com material diferente do original.

Figura: 2.2 - Arco Manuelino da capela-mor da Igreja Matriz de Odeceixe



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Pelos relatos anteriores mencionados, podemos então concluir que se tenha procedido a uma ampliação e reestruturação do edifício em que se manteve um campanário a meio da fachada norte, se construiu o “baptisterio” e se procedeu ao alteamento da capela-mor, entre finais século XVI ou princípio do século XVII, alterações estas, que se prolongaram até finais do século XIX. Das memórias paróquias de 1758 extraímos a informação que por esta altura a igreja teria quatro altares, sendo um, o altar-mor onde estava o calvário do Santíssimo Sacramento, e mais três altares, dois colaterais: o do Senhor Jesus e o da Nossa Senhora do Rosário e um lateral na parede sul, dedicado às Almas do Purgatório.

Dos dados sobre o conteúdo das visitas decorridas entre 1517/1565 restam as invocações antigas patentes nos altares existentes contemporâneas ao Concílio de Trento (1545-1562), tal como a evocação da Nossa Senhora do Rosário representada por uma escultura barroca da primeira metade do século XVIII, desaparecida há cerca de quatro décadas. Embora tenhamos conhecimento da existência de suporte fotográfico desta escultura, a sua deficiente qualidade leva-nos a não o incluir neste trabalho. <sup>29</sup>No

---

<sup>29</sup> Lopes, Maria Inês Afonso - *O Sentido das Imagens. O Retábulo das Almas da Igreja de Santa Clara do Porto* [em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de Mestrado. Atual s/d. [Consult. 8 abr. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55910/2/tesemestmariaineslopes000127501.pdf>>.

entanto, seria interessante num futuro próximo, a sua análise enquanto importante veículo ideológico e documento auxiliar de memória (Lopes, 2010:206).<sup>30</sup>

Nesta década foi ainda introduzida a adoração ao “Senhor Jesus”, porventura representada por um dos dois Cristos crucificados ainda existentes na Igreja, e acrescentadas duas esculturas, uma nova imagem de São Sebastião do século XVIII, em mau estado apresentando marcas de insetos xilófagos ativos, mas ainda exposta na Igreja para veneração, e um Menino Jesus de pé, por datar, com uma coroa de prata e o corpo coberto por vestimenta branca.<sup>31</sup>

A execução da pintura mural “ECCE HOMO” num medalhão sobre o arco da ousia, acerca da qual nos surge a discrepância da datação situada entre finais do século XVII, princípio do século XVIII ou segunda metade do século XIX, é, atualmente, a única pintura mural de representação humana, nos templos do Concelho de Aljezur, continuando a longa tradição de representação de “frescos” já existentes em 1524 conforme é apontado pelo visitador da Ordem de Santiago.<sup>32</sup>

Figura: 2.3 - Pintura a Fresco do ECCE HOMMO patente na Igreja Matriz de Odeceixe



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Pela bibliografia consultada, fontes fidedignas atuais, e observação “in loco” concluímos que entre os finais do século XVIII e princípios do século XIX, com uma possível alteração

---

<sup>30</sup>Consultar o artigo Notas Sobre a História da Igreja Paroquial de Odeceixe, de Ruy Ventura, para ter acesso à imagem referida.

<sup>31</sup>E porque as histórias fazem-nos sempre acrescentar o conhecimento, relatamos aqui a fonte da sua origem: esta peça foi doada por uma devota (D<sup>a</sup> Custoidinha) da igreja cristã, que adorava o seu “Menino” quando decidiu tornar-se testemunha de Jeová doou esta peça à igreja.

<sup>32</sup> As primeiras datações são defendidas por Ruy Ventura e a última por Emmanuel Correia que reforça a sua opinião através das conclusões das obras de restauro feitas por volta de 1880, ano em que se deve ter pintado o Ecce Homo.

e renovação de cariz artístico no interior da Igreja, resultou a redistribuição espacial dos altares, a saber: o altar-mor, dois colaterais, o direito de Nossa Senhora do Rosário, indicado na fotografia nº2.4, o do Calvário que se situava no lado esquerdo, paralelo ao assinalado e mais três laterais, o do sacrário e das Almas e o de São Sebastião, que perduraram até a década de 70 do século XX.

Figura: 2.4 - Antigo altar-colateral de Nossa Senhora do Rosário da Igreja Matriz de Odeceixe



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Consultada a documentação da “Direcção de Obras Públicas do Distrito de Faro” foi possível verificar durante a visita do Engenheiro José Macário dos Santos [?] em 17 de Setembro de 1874 que a Igreja se encontrava em estado de ruína:

«[...] todas as paredes do edifício com excepção da capella-mor e da sachristia, estão completamente arruinadas, e ameaçando proximo desabamento, e mesmo as que se podem aproveitar – as da capella-mor e da sachristia – carecem de grande reparação. Todos os telhados estão em completa ruína, incluindo os respectivos madeiramenros, assim como os forros e soalhos, das quaeis nada se pode aproveitar, tal é o seu estado de ruína. Por todos estes motivos a obra a fazer é mais uma reconstrução do que reparação».

(Santos, 1874: [?])

Tendo sido apresentado, em 19 de Setembro de 1874, por aquele técnico um documento intitulado “Projecto de Reconstrução” que não foi aceite devido ao orçamento considerado vultuoso por instâncias superiores, mas que se cumprido, restituiria a dignidade ao templo.

Todavia, a recusa desta proposta não travou a recuperação que se presume ter sido executada em finais do século XIX, mas constata-se que não foram efetuadas grandes alterações na capela-mor, sendo recuperadas total ou parcialmente as paredes da nave e da fachada principal que segundo Ruy Ventura:

«[...] talvez datem dessa altura os pórticos principal e lateral, a norte , bem como a disposição da frontaria. Terá sido nessa altura que se entaipou a porta virada a sul. Nessa campanha de obras, foi demolido o campanário antigo, talvez ainda quinhentista, que se situava ao lado norte, junto do pórtico lateral, tendo sido substituído por uma torre sineira adossada à fachada.<sup>33</sup> O corredor de acesso ao campanário foi aproveitado para a edificação de arrecadações».

(Ventura, 2014: 33)

Nesta altura deverá ter também sido ocupado o terreno anexa à Igreja permitindo a ampliação de um cemitério já existente mas em menores dimensões que rapidamente (Correia, 1997) ultrapassou o espaço do templo e do adro.

De 1911, consultámos um inventário resultante da Lei de Separação do Estado a 16 de Novembro, descrito no artigo “Notas sobre a História da Igreja Paroquial de Odeceixe” denominada de Nossa Senhora da Piedade, em que se enuncia uma igreja com seis altares (já acima referenciados), uma torre com três sinos; uma casa destinada à residência do parocho, com sete divisões, um pequeno quintal, na rua da praça, e um considerável conjunto de peças.<sup>34</sup>

Para registo são apenas enumeradas as mais significativas e de maior valor artístico, ficando as restantes por estudar com o devido detalhe e respetiva avaliação:<sup>35</sup>

1. uma imagem da Nossa Senhora da Piedade, no altar-mor;
2. uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, com um Menino Jesus;
3. uma imagem de Nossa Senhora da Soledade;
4. uma imagem de N. Senhora do Amparo;
5. uma imagem de S. Luzia;
6. uma imagem de S. Miguel;
7. uma imagem de S. João Baptista;

---

<sup>33</sup>De um artigo retirado do que se pensa ser um jornal intitulado *Vozes de bronze* encontramos uma descrição de meados do século XIX, anterior às obras de reconstrução de 1880, com a seguinte descrição: Confrange a alma o estado de ruina em que se encontra a Igreja desta freguesia, do qual participa a torre, que se assemelha ao rosto de um leproso em que só os olhos vivem, sendo aqui os olhos o relógio. Os seus três sinos pouco interesse apresentam. Todos têm esculpida uma cruz e só a maior mostra inscrição: MANUEL ANTÓNIO DA SILVA E FILHOS LISBOA ANNO DE 1870. Dimensões: doa maior: 0,50 de altura por 0m, 53 de diâmetro: do médio 0m, 32 por 0m, 35; do menor 0m, 28 por 0m, 31. Pesos: respectivamente 135, 30 e 18 quilos. É pena que esta Igreja, a primeira do Algarve, que encontra quem vem do Alentejo por aquele lado, não tenha melhor sorte.

<sup>34</sup> Da nossa deslocação às instalações da Junta de Freguesia de Odeceixe para consulta do inventário de 1911, fomos informados de que o mesmo deixou de estar na posse desta entidade, razão pela qual mencionamos a fonte supra mencionada.

<sup>35</sup> Consultar a obra *Notas sobre a História da Igreja Paroquial de Odeceixe* de Ruy Ventura.

8. uma imagem São João Evangelista;
9. uma imagem de S. Pedro,
10. uma imagem de S, Sebastião,
11. uma imagem de S. Francisco e;
12. uma imagem de S. António , com um menino Jesus, uma corôa de prata galvanizada;
13. uma coroa de prata grande da imagem da Nossa Senhora da Piedade;
14. três coroas de prata pequenas;
15. uma coroa de metal grande em mau estado;
16. três resplendores de prata;
17. sete setas de prata, uma custodia de prata galvanizada;
18. peças em ouro:
19. três cordões feitos de argolas lisas com uma cruz;
20. um cordão diferente com uma cruz;
21. dois medalhões ;
22. um broche;
23. duas argolas,
24. um par de botões de punho;
25. uma medalha pequena.
26. doze casulas com os respectivos manípulos e estolas, sendo onze de damasco e uma de lã (destas casulas estão três em mau estado);
27. uma capa de asperges em damasco com dourados;
28. uma capa de asperges em damasco capa de asperges em damasco róxo,
29. um véo d' ombros de damasco branco em mau estado;
30. uma umbéla de damasco branco;
31. um pálio de damasco encarnado.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup>Pode ler-se na ata a seguinte descrição: *Aos dezeseis dias do mez de novembro do anno de mil novecentos e onze, n'este povo de Odeceixe e no edificio da igreja denominado Nossa Senhora da Piedade, onde compareceram o cidadão Jozé António Marreios administrador deste concelho, e bem assim cidadão António Rodrigues de Mattos Nobre membro da junta de parochia, indicando previamente pela camara municipal do referido concelho, comigo Jayme Augusto de Carvalho Simões secretario de finanças e da comissão concelhia de inventário, para fins consignados no artº 62 da lei de separação das igrejas do estado; e assim principamos o arrolamento e inventário (Ventura, 2010: 40).*

Da década de 70 do século XX, também conhecemos relatos de fontes fidedignas que reportam a degradação contínua a que foi sujeito o edifício, o destelhamento e consequências imediatas na sua degradação; o furto ou roubo de diversas imagens tais como: a de Nossa Senhora da Soledade, a de Nossa Senhora do Rosário com um Menino Jesus, a de Santa Luzia, a de Nossa Senhora do Amparo, a de São João Batista; a de São Miguel, a de São João Evangelista, a de São Francisco Xavier, a de São Pedro, a imagem de Jesus Cristo Crucificado na Cruz bem como algumas alfaias litúrgicas; a remoção dos dois altares colaterais, um deles referenciado na figura nº2.4, conferindo ao templo o aspeto atual representado na figura nº2.5.

Figura: 2.5 - Altar-mor atual da Igreja Matriz de Odeceixe



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Com o auxílio da descrição feita em 1997 por Emmanuel Correia sobre o interior da Igreja, foi-nos possível verificar a situação que a seguir se descreve:

no trono retabular do altar-mor encontrava-se a Imagem da Padroeira sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, com uma coroa de prata, que presidia, simbolicamente, aos actos rituais de culto, no Templo que por determinação litúrgica, lhe fora consagrado, ocupava desde 1880 o último degrau do trono sobrepujado por dossel de madeira:

«[...] sentada, encontrava-se envolvida em túnica e manto azuis semeados de estrelas com largas tarjas em relevo dourado. O manto cobre a cabeça, pendendo levemente para a frente; enrola-se em preciosismos «pre-barrocos» no braço direito, num amparo à cabeça de Jesus morto, no seu colo. Faces – desmaiadas, inclina a cabeça e olha para Jesus; possui expressão de sofrimento e uma certa nobreza. O corpo morto do Salvador, com o pano de pureza, encontra-se manchado de sangue e inclina a cabeça para os fiéis.

O estofado da escultura é perfeito; os dourados – tarjas e estrelas – são executadas a folha de ouro; o soco, onde se distingue o pé direito da imagem semi-encoberto pelo manto é pintado de castanho».

(Correia, 1997: 83-84-85)

Quando a escultura da Senhora saía em procissão, ou mesmo no altar-mor, um manto de tecido, cobria uma parte da imagem.<sup>37</sup>

No início de Setembro de 1991 esta imagem deixou de ocupar o topo do altar-mor, por lhe ter sido amputado um patamar, passando para a posição imediatamente inferior. Porém, não manteve esta posição e atualmente situa-se do lado esquerdo do dito altar. A imagem mantém a coroa de prata e está colocada sobre uma peanha simples de madeira, como se pode observar na fotografia nº 2.6, com revestimento sintético imitando um marmoreado em tons de cor-de-rosa, alegadamente, perdendo a importância de outrora.

Figura: 2.6 - Imagem de Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

No altar-mor, encontravam-se expostas mais duas imagens para além da Nossa Senhora da Piedade: Santo António com o Menino, a quem foi colocado um resplendor, que conserva, continuando na posição do lado esquerdo do altar-mor, como anteriormente. São Sebastião, sem resplendor demonstrando sofrimento permanente pelas setas

---

<sup>37</sup>Segundo Emmanuel Correia conta-se, e inventários do nosso século referem, um «*manto de cetim azul claro, bordado a ouro*». Informações fidedignas de testemunho oral, afirmam a oferta desse manto por uma professora primária natural de Odeceixe – Margarida Camacho da Silva Baptista Machado, quando se formou na Escola Normal de Lisboa, sendo bordado a ouro por uma senhora ainda viva, natural e residente neste povo – Angelina Anastácio Guerreiro.

O manto frágil na sua contextura de cetim sofreu a voragem do tempo e dele ficou-nos apenas a certeza da sua existência como memória (Correia, 1997:83-84-85).

cravadas no corpo foi substituído por uma imagem de São Pedro, tendo sido colocado no altar lateral a ele dedicado.<sup>38</sup>

Embora não consideremos relevante sob o ponto de vista artístico, o percurso assinalado da Via Sacra, repartida em catorze estações representadas em barro moldado afixadas ao longo das paredes laterais da nave da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Piedade de Odeceixe, registamos a sua existência tendo em conta que é considerado o processo mais antigo do magistério da Igreja Católica, que desde o início da sua expansão utilizou suportes artísticos como meios ideais da compreensão e incentivo da meditação, na narração da Vida de Cristo.

Na década de 70, durante as obras desastrosas que deixaram a Igreja num estado deplorável, foi solicitado ao Professor Escultor Soares Branco a execução da 13ª estação – Cristo depositado no Regaço da Mãe - por esta representação ter desaparecido:

«[...] foi esta placa cofeccionada em gesso por impossibilidade de execução na mesma matéria plástica das outras Estações. Não obstante a dualidade do suporte, a pintura em tinta plástica de água, cor de barro, que cobre todas as placas da Via Sacra, não prejudicou a unidade estética, repartida em 14 Registos, como condição necessária à exposição e exercício espiritual de meditação sobre a Paixão e Morte do Homem-Deus».

(Correia, 1997:13-14)

Atualmente, a sinalização deste percurso não está completa, porque algumas das suas peças representativas perderam o suporte original, impossibilitando a sua recolocação por não ter havido iniciativa concreta que apresente, seriamente, meio alternativo reabilitante desta representação evocativa. Deste modo estão em falta as estações II, III, VI e VIII.

Esta Igreja, que sobreviveu a intempéries, aos cataclismos e aos desígnios de quantos por ela passaram apresenta cicatrizes, que lhe retira importância sob perspectiva artística e religiosa.

No entanto, continua a marcar a existência de muitos naturais e residentes no concelho despertando, ainda assim, interesse a visitantes que o vêem gorado porque esta peça de património religioso construído não está disponível para ser apreciado, a não ser durante

---

<sup>38</sup>Este altar em nicho, embutido na parede lateral, foi posteriormente arrancado na década 70, procedendo a reboco total da parede. Atualmente encontra-se apenas adossado na mesma posição.

a celebração da Eucaristia realizada uma vez por semana, ou apenas pelo exterior que apesar de tudo ainda marca presença, em paralelo com outros atrativos que a região nos oferece.

### 2.3. Igreja Matriz da Nossa Senhora D' Alva (Aljezur)

Seguindo a nossa viagem em direção a sul encontramos Aljezur - vila e sede de concelho - situada a oriente caracterizada pelas habitações em linhas brancas paralelas alcantiladas em três cerros pelo seu traçado de influência árabe, e construções em taipa.<sup>39</sup>

Segundo dados transcritos da Revista “Archivo Histórico de Portugal” publicação de carácter divulgador da história das cidades e vilas do Reino de Portugal e dos respetivos brasões de armas, esta vila conhecida antigamente como “Algazur”, tem origem árabe supondo-se ter sido fundada no princípio do século X.

Tomada por D. Paio Peres Correia (1205-1275) aos mouros em 24 de Junho de 1242 ou 1249 tornou-se cristã, após a conquista e ocupação do castelo de Aljezur ao romper da alva, segundo a narrativa tradicional. Os cristãos agradeceram a Maria o sucesso da sua conquista e numa expansão da fé tornou-se Nossa Senhora d' Alva a Padroeira de Aljezur.

«No recanto geográfico, onde o verde da serra constitui o pedestal da Virgem: vestem-na de branco da amendoeira e, a perfumam com a mesma flor; tem por manto o azul do mar salpicado de gotas do Atlântico, se não com as lágrimas dos filhos que d'Ela esperam o sorriso terno de uma Mãe que também chora em Aljezur – é a Nossa Senhora d'Alva».

(Vaal, 1990:109)

A 12 de Novembro de 1280, D. Dinis concedeu foral à vila de Aljezur, tornando-se na primeira Carta de Foral concedida pelo mesmo a uma terra algarvia, tendo-a confirmado em 1 de Junho de 1504 o Rei D. Manuel, conferindo e aumentando-lhe um razoável conjunto de privilégios.<sup>40</sup>

Com o desenrolar dos séculos e as condições favoráveis ao crescimento da população, a vida religiosa traduziu essas melhorias na edificação das suas igrejas entre o final do século XV, princípio do século XVI, e durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

---

<sup>39</sup> Que tem como toponímia a palavra al jazair, do plural de al jazira que significa “Ilha”.

<sup>40</sup> «As cartas de foral determinavam e regulamentavam as formas de relacionamento entre o poder local e o reino, ao mesmo tempo que definiam direitos e deveres aos moradores das localidades a que eram atribuídas. Estas cartas constituíam um conjunto de leis através das quais se regia toda a vida do concelho. Desta forma, os forais assumiam um papel essencial em matérias administrativas e organizacionais dos lugares a que eram atribuídos, constituindo um instrumento legal fundamental. Tais como a determinação de que os cavaleiros de Aljezur não iriam na retaguarda do exército. D. Manuel».

Foral Manuelino de Aljezur [em linha]. Atual s/d. [Consult. 06 jun. 2015]. Disponível na Internet <URL: <http://cm-aljezur.pt/pt/169/o-foral-manuelino-de-aljezur.aspx>>.

Com a vila, o castelo, as Igrejas semiarrasadas pelo cataclismo de 1755 levando a que a Sede Paroquial e o Santíssimo fossem transferidos por três vezes<sup>41</sup>, a precária implantação de um urbanismo árabe/medieval e a necessária e urgente recuperação de casas e templos, levaram o virtuoso prelado D. Francisco Gomes de Avelar (1739-1816), Bispo do Algarve, quando visita pela primeira vez Aljezur em 1789, a gizar um audacioso plano que incluiria, obviamente, a construção de uma nova Igreja porque a Matriz:<sup>42</sup>

«[...] tendo sido achada por sua Excelencia em deplorável estado, inteiramente demolida e arruinada até aos alicerces já desde o memoravel terremoto do primeiro de novembro de mil sete centos cinquenta e cinco, quando pelos anos de mil sete centos e oitenta e sete em maio tomou posse desta Cadeira Pontifical do Algarve, começou o trabalhoso governo de Sua Sagrada Missão na primeira visita = ad limina = e que aParoquia se conservava na pequena Igreja da Misericórdia com grave incomodo dos Fieis, por estar taobem arruinada, esem capacidade nem porproçõeõs para recolher os fregueses, e para a celebração das Sagradas Funções do Culto Divino [...] o Excelentíssimo epiedoso Prelado achando digo a dita antiga Igreja Paroquial Matriz de Aljesur no expendindo lastimoso estado, apenas servindo o seu ambito de Cemeterio com pouco resguardo, e decencia, e porisso juntamente recptaculo de brutos, e enhum sitio incapas deser ali reedificada por ser no alto dehum cerro elevado, e omais escarpado daquellas vizinhanças immediato ao Castelo, que padece igual ruina, faltandolhe ja os alicerces por causa dos invernos, que o descavaõ, e vaõ comendo, e rasgando o auto do cerro, recorreo sua Excelencia ao Principe Regente Nosso Senhor, juntamente com a Camera, Nobresa, e Povo da villa pela necessaria licença para a transmutação da ditta Igreja Paroquial, e da Villa de Aljesur para um agradavel sitio sádio alem da Ribeira para o Nascente, onde se achavaõ as ruinas de um Moinho de Vento, sitio alegre, espaçoso, alto, e plano, com toda a capacidade e proporções para se fundar huma boa povoação [...] a qual licença Sua Alteza Real benignamente concedeo para Provisão de cinco de julho de mil sete centos e noventa e quatro».

(AHDA, Aljezur Sagração. *Aljezur*, 1809)

Após a segunda visitação oficial às Paroquias do Algarve em 1792, o prelado recorre aos bons ofícios da rainha D<sup>a</sup> Maria I (1734-1816) para obter a autorização de transferência

---

<sup>41</sup> «Como Governador e Perpétuo Administrador que sou do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Sant'Iago: Faço saber a vós Reverendo Bispo do Algarve que sendo-me presente em súplica do Prior e Parochianos da Igreja da Villa de Aljezur desse Bispado a total ruína em que se acha a sua Igreja, havendo-se mudado interinamente o Sacramento em primeiro lugar para a Irmida de Santo António, depois para a do Espírito Santo, e pella incapacidade e ruínas de ambas, fora transferido precariamente, em último lugar, para a Igreja da Mosericórdia, onde se acha com a maior incidência por estar também reduzida a ruínas, e o eminente perigo no acesso della (que certamente não resistirá ao primeiro Inverno) ameaçar totalmente a Freguesia da Cessação do Culto de Deos e Officios».

Excerto retirado da Provisão da Rainha D. Maria I (Rosa, 1993:35).

<sup>42</sup> Nesta Igreja existiam duas cabeças santas de "dous Lavradores, naturaes desta Villa, que florescerão no tempo del-Rey D. Manoel, e do Bispo D. Fernando Coutinho, q governou aquelle Bispado desde o anno de 1501, até o de 1535, como diz Jorge Cardoso no tomo 2. Do Agiologio Lusitano no Cometário a 21 de Março: as quaes cabeçassão remedio presentâneo para todos aquelles que são mordidos de cães danados e para as doenças de gados, que comendo dos grãos tocados nellas cobrão logo saúde (Corografia Portugueza - Tomo Terceyro, Capitulo V: 7).

para a nova Igreja Matriz inserida numa futura vila onde o planeamento urbano refletia os parâmetros organizacionais e estilísticos da Europa, e já experimentados em Lisboa nos finais do Século XVI (Correia, 1988:121-122). Focam-se as atenções no processo de construção do novo templo "no lugar da Barrada" - ..."sitio saudável, a oriente da vila, alto e plano com toda a capacidade e proporção para se fundar uma boa povoação" (Correia, 1988:123). Em setembro de 1795 D. Francisco Gomes de Avelar preocupado com o andamento dos trabalhos, desloca-se várias vezes a Aljezur onde, inclusivamente:

«[...] mede com as suas mãos, o comprimento e largura do novo Templo e determina cavando com a enxada os sulcos dos alicerces , acompanhado do Clero, Nobreza e Povo de Aljezur, marcando o dito terreno com universal regozijo e alegria"... orienta a Igreja no sentido Poente-Oriente, como é usual na liturgia Católica».

(Correia, 1988:139-140)

Nesse mesmo ano é lançada a primeira pedra e colocada a cruz na futura posição do altar-mor:

«[...]tendo mandado trabalhar nelle officiaes artifices de Faro, que primeiro repararaõ a ponte sobre a Ribeira, para dar comoda passagem da Villa à nova Igreja que se concluiu neste dobre dito anno tendo durado a obra quatorze anos; Seja Deos Bendito para Sempre».

(AHDA, Aljezur Sagração. *Aljezur*, 1809)

Da publicação "Memória d'Alva – Contributos para uma biografia da Igreja Matriz de Aljezur", reunimos informações sobre o decorrer da obra ao longo dos 14 anos, dos quais passamos a descrever os mais significativos.

Nos meses de Outubro e Novembro do mesmo ano foi desmontado o arco da capela-mor da Igreja velha para se aproveitar algumas pedras no templo novo, cumprindo a ordem de total demolição expedida pelo bispo. No primeiro trimestre de 1798 com as paredes da capela-mor já concluídas, procederam à construção da abóbada de alvenaria, ao madeiramento da capela, ao assentamento da telha que cobriria o presbitério e a sacristia.

Em 1799 dedicaram-se aos rebocos e acabamentos da ousia, foi feita a aquisição e colocação de cantaria para os degraus do altar-mor e da respetiva capela, e colocado e lajeado supedâneo no altar e aberta a janela da sacristia, onde as obras foram

continuadas durante o século XIX (madeiramento, talhamento e construção da simalha). O canteiro Francisco Borges [?], de Faro, foi pago para esculpir e assentar o altar-mor, concluíram-se os trabalhos na capela-mor e foram fixadas as portas que ainda hoje se presume serem as mesmas, provenientes de Lisboa, que denotam um trabalho de qualidade superior.

Como autor do projeto admite-se o arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri (1761-1817), que nessa altura trabalhava em Lisboa com Costa e Silva na conceção do Palácio da Ajuda.<sup>43</sup> Considerado na época, por D. Francisco Gomes de Avelar, como ...”hum dos mais decentes e brilhantes Templos deste Bispado do Algarve” (AHDA, Aljezur Sagração. *Aljezur*,1809), viu tal determinação ser concedida através das contribuições que chegavam de fora e das quantias avultadas que disponibilizou para a sua construção.

Conclui-se a edificação do espaço, com a colocação do chão da ousia já no segundo semestre de 1803 (Ventura, 2010:118-119-120-121). Com as obras da capela-mor e da sacristia terminadas em finais do mesmo ano, só em 1809 ficam concluídas a nave e a torre sineira da nova Igreja Matriz de inspiração “neoclássica”, vencidas que estavam as dificuldades económicas encontradas apesar da ajuda do Comendador de Aljezur, Marquês de Angeja (1788-1827) e das verbas conseguidas e das contribuições dos fiéis, viu a sagração realizada no dia 10 de Setembro de 1809.

Esta cerimónia solene realizada por D. Francisco Gomes Avelar foi precedida pela bênção da nova “Imagem de Nossa Senhora d’Alva para venerar no dito Altar-mor, como Orago, e Protectora especial desta mesma Igreja e Villa (AHDA, Aljezur Sagração. *Aljezur*,1809).<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup>Que segundo Ruy Ventura, a sua atribuição fundamente é originado por a existência na fachada da igreja de duas esguias pirâmides quadrangulares, que são uma espécie de assinatura do arquiteto, presentes noutros projetos seus, como por exemplo na igreja de Santa Maria de Tavira ou no Arco da Vila de Faro.

<sup>44</sup>No Auto da Sagração datado de 10 de Setembro de 1809 consultado no Arquivo Histórico da Diocese de Faro, página 6: “Sua Excellencia [...] determinou fazer a dedicação da Igreja Parroquial de Nossa Senhora d’Alva, novamente edificada em hum novo citio sagrando-a em Templo do Altissimo, como com efeito fez, dando principio a Acção, e Função solemne no dia sábado nove do sobredito Mez de Setembro a tarde, depositando em huma decente Barraca contigua a Igreja as Reliquias dos Sanctos Martires = Clemente, Donatto, Gaudencio, e Vigilante; e cantados em Matinas solemnes na mesma noute Vigilia de Sagração com assistência do Excellentissimo senhor Bispo, de hum dos seus Reverendos Conegos da Cathedral, e dos mais Clero secular e Regullar, Camera, Nobreza, e Povo de Aljezur, passando-se em Vigilia com Psalmos e Hymnos athe pela minham [sic] do ditto dia dez do Corrente mez, em que se deu principio a Solemne Acção de Sagração, segundo os Ritosda sancta Igreja, sendo seis horas e meia, e findando-se junto ao meio dia, tãoobem com solemne Procição das Reliquias dos ditos sanctos Martires, que se colocarão no sepulcro da Ara, ou Altar Mor, concluindosse a Sagração com Missa Pontifical, que celebrou sua Excellencia com a ditta assistência do seu Clero, Camera, e grande concurso de Nobreza, e Povo da Parroquia de aljezur, e suas

Templo de grandes dimensões, o maior do concelho, segundo a descrição de Emmanuel Correia observamos e constatamos que no exterior:

«[...] as molduras das portas e janelas são rectilíneas, os olhais da torre sineira são arcos de volta perfeita e as pilastras e cunhais são dominados por linhas rectas que se impõem também nos frisos da torre. A grimpada desta e os terminais da mesma são características do clássico, retomados agora pelo espírito do novo Estilo – as formas esféricas.

A pedra existe apenas no embasamento de todo o edifício e nas molduras dos vãos. A porta da frontaria, mais monumental que as outras, possui a sua verga encimada por uma cornija de “meias canas” salientes, como que emoldurando superiormente a inscrição:

FOI EDIFICADOESTE TEMPLO EM HONRA DE DEOS E DEN. SNR.ª D’ALVA POR // PROVIDC.ª DO EXM.º E RM.ºD.FRANC.ºGOMES BISPO DESTE ALGARVE // E LHE SENTOU A PR.ª PEDRA EM 21 DE SETBRº D 1795.

Na fachada principal, voltada a poente, a porta no eixo vertical e simétrico, é flanqueada por duas janelas gradeadas [...] Sobre a porta principal um largo pano de parede cego, é aformoseado por um trabalho de pedreiro. Uma coroa circular saliente, apoiada numa base triangular de lados curvos, une-se à verga da porta, preenchendo aquele espaço [...] O registo central da fachada é encimado por um frontão triangular de moldura exterior saliente sobrepujado por uma Cruz e ladeado por dois acrotérios com pináculos quadrangulares, semelhantes aos do Arco da Vila, em Faro, ou da Igreja de Santa Maria do Castelo, em Tavira. Do lado Sul, uma torre com olhais e sinos, e uma pseudo-platibanda, posterior à construção inicial, para o mostrador do relógio.

As fachadas laterais e posterior são notáveis pelos enormes panos de parede, pelo ritmo da fenestração, por um conjunto de beirais vermelhos, à portuguesa, assim como pequenas varandas de parapeito cego. Nos alçados Sul e Norte.

Acresce referir ainda, que as janelas superiores da Igreja, possuem caixilharia quadriculada, em madeira, preenchida com vidro martelado branco, possuindo as quadrículas centrais, vidro de cor roxa, formando uma cruz.

A construção do Templo, para além da pedra aparelhada já referida de constituição calcária, é uma “muralha ciclópica”, revestida por uma cobertura de argamassa caiada.

O adro é precedido por uma tríplice escadaria, com anteparos cegos e as pequenas pilastras estruturais encimadas por pirâmides quadrangulares com uma equilibrada movimentação arquitectónica, cujas formas se exprimem, na brancura da cal. No plano central e inferior da escadaria um nicho definido por um arco de volta perfeita, com molduras em argamassa, ostenta no interior uma cruz de azulejos negros [...] A fachada Sul, onde existe a porta que abre para um vestíbulo de ligação à sacristia e ao transepto da Igreja, é precedida de um largo, de trançado quadrangular [...].».

(Correia, 1988:136-137)

Ao transpor a entrada principal da Igreja encontramos um guarda-vento, em madeira pintada e decorada, encimado por uma rosácea inspirada nos vitrais da época gótica. O seu interior de planta de cruz latina com três naves, transepto, de cobertura em abóbada

---

vizinhanças; tendo sua Excellencia já benzido a nova Imagem de Nossa senhora d’Alva, para se venerar no ditto Altar mor, como Orago, e Protectora especial desta mesma Igreja, e Villa. / [...] e o mesmo // Excelentissimo Preladoelego para dita Anniversario a Dominga Primeira de Setembro de Cada hum Anno. Na mesma nova Igreja celebrou sua Excelencia o Sacrificio da Missa em obzequio da Sanctissima Virgem Mãe de Deos, a quem com os devidos, e devotos cultos seja dada toda a hora, e toda a gloria por todos os séculos = Amen.”

forrada com madeira, definem o interior do templo iluminado por dez janelões gradeados cuja luminosidade nos transmite a ilusão de um templo de maiores dimensões:

«[...] o tecto da nave central e do transepto é de madeira aplainada e em abóbada. No cruzeiro do referido tecto esculpida em madeira uma enorme estrela apoiada numa coroa circular dourada com a inscrição: «STELLA MATUTINA».

Esta divisa repete-se em outros pontos da igreja: num pseudo vitral na frontaria do guarda vento, e no solo em ardósia preta sobre o fundo vermelho de tijoleira, nos dois altares colaterais ao altar-mor. A mesma divisa repete-se ainda no ombro esquerdo da preciosa escultura da padroeira. Castelo e as insígnias da estrela já apontadas nos locais da igreja e na imagem do orago, vivem numa perfeita correlação com a história da vila que foi tomada aos mouros ao romper da alva. Dai a invocação «STELLA MATUTINA – ESTRELA DA MANHÃ – SENHORA DA ALVA!».

(Correia, 1983: 22-23)

O altar-mor esculpido em pedra da região, que lhe confere grandiosidade e robustez assinalado ao meio, por uma cruz de talhe simples, possui o alçado todo em madeira de estrutura neoclássica que alberga o retábulo:

«[...] de planta plana, compõem-se de banco, corpo único, um só tramo delimitado por um par de colunas coríntias, ao centro uma tribuna com trono piramidal e a imagem da padroeira, entablamento e frontão triangular. Como acrescentes posteriores referem-se as duas peanhas com imagens de vulto perfeito e os emolduramentos dos nichos. A talha deve ter sido executada, por José da Costa, que aproveitou um risco feito pelo arquitecto italiano Francisco Xavier Fabri».

(Lameira, s/d:338)

Figura: 2.7 - Altar-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Alva



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Nele o frontão triangular, suportado por as duas colunas coríntias apresenta a particularidade de preenchimento com o símbolo do Espírito Santo no centro de raios de luz.

Inserido numa cúpula em hemicírculo, antecedida por uma abóbada de berço, com iluminação natural por dois janelões laterais opostos, ao centro ostenta a imagem da Padroeira Nossa Senhora d'Alva com o Menino ao colo, ambos com coroas de prata, sobre nuvens e uma base. Sobre as estas encontra-se três anjos. Nossa Senhora está vestida com uma veste cinzenta decorada com flores em dourado, e sobre esta tem um manto azul com a mesma decoração a ouro, que se pensa ter saído da oficina de Machado Castro.<sup>45</sup> No lado esquerdo, sobre uma peanha dourada encontramos a figura do século XVII, de São Francisco de Assis, segurando uma cruz na mão esquerda, e na mão direita uma caveira. No lado direito, Santo António e o Menino do século XVII. Santo António tem uma cruz na mão direita e na esquerda um livro sobre o qual está sentado o Menino Jesus, com uma esfera armilar na mão esquerda.<sup>46</sup> Todas estas imagens ostentam resplendores de prata.

Na mesa do altar, pintada com padrão marmoreado e com discretos elementos dourados definidos pela técnica "placage rocaille", estão colocados seis castiçais dourados.<sup>47</sup>

Ao centro, a imagem do Senhor Crucificado esculpido em madeira dourada de época desconhecida, com efeitos decorativos nas extremidades. A cruz é também trabalhada e encaixada numa base, com três pés de formas arredondas.

O altar-mor é ladeado por duas portas de madeira, sendo a do lado direito de acesso à sacristia e a do lado esquerdo a uma sala que atualmente serve de arrecadação de materiais. Nas paredes laterais ostenta duas pinturas a óleo sobre tela, do século XVIII de estilo barroco, pertencente à escola Portuguesa. No lado esquerdo São Pedro de pé, envergando uma túnica acinzentada semi-envolvida num manto castanho avermelhado,

---

<sup>45</sup>Esta escultura em madeira policromada do século XVIII, com autoria atribuída à Escola Portuguesa /Machado Castro e com as seguintes dimensões: 176cm x73cm x 50cm foi alvo de restauro em 1982 no Instituto José Figueiredo a pedido do Padre David Ferreira. Apresentava peças destacáveis, na mão direita do Menino e na parte do pé esquerdo do mesmo. Muito mal conservada, com má adesão e coesão, apresentando repintes em algumas zonas. Foi então alvo de limpeza de poeiras, foi feito o levantamento de purpurinas em algumas zonas a ouro (restauro F/8).

<sup>46</sup>Semi-cilíndricas ou em absíde que significa arco ou abóbada.

<sup>47</sup>Incrustação de conchas.

tem na mão direita duas chaves e na mão esquerda segura a haste duma cruz negra. No lado direito (lado da Epístola) São Paulo de pé, veste uma túnica verde escura, semi-envolvida por um manto roxo e segura uma espada na mão direita. Ambas as pinturas em bom estado de conservação ocuparam durante vários anos a parede lateral da Capela do Santíssimo Sacramento tendo sido doadas pelo farmacêutico Celso França.<sup>48</sup>

Segundo Emmanuel Correia, na década de 80 o altar-mor foi restaurado beneficiando com a limpeza, e complemento de peças de madeira desaparecidas, bem como a recuperação do marmoreado, os dourados e a pintura uniformizada dos espaços maiores (Correia, 1988:137).

Todo o conjunto do altar-mor é inspirado em definições e conjeturas de D. Francisco Gomes de Avelar, que terá mandado executar um “congénere” mas em menores proporções na Igreja de São Luís em Faro, também de inspiração sua (Correia, 1988:13).

Embora desde 1846, estivessem construídos espaços destinados às capelas colaterais e laterais, não foram providos por qualquer tipo de decoração e peças litúrgicas por dificuldades financeiras, levando o padre João Pedro Dinis Landeiro (1815-1846), pároco de Aljezur, a recorrer as outras formas que lhe permitissem solucionar a situação:

«[...] vendo [...] que só com muita despesa se poderia erigir capelas, pois que o Ex.mo Senhor D. Francisco havia deixado lugar de propósito para elas, pedi a madeira das capelas do extinto convento de Monchique que me foi concedida.

Mandei fazer uma capela para o S.S., outra para o Senhor dos Passos que também trouxe de Monchique, outra para S. Sebastião onde mandei colocar as imagens de S. Luiz e Santo António e outra para as Santas Almas, concorrendo para estas obras a freguesia com donativos voluntários e mesmo com os seus próprios braços».

(Gascon,1993 apud Ventura, 2014:140)

A capela-mor ladeada, por duas capelas colaterais retangulares, que apresentam nos tetos pinturas murais com motivos florais terão sido resultado destas diligências.

---

<sup>48</sup>Estas pinturas a óleo sobre tela, do século XVIII, pertencentes à Escola Portuguesa, fora alvo de restauro no Instituto José Figueiredo, a primeira em 1981 e a segunda em 1982. A pintura de São Pedro apresentava no reverso da tela remendos sobrepostos, alguns rasgões e a tela apresentava sinais de humidade e continha poeira. Foi realizada uma limpeza com spirit e álcool, e fizeram-se retoques nas bases e acabamentos com tinta de óleo e verniz de retoque. A pintura de São Paulo, apresentava no reverso da tela remendos colados com grude, alguns rasgões e também sinais de humidade, bastante poeira e gordura. Com a intervenção foi fixada toda a policromia com cera resina Damar + white Spirit e em várias zonas antes foi fixada a “promal” por se encontrar a saltar policromia. Foi feita a colocação dos olhos de vidro por se encontrarem deslocados, e a integração da preparação em lacunas com aguarelas.

O Altar do Santíssimo proveniente do Convento da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Nossa Senhora do Desterro em Monchique, à esquerda do altar-mor inspirado no período Rococó, presenteia-nos com a típica decoração de conchas incrustadas, motivos florais, anjos, frutos da flora algarvia como os figos, as romãs e os cachos de uvas, que foi parcialmente adulterado devido às pequenas dimensões da capela ficando apenas dignos de registo os pedestais, as pilastras e parte do ático (Lameira, s/d:266). Em posição superior ao sacrário encontra-se um quadro com a imagem de Santa Maria em tela pintada a óleo, do século XVIII, com a Nossa Senhora coroada sobre uma nuvem, com um cetro na mão direita e a mão esquerda sobre o peito, também doada pelo farmacêutico Celso Guerreiro França.

O sacrário que já existia na Igreja de Santa Maria d'Alva em 1725, segundo a descrição do Visitador Gaspar Luis Taborda "vizitei o Sacrario e o mais que se custuma" (Corrêa,1995:117) será dos poucos vestígios que terão restado do retábulo barroco deste templo. Mantendo-se no altar-mor até 1840, foi ocupar a posição no altar do Santíssimo Sacramento, que atualmente detém e que segundo Ruy Ventura terá sido mandado restaurar pela Confraria do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora d'Alva em 1792, e preparado e dourado por José Ferreira, pintor residente em Lagos (Ventura,2010:138) tratando-se de:

«[...] uma peça com assinalável efeito cenográfico, embora não se consiga vislumbrar a sua policromia original (devido a restauros posteriores). Com planta trapezoidal, apresenta uma caixa ladeada por seis colunelos pseudo-salomónicos. A porta é decorada com símbolos eucarísticos e espatários, sendo visível uma viera de Sant'ago servindo de pedestal envolvido por folhagens. O conjunto é coroado por uma pirâmide com lados curvos revestidas por folhas de acanto douradas (que aparenta ser um acrescento posterior)».

(Ventura, 2010:92)

Figura: 2.8 - Sacrário Barroco patente na Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Alva



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Na parede do lado esquerdo está suspensa uma lanterna em metal amarelo, hoje eletrificada, substituindo o original pavio de azeite.

Na parede norte do transepto está um quadro representando São Marçal, pintura a óleo sobre tela do século XVIII, que anteriormente ocupava a parede lateral da capela-mor. No lado sul do mesmo está colocada, simetricamente, uma tábua pintada, emoldurada simples, de época e autor desconhecidos representando vários motivos florais e anjos.

À direita do altar-mor, proveniente também do antigo Convento da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Nossa Senhora do Desterro em Monchique vemos o altar evocativo do Senhor dos Passos encimado pela inscrição "INRI", acrónimo de "Jesus Nazareno Rei dos Judeus", que foi colocado na Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Álva após a extinção das ordens religiosas:

«[...] de planta recta, compõem-se de soto banco, corpo único, um só tramo delimitado por um par de pilastras, ao centro da tribuna com a imagem do Orago delimitada por pilastras com entablamento e frontão curvilíneo com uma cartela ao centro. A urna com a imagem do Senhor Morto que está dentro da mesa do altar é posterior».

(Lameira, s/d:266)

À semelhança do altar do Santíssimo Sacramento, também este ficou descaracterizado ao ser adaptado à volumetria da atual capela.

Inserida num nicho envidraçado encontra-se a escultura do Senhor Passos, do século XVIII, com uma coroa de espinhos na cabeça, ajoelhado, com uma veste azul, carregando a cruz. Sob o altar, num esquite envidraçado encontra-se a escultura de Cristo Morto, de

finais do século XVIII, também proveniente do Convento de Nossa Senhora do Desterro de Monchique, transportado para a Igreja em “1812/1813 por alguns homens aos quais a Fábrica pagou 1200 réis” (Ventura, 2010:134).

Na parede lateral direita ostenta uma pintura a óleo sobre tela com a imagem, do século XVIII, representando o Senhor dos Passos com a Cruz que segura com ambas as mãos sobre o ombro esquerdo, doada pelo farmacêutico Celso Guerreiro França.<sup>49</sup>

O pavimento das duas capelas decorado com motivos geométricos é original e contemporâneo da construção do templo.

As duas capelas semi-cilíndricas simétricas a meio da nave, também com pinturas murais nas suas abóbodas, são dedicadas a São Sebastião e às Almas do Purgatório.

A primeira dedicada a São Sebastião abriga duas imagens retiradas da Igreja Matriz da Borda por motivos de segurança. A de Nossa Senhora da Encarnação coroada do século XVIII, e a de São Luís (Bispo) do século XVII, ambos em mau estado com falhas de policromia e marcas de insectos xilófagos inativos.

Na capela encontra-se a escultura, em estado regular, de São Sebastião seu Orago, com resplendor e seis setas cravadas no corpo, assente numa mísula.

A 1 de junho de 1846, as cabeças santas existentes na Igreja Matriz destruída pelo terramoto de 1755, anteriormente referidas na nota de rodapé número 23, foram trasladadas para esta capela. Ainda hoje veneradas, tornaram-se centro de devoção na zona de Aljezur e concelhos limítrofes, embora se afirme que os seus devotos se encontram espalhados pelo mundo.

Figura: 2.9 - Cabeças Santas patentes na Igreja de Nossa Senhora d’Alva



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

<sup>49</sup>Esta pintura a óleo sobre tela de formato retangular do século XVIII, pertencente à Escola Portuguesa, foi alvo de restauro no Instituto José Figueiredo em 1982, aquando da sua entrada apresentava rasgões, vernizes muito amarelados e grossos. Foi efectuada uma limpeza com W. Spirit + álcool e foi feito um preenchimento das lacunas com massa de caolino + totin e sua integração com tinta de óleo e verniz de retoque pelo restaurador Guerreiro Loures.

Referenciadas em Dicionários Enciclopédicos, Livros, Revistas e Jornais pelos favores que concedem, ocupam atualmente a posição central do altar colocadas num cofre envidraçado similar a um sacrário (Correia, 1997:78).

Na parede do lado direito do altar, assente numa peanha, encontra-se a representação de Santa Luzia, esculpida em madeira do século XVI em estado regular, mantendo-se do mesmo lado que em 1967, onde ocupava uma posição mais central no altar, ficando atualmente desprovida da importância de outrora.

Em fundo está representada a pintura a óleo sobre tela, de São Sebastião cravado com setas amarrado a uma árvore confortado por um anjo, que tenta retirá-las do seu corpo para lhe aliviar o sofrimento. Em 1992 ocupou a parede lateral da capela-mor, simétrica ao quadro de São Marçal que terá sido adquirido num leilão em Lisboa e oferecido pelo farmacêutico Celso Guerreiro França ao padre João Manuel da Horta, à época, pároco em Aljezur.<sup>50</sup>

A outra capela lateral dedicada às Almas do purgatório possui um retábulo maneirista que segundo Ruy Ventura estaria colocado na Igreja de Santa Maria d'Álva, uma vez que se trata de uma peça estilisticamente anterior à data da fundação do convento de Monchique (Ventura, 2010:144).

O fundo deste altar é decorado com uma pintura mural com dois temas, a coroação da Nossa Senhora e São Miguel salvando as almas do purgatório.

As imagens patentes neste altar são: à esquerda a de Nossa Senhora com o Menino (ou Nossa Senhora do Rosário ou a antiga padroeira de Aljezur) do século XVI, com coroas em prata, em bom estado “oferecida ao pintor José Cercas (1914-1992) por o pároco de Aljezur Padre Horta (1903) devolvida à Igreja Matriz em 1991” (Ventura, 2010:110), ao centro do altar Nossa Senhora do Rosário do século XVII pertencente à Igreja da Bordeira em muito mau estado com falhas de policromia e madeira, e São Luís (Bispo) do lado direito datado de cerca de 1764, aparentemente alvo de restauro, dado seu estado de conservação indiciar intervenção recente refletida na policromia.

---

<sup>50</sup> Também esta pintura foi alvo de Restauração em 1981 no Instituto José Figueiredo, que após receber a pintura com bastante poeira e engordurada e com alguns rasgões, recebeu uma grade nova em casquinha e a tela beneficiou de limpeza e foi feita uma consolidação da pintura.

À esquerda da porta principal encontra-se o batistério, inserido numa capela em abside, onde está colocada a pia batismal transportada da primitiva Igreja Matriz entre 1812/1813 (Ventura, 2010:134). Trata-se de uma peça em pedra calcária de tonalidades ocres, com visíveis aspetos decorativos da arte manuelina.<sup>51</sup>

Frente ao altar-mor, sobre o guarda-vento, vemos o coro alto necessitado de urgentes obras de recuperação, com duas escadarias opostas que permitem o acesso aos terraços exteriores, esquerdo e direito. A porta do lado direito com acesso direto ao forro do telhado da igreja permitindo a deslocação completa sobre a cobertura da mesma e a porta do lado esquerdo com acesso a um terraço lateral para o qual não nos foi indicada serventia atual.

Voltando ao interior do templo estão colocadas ao longo das paredes à semelhança da Igreja Matriz de Odeceixe, representações simples das catorze estações da via-sacra. Duas pias de água benta ladeiam a entrada principal estando a do lado direito em mau estado.

Do Livro de Visitações da Ordem de Sant'Iago na Igreja Matriz de Aljezur (1605-1846) consultámos o " Inventário de todos bens e alfaias desta Igreja Matris de Nossa Senhora Dalva, feito na entregua, que foy dada a Jozé Joaquim Salta thezoureiro porpietário (sic) por Sua Magestade [...] [1764] " (Calapez, 1995:203-204-205-206) em que se contabilizaram aproximadamente trezentas e quinze peças demonstrando um vasto e rico património artístico.

Considerámos apenas realçar a estatuária, respetivas coroas e resplendores devido teor exaustivo do mesmo, passando de seguida à sua enumeração:<sup>52</sup>

- Senhora Dalva
- Senhora do Rozario

---

<sup>51</sup>Segundo Emmanuel Correa a Pia Baptismal, tem um total de altura de noventa e oito centímetros e meio e a maior largura, no bordo superior, possui oitenta e sete centímetros e meio. A sua «copa» ou reservatório para água, é uma semi-esfera escavada num só bloco de pedra com a espessura de quatro centímetros e meio no bordo superior. «Pé» ou «suporte» é um aproveitamento de elementos sobrepostos de uma coluna, cuja base possui vestígios arcaizantes de ornato de tipo manuelino, deteriorados pelo tempo e pela humidade própria do local; hoje, são quase simples «grotescos» pelas razões apontadas. Conserva no «nó» - saliente circular no suporte – uma espessura de quatro centímetros, entalhada com o genuíno motivo dum entrançado em «cora». Todo o conjunto, ainda segundo o mesmo apresenta-se na nobreza da pedra, sem quaisquer repintes ou cobertura de cal, em regular estado de conservação (Correia,1992:108).

<sup>52</sup>O restante inventário poderá ser conhecido através da consulta do Livro de Visitações da Ordem de Sant'Iago na Igreja Matriz de Aljezur (1605-1846) de Fernando Calapez, a título de curiosidade.

- Senhora da Conceição
- S. Luís
- S. Francisco
- Santa Suzana
- S. Sebastião
- Santa Luzia
- O Senhor Jesus crucificado; e
- S. João Batista
- Coroas de prata a saber:
- huma da Senhora Dalva
- outra do Minino
- outra da Senhora da Conceição; e
- outra da Senhora do Rozario

E dous resplendores, hum do Senhor Jesus, e outro de S. Sebastião, e oito settas de prata do mesmo santo

(Calapez, 1995:205)

Entre o primitivo inventário (1764), e o realizado em 2003 pela Diocese de Faro, este último conta apenas noventa e uma peças, distribuídas pelas categorias de escultura, pintura, ourivesaria, mobiliário e paramentaria. O conteúdo do inventário de 2003 não poderá constar em anexo, porquanto a sua consulta apenas nos foi possível “in loco”.

O resultado desta análise permite-nos concluir que subsistiram até hoje as imagens: do Senhor Morto; a da Virgem com o Menino, a do Senhor Crucificado; a de São Sebastião (proveniente da ermida de São Sebastião arrasada pelo terramoto de 1755), a de São Francisco de Assis; a de Santa Luzia (originalmente na igreja matriz de Aljezur) e a de Santo António (vinda da Igreja de Santo António também existente em Aljezur) já anteriormente referidas aquando da descrição do interior da Igreja. Ainda temos conhecimento que depois do cataclismo de 1755, perdeu-se o paradeiro de esculturas como: a da Virgem com Menino; a de São Pedro; a de Santa Susana; a de São João Batista e a de Nossa Senhora da Conceição. Este grupo de imagens poderão inclusivamente ter passado para mão de particulares que, indevidamente as tomaram como propriedade sua à semelhança do que aconteceu na Igreja paroquial de Odeceixe.

Ao longo dos tempos esta Igreja tem sido objeto de modificações levadas a cabo não só pela mão do Homem mas também pelas adversidades do tempo, como o sismo de 1969, provocando grandes danos que obrigaram à reconstrução e alterações das abóbodas das naves laterais, a cintagem da torre sineira, e ao reforço das colunas de alvenaria que separam as três naves. Embora não se consiga comprovar a afirmação, temos notícia de que devido aos estragos provocados pelo sismo chegou a ser encarada a demolição do

Templo, que contou com a firme oposição do bispo do Algarve D. Júlio Tavares Rebimbas (1965-1972).

Em 1986/1987 segundo Ruy Ventura:

«[...] foram remodelados os laterais, tendo-lhe sido introduzidas muitas modificações, que a comparação entre fotografias de diferentes épocas comprova. Na mesma altura, procedeu-se à repintura dos frescos existentes nas capelas laterais e colaterais. Já em finais da década de 90 do mesmo século (1998), foi remodelado o espaço litúrgico, modernizando-o readaptando-o às exigências emanadas do Concílio Vaticano II. Essa última modificação acrescentou à ousia algumas peças esculpidas em calcário: um ambão, a cátedra da presidência e os assentos dos acólitos. Prolongou ainda o espaço para a zona do transepto».

(Ventura, 2010:146)

Além das alterações já referidas tivemos conhecimento que foi suprimido o púlpito, o cadeiral, as grades de madeira que resguardavam a capela-mor, a capela do Santíssimo e o batistério durante a segunda metade da década de 60 do século XX.

A Igreja da Nossa Senhora d'Alva em Aljezur, construída a partir de uma decisão do eminente prelado D. Francisco Gomes do Avelar, Bispo do Algarve entre 1789 e 1816, que após o terramoto de 1755 viu a impossibilidade da continuação da vida normal e religiosa dos seus fregueses na primitiva vila, traçou assim um audacioso plano de transferência de pessoas e bens para uma localização mais arejada, saudável e segura o “ Sítio da Barrada”, começando por implantar o local destinado à nova Igreja Matriz de Aljezur, onde lançou a primeira pedra e traçou o esboço de fundações e volumes do Templo. A sua construção que se terá prolongado por 14 anos chegou ao termo no mês de Setembro de 1809 com as cerimónias de sagração da nova Igreja Matriz, pelo seu autor D. Francisco Gomes do Avelar sob projeto do arquiteto italiano Fabri.

Os dois séculos de existência contemplam intervenções nem sempre avisadas e, menos ainda, concretizadas com rigor e técnicas adequadas, traduzidas em alguma descaracterização tendo perdido traços de identidade que dificilmente serão devolvidos.

Mais uma vez é um templo de acesso público restrito por dificuldades várias, entre elas a falta de pessoas habilitadas para a condução de visitas e poucos recursos financeiros impossibilitando as obras de fundo atualmente necessárias que poderiam restituir renovado interesse cultural do viajante.

## **2.4. Igreja Paroquial da Bordeira**

De Aljezur em direção a sudoeste seguimos pela E.N. 120 cerca de cinco quilómetros, infletindo à direita, pela E.M. 268 no sítio denominado de Moinho da Légua, onde após pouco mais de dez quilómetros, encontramos um pequeno aglomerado populacional denominado: Bordeira.

Esta aldeia antiga convida-nos a conhecer o modelado das suas habitações de aspeto regional, caracterizadas pelos enormes telhados de uma só água que persistem nas casas mais antigas, e pelas paredes caiadas a branco que contrastam com o verde da vegetação predominante das estevas, urzes, aroeiras, troviscos, sargaços, pinheiros, eucaliptos e alguns sobreiros.

Situada num vale de área de campos muito férteis e várzeas que antigamente eram ocupadas com grandes pomares e vinha, fixava a população essencialmente agrícola que atualmente sobrevive da sazonalidade da atividade turística e de trabalhos agrícolas.

No decorrer da sua história deparamo-nos com diversas ocorrências de cariz religioso e/ou político, que submeteram ao longo dos tempos esta freguesia a transferências e partilhas de cariz administrativo.

A primeira data que regista a elevação a sede de freguesia, em 1464, foi efetivada por um dos ilustres Bispos do Algarve (então com Sé em Silves) D. Álvaro III (1414-1418), como dá nota uma importante notícia enviada pelo Padre António Martins Oliveira retirada do “Livro Cofre” da Bordeira de 1676, a fols.27 e 28 a José António Pinheiro e Rosa (Rosa, 1987:83).

Pertencente ao concelho de Vila do Bispo, extinto este, é anexada ao concelho de Lagos (não se conhecendo a data do decreto sobre esta determinação). Pelo decreto de 10 de Setembro de 1861, voltou a ser desanexada do concelho de Lagos, passando, por este mesmo decreto, a pertencer ao concelho de Aljezur. Mais tarde, com a extinção deste, voltou a integrar o concelho de Lagos pelo decreto de 14 de Agosto de 1885, regressando ao concelho de Aljezur quando, novamente, o decreto de 13 de Janeiro de 1898 o restaurou. Atualmente a freguesia da Bordeira pertence ao concelho de Aljezur, comarca

de Lagos, distrito administrativo de Faro, Tribunal da Relação de Évora, Diocese do Algarve.

Em tempos remotos diz-se que foi um lugar “my populoso” (Cardoso, 1747-1751:215), onde inúmeros sacerdotes conduziram a sua vida religiosa num período de mais de quinhentos anos, através da sua igreja paroquial como se pode ler no Auto de Recreação da Freguesia da Bordeira:

«Pediram os moradores deste lugar a saber em duas cabeças unidas Gonçalo de Adães e Diogo de Almeida, como Procuradores de toda esta freguesia e lugar ao Senhor Bispo Dom Álvaro, que naquele assistia com a Sé em a Antiga Cidade de Silves que eles se achavam fregueses com a Aldeia e Igreja de Nossa Senhora do Cabo a que chamam Vila Do Bispo e que deste lugar à Igreja eram duas compridas léguas, e apontando inconveniências grandes, o Sr. Bispo lhes mandou, que visto tudo fizessem Igreja e lhes daria Cura. Feita ela, mandou o Sr. Bispo, apresentassem a cõgrua e sustentação do cura, o que eles fizeram e se obrigaram em nome de todos, pela maneira seguinte:

1 – Primeiramente que eles e todos os moradores desta freguesia se obrigavam a lhe dar cada fogo três alqueires de trigo e metade pela medida comum e a outra metade pela medida arrazada.

2 – E que as pessoas pobres não pagariam mais que meio prémio e assim os que viessem para si ou emancipados, mas fossem, contando que por si fizessem fogo ou ganhassem para suas pessoas, ou vivessem sobre si.

3 – Além do mais que os viúvos que vivessem em casa sua dependentes do seu trabalho, pagariam o prémio por em cheio e assim e da maneira em que o primeiro Cap. Se contém.

4 – Além mais que as viúvas que fizessem lavoura, vivendo as leis do Estado de lavradoras, pagariam o prémio por em cheio assim e da maneira que em primeiro Cap. Se contém.

5 – Além do mais que este trigo haviam de pagar por todo o mês dele se cõta desde o S. João até todo o Agosto seguinte e os que não pagassem, ficariam à eleição do Cura em pôr-lhe o preço como fazenda e fruto seu.

6 – Além do mais que o que colher uvas ou vindimar e vender as uvas depois de cortadas, como usa venderem, às cargas ou por junto, pagariam meio almude, como se fosse mosto e o que não pagar fique à eleição do Cura pôr preço como fruto seu.

7 – Além do mais que para vinho para as missas se obrigaram a dar cada um meio almude pelo novo do mesmo em mosto, e isto correria por pobres e ricos que tivessem vinhas, ou suas ou arrendadas, ainda que seja arrendado somente as novidades.

8 – Além do mais que os que não houvessem vinha ou seja pobres e ricos, as arrendassem, nem colhessem uvas, pagariam trinta reis sem excluir pessoa alguma, nem haver partilhas nelas, por ser coisa que se dá para ? bem de todos.

9 – Além do mais que eles se não obrigavam a dar cevada, mas só se obrigavam dar e trazerem cavalgadura, indo buscar o Cura, para alguma necessidade, e o que não trouxer, que o Cura os condenasse à sua eleição e conforme o Bispo o mandasse.

#### **Obrigaçãõ do cura**

10 – Primeiramente que o Cura havia de assistir residente em o mesmo lugar, tendo nele sua casa e domicílio e que indo para fora em jornada de 8 dias, pagaria a Missa do Domingo, que faltasse e que o Padre que a havia de dizer buscaria eleitos, sendo o sustento à custa do Cura.

11 – Que adoecendo o Cura e querendo-se curar fora, mandarãõ os eleitos buscar Clérigo e se pagará assim e da maneira que diz no Ca. 10º.

12 – Que o cura dirá em os Domingos e Dias Santos missa dez para as onze e meia a tempo que a freguesia esteja junta e os que não vierem a este tempo os poderãõ condenar à eleição.

13 – Que o cura terá obrigação de superintender em todo o Governo da Igreja, assim das Confrarias e das eleições delas, como de não deixar danificar a Igreja e os ornamentos dela mas antes apresenta-la em tudo.

14 – Que o Cura terá cuidado de tomar contas aos mordomos e levar-lhe em conta os gastos que lícitos forem e os que parecerem não serem lícitos, carregados aos ditos mordomos para que não tenham fim os bens da Igreja».

(Rosa, 1987:91-92)

Gente de poucos recursos construíram-na os bordeirenses, muito pequena e de grande simplicidade arquitetónica não deixando adivinhar o encanto do seu interior.

Na opinião de José António Pinheiro e Rosa:

«[...] a igreja terá sido erguida logo desde o princípio da povoação, até antes de ela ser freguesia, como uma das suas casas – a casa da Mãe da Nossa Senhora da Encarnação – culto muito espalhado no Algarve, desde a Bordeira até Vila Real de Santo António. No século XVIII, talvez até como consequência do terramoto, fizeram-lhe os alindamentos da fachada e galilé lateral em seguimento de outras obras que já vinham desde 1691».

(Rosa, 1986:25)

De apresentação muito simples, e com as seguintes dimensões: “comprimento: 13, 30m; Largura: 6, 02m; Altura 5, 15m; Capela-Mor. Fundo:4, 85m; Largura 4,78m” (Rosa, 1986:25), a pequena igreja apresenta paredes caiadas a branco, com duas portas de madeira castanha “emolduradas” por grandes blocos de pedra amarelada, e, na fachada lateral um pequeno átrio barroco primitivo e rudimentar caracterizado por uma “pequena galilé de arco redondo [...] encimado por volutas e pináculos [...] em argamassa (idem:25).

De uma só torre sineira de dois olhais, podemos observar dois sinos suspensos:

«[...] ambos com a mesma inscrição: MANUEL ANTÓNIO DA SILVA FILHOS LISBOA ANO DE 1877; o maior mede 0,42 por 0,51 e pesa 82 quilogramas. O outro mede 0,36 por 0,43 e pesa 55 quilogramas. Evidentemente não foram os que anunciaram a vida religiosa durante os primeiros séculos de existência da freguesia, mas foram fundidos ou refundidos naquela data, em tempo do prior José Jesus Rosa».

(Rosa, 1986:25)

Contíguo, e do lado esquerdo da fachada principal encontramos o cemitério onde outrora eram sepultados os mortos.<sup>53</sup> Neste paramento, podemos observar, segundo Emmanuel

---

<sup>53</sup>Antigamente os cemitérios eram construídos, perto senão colados às igrejas, hoje em dia, por norma, encontram-se nas extremidades das aldeias, vilas ou cidades, como é o caso da aldeia da Bordeira, que apesar de possuir um cemitério ao lado da igreja, este encontra-se sem uso. Atualmente as cerimónias

Correia, “o melhor exemplar e o mais equilibrado espécime Manuelino em todo o concelho” (Correia, 1992:38).

Figura: 3.10 - Porta Manuelina da Igreja Matriz da Bordeira



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Na opinião de alguns historiadores possivelmente terá pertencido a uma Casa Fidalga, que existia próxima da povoação. No entanto, outros estudiosos atestam terem encontrado notícias que confirmam uma doação feita por alguém da Cidade de Lagos, de nome Manuel de Melo de Campos, que a encontrou na sua propriedade e decidiu doá-la para que pudesse ter melhor aproveitamento artístico, e ser apreciada, ao invés de se deteriorar no campo ao abandono, como muitos outros espécimes artísticos possivelmente tenham ficado, por desconhecimento, ignorância ou simplesmente por descuido e desprezo.

Em nossa opinião, embora não se conheça a sua origem, admitimos que poderá ter sido elaborada por um mestre de arte manuelina distinto de outros que também laboravam na região, por esta apresentar características visivelmente diferentes dos outros espécimes existentes no concelho.

Marcada pela existência de quase cinco séculos:

---

fúnebres são realizadas excepcionalmente na Igreja que apesar do seu mau estado acolhe os seus “filhos” em hora de necessidade, e o corpo segue depois acompanhado pelos seus fiéis até a extremidade da aldeia para serem sepultados no cemitério novo.

«[...] não se trata de uma simples composição de reaproveitamento de desperdícios lavrados em pedra, que um curioso arrumou com perícia. É um todo, nobremente idealizado e concebido dentro de cânones da arte Manuelina [...] É constituído por nove blocos de pedra. Em cada ombreira, três blocos de pedra de tamanho desigual, [...] Naqueles o alto-relevo, de um colunelo de pedra.

O fuste ou corpo da pequena coluna exhibe um entrançado singelo ou enrolamento, preenchido nas partes côncavas com meias esferas - motivos característicos da decoração Manuelina. As bases e capitéis dos colunelos falam linguagem da mesma arte. A verga que encima o pórtico é um só bloco de pedra onde se esculpiu, em alto-relevo, um duplo arco contracurvado com o mesmo motivo dos colunelos».

(Correia, 1992:39)

Na ombreira esquerda da porta principal da igreja observamos letras esculpidas, quase ilegíveis, tornando o entendimento da sua história ou ligação ao templo tarefa inglória: numa linha vertical podemos observar as letras **O E E S V** e noutra linha paralela **D E**. Descortinamos que existiriam outras letras indecifráveis. Também alvo de estudo por parte de José Pinheiro e Rosa, num artigo escrito para a revista cultural N.º1, este autor identifica a primeira sequência de letras como **O E B S V** que divergem do entendimento e da nossa leitura.

Figura: 3.11 - Ombreira da porta principal da Igreja Matriz da Bordeira



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Admitimos, também, que esta inscrição não relaciona a igreja, a porta ou as pedras da ombreira. No entanto, mais uma vez ficam assinaladas para no futuro, tendo oportunidade e meios investigatórios alargados, consigamos descortinar o seu significado e valor.

Sobre a Igreja em apreço, reunimos um conjunto de informações acerca do seu interior, com uma primeira descrição encontrada no artigo intitulado a Freguesia da Bordeira – Pequena Monografia em 1986 por José Pinheiro e Rosa, onde se lê que “em 1706, por ordem do Visitador “foi forrada, pois antes era de telha vã” (Rosa, 1986:25).

Nesse mesmo artigo é feita uma referência retirada da descrição dos livros de Visitas, que nos permite saber em concreto a data de construção do retábulo para a capela- mor pertencente ao período setecentista:<sup>54</sup>

«Foi em 1713 que o visitador ordenou: “Dentro de três anos, se faça um retábulo para a capela-mor”. Ora, em 1712, já havia os três altares que a igreja ainda hoje tem: Maior, com a Padroeira e Santíssimo; Senhora do Rosário e Senhor Jesus. Em 1718, manda o Visitador: “O retábulo da capela-mor *que se está fazendo se acabe...*”. Em 1734, fala-se em “dourar o retábulo da capela-mor”. Portanto já estava pronto. Mas só em 1746 todo o conjunto foi inaugurado – retábulo, arco triunfal e os dois altares – o que foi consignado no escudete do arco triunfal, que além dum versículo da Bíblia – ECCE: ANCA: DNI: FIAT MI: SECUND: VERB: TWM (eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra se lê com nitidez, a data:1746».

(Rosa, 1986:25-26)

Durante a visita de 1713, o Visitador ordenou ainda que se mandasse fazer a imagem de Nossa Senhora da Encarnação, Orago da freguesia, exibindo um traço barroco primitivo com “5 palmos de alto e de boa escultura e bem estofada” (Rosa, 1966:26) contemporânea da talha do altar-mor. Esta imagem hoje encontra-se, por motivo de segurança, na Igreja Matriz de Aljezur. Caracterizado pelo requinte, rebuscamento, grandiosidade, abundância de detalhes decorativos e pelo exagero dos adornos, de planta plana, o retábulo da capela-mor em talha barroca, executado por meados de 1718 e dourado em 1734 acima supra mencionado é composto por um:<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Igreja construída segundo José Pinheiro e Rosa logo no início da povoação, à semelhança de outras igrejas, viu-lhe serem feitas obras de reconstrução e inseridos elementos arquitetónicos ao longo das épocas, como é o caso deste altar-mor em talha dourada do período barroco, que felizmente perdurou até aos dias de hoje, tornando-se um testemunho precioso desta época fortemente marcada pelos ornamentos caprichosos e decoração deslumbrante.

<sup>55</sup> De acordo com Francisco Lameira na talha algarvia o barroco vigorou entre 1671 e 1751, correspondendo a primeira data à nomeação de D-Francisco Barreto II para Bispo do Algarve e a segunda à feitura do primeiro retábulo rococó. Abrange os bispados do já referido D. Francisco Barreto II (1671-1679), D. José de Meneses (1680-1685), D. Simão da Gama (1685-1703), D. António Pereira da Silva (1704-1715), D. José Pereira Lacerda (1715-1738) e D. Inácio de Santa Teresa (1740-1751), (Lameira, 2000:137).

«[...] corpo único, três ramos com quatro colunas pseudo-salomónicas, ao centro uma tribuna com um trono piramidal em degraus e a imagem da padroeira, nos intercolúneos peanhas para imagens o ático apresenta um só arco pleno, salomónico, com quatro raios e uma cartela ao meio».

(Lameira, 2000:144-145)

Os seus dois retábulos colaterais são:

«[...] de planta plana, compõem-se de banco, corpo único, um só tramo com um par de colunas pseudo-salomónicas e um par de pilastras, ao centro a imagem do *Senhor Crucificado*, o ático consta de um arco pleno salomónico envolvido por emolduramento rectangular e rematado por enrolamentos acânticos com uma cartela no meio».

(Idem, 2000:145)

Em 1742 ainda a respeito do seu interior conhecemos uma descrição feita pelo Padre Luís Cardoso (1649-1769) no Dicionário Geográfico sobre a existência de uma “capella” dedicada à Almas Santas, que atualmente não existe na igreja. Pensa-se que este conjunto deixou de constar no seu interior por virtude da ação do tempo e/ou obras de recuperação, à semelhança de outras situações existentes na região.<sup>56</sup>

«A paróquia, de huma só nave, está fundada junto ao povo: tem por Orago N.S com o titulo da Encarnação, cuja a Imagem se venera no Altar mor, a que acompanhaõ das ilhargas outras duas de boa escultura, huma de S. Francisco de Assis, e outra de S. Antonio de Padua, nelle está o Sacrario: tem mias dous collateraes, o da parte da Epistola de Christo crucificado, e do Evangello de N.S. do Rosario, ambas com suas Confrarias. Defronte da porta travessa se erigio no anno de 1742 huma Capella dedicada às Almas Santas: tem sua Irmandade Ecclesiastica com seu Compromisso».

(Cardoso, 1747-1751: 215)

Do conhecimento histórico sobre a existência destes altares, apuramos, que em Portugal “os retábulos das almas [...] encontraram o expoente da sua feitura no século XVIII” (Goncalves in Lopes 2010:34), sendo que já denotariam um expressivo acervo artístico alusivo ao culto das Almas do Purgatório, a partir da época de quinhentos.

O Arco triunfal retabular da Igreja Matriz da Nossa Senhora da Encarnação pertencente ao primeiro terço do século XVIII e 1746:

---

<sup>56</sup>Personalidade que se dedicou ao estudo da corografia e da historiografia local, agregando um conjunto de informação no Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de todas as cidades, vilas, lugares e aldeias, rios, ribeiras e serras dos reinos de Portugal e Algarve. Só se conhecem os dois primeiros volumes correspondentes da letra A à letra C publicados entre 1747 e 1752. Por editar ficou a restante obra perdida devido ao Terramoto de 1755.

«[...] preenche o intradorso do arco triunfal e parte do frontispício da nave. Resulta de duas intervenções distintas: a primeira, ocorrida no primeiro terço do século XVIII, ocasião em que as Confrarias de Nossa Senhora do Rosário e do Senhor Crucificado promovem a construção dos retábulos e das ilhargas do arco triunfal. A segunda, respeitante ao revestimento do arco triunfal, foi mandada executar pela Comissão Fabriqueira em 1746, conforme se atesta numa cartela existente no remate do frontispício. Em ambas as intervenções se desconhece a identidade dos profissionais envolvidos.

O conjunto dos retábulos colaterais e a sua interligação através do revestimento em talha do arco triunfal é pouco frequente na região algarvia.

De madeira entalhada e dourada, os retábulos propriamente ditos inserem-se na tipologia mais frequente: a de corpo único e um só tramo. Apresentam contudo como especificidade a sua composição rectângular, no interior da qual surge um nincho emoldurado por um par de mísulas, colunas torsas com sete espiras e um arco pleno, salomónico.

Por sua vez, o revestimento do arco triunfal apresenta uma composição definida por pilastras assentes em pedestais e rematada por uma arquivolta plena, prolongando-se a ornamentação em talha pelo frontispício. Neste último sobressai uma cartela, como o cronograma: 1746, ladeada por dois meninos e rematada por um frontão».

(Lameira, s/d:83)

Figura: 2.12 - Pormenor da data em que foi executado o arco-triunfal da Igreja Matriz da Bordeira



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

Encontrando-se em estado razoável de conservação aquando a visita do autor acima citado que apontou como “intervenções relativamente decentes a policromia desajustada e anacrónica do arco triunfal e a ausência de frontais nas mesas dos altares colaterais” (idem, s/d:83).

Hoje o arco perdeu os dourados em benefício de azuis, ocres e verdes, indefinidos nas suas tonalidades. Segundo Emmanuel Correia, é ainda no circundante desse arco que a talha adquire alguma raridade e um regionalismo próprio, onde assume formas genuinamente algarvias, numa mistura de parâmetros decorativos. Por exemplo, os frutos das figueiras, que proliferam por toda a província são simbologia marcante de grande simplicidade, mas com erudição e profundo saber popular (Correia, 1992:40).

Presume-se que a talha da Igreja Paroquial da Nossa Senhora da Encarnação obedece a um modelo importado, tendo sido executada por artistas/artífices da região. Revestido a talha Barroca, o alçado do altar-mor, o arco triunfal e os altares colaterais adoçados às paredes tornam esta igreja exemplo da perfeição de talha dourada.

Com o terramoto de 1755 a igreja sofreu danos ligeiros, obrigando a reparos de pouca monta, não alterando nada no seu ordenamento interior tal como se pode perceber através da descrição feita no artigo das “Memórias Paroquias de Aljezur, Bordeira e Carrapateira em 1758” onde ainda constam os quatro altares:

«7. Tem quatro altares, um na capela maior em que está colocada a dita Senhora em meio altar está o calvário com o Santíssimo Sacramento, tendo três altares em que se veneram o Senhor Jesus crucificado e a Senhora do Rosário e Almas do Purgatório. Não tem nave alguma, tem seis confrarias entrando a fábrica. São estas o Santíssimo Sacramento o Senhor Jesus a Senhora do Rosário, Santo António, Almas do Purgatório e fábrica».

(Mendes, 1990:41)

De 1887 tivemos conhecimento de mais um relato numa carta redigida pelo Pároco da Bordeira José Bento Lobo da Veiga (1887) para o Bispo do Algarve com a descrição, que nos permite obter informações acerca do seu estado de conservação (denotando já alguma necessidade de se proceder a importantes reparos, sendo que a igreja possivelmente já estaria desprovida quer da atenção dos seus fiéis quer da ação do tempo) e acerca do espólio:

«[...] esta Igreja ainda precisa de bastantes e importantes reparos, todavia ainda n’ella se podem celebrar com a devida decência os atos do culto divino, possui esta Igreja bastante prata, paramentos, e roupas brancas».

(AHDA, Bordeira, 1887)

Em 1996 José António Pinheiro e Rosa, com a descrição do inventário existente até essa data, dá-nos a conhecer, com uma noção aproximada, o espólio muito pouco significativo uma vez que só se refere à paramentaria e a ourivesaria:

«[...] a) paramento rosáceo, com sebasto e orlas de brocatel. Século XVI. b) Paramento vermelho de lã. Século XVI. c) Paramento multicolor... de seda às listas amarelas, verdes e outras. Com pano de estante, pasta e frontal Orlas do século XVI; Paramento branco, de brocatel de seda .. Com pano de estante, pasta e frontal Orlas do século XVI.d ) Paramento branco, de brocatel de seda. [...] do século XVIII. e) Casula roxa, de damasco de lã com sebasto de brocatel de algodão e orlas. Formato do século XVI. F) Bolsa de corporais, bordada a sedas, antiga mas sem estilo definido. [...] ourivesaria a) Uma cruz processional de prata, igual à de Budens, embora de menores dimensões. b) Turibulo e naveta de prata semelhantes aos de Barão de S. Miguel, que figuraram na exposição de 1940, em faro».

(Rosa, 1986:26)

Ao que pudemos apurar da consulta ao inventário artístico das igrejas pertencentes à diocese do Algarve, Vigararia de Lagos, realizado em 2003 na igreja da Bordeira, das peças acima referidas ainda existem e permanecem na igreja os paramentos, e os panos de estante.

Esta igreja viu, em 2012, serem-lhe retiradas três imagens acauteladas na Igreja Matriz de Aljezur, além de uma de Nossa Senhora da Encarnação esculpida em madeira nos finais do século XVIII, e respetiva coroa em estado suficiente havendo a intenção de recolherem brevemente, mais três com o mesmo intuito. Do inventário realizado em 2003 constavam 82 peças, hoje bastante adulterado restando na Igreja apenas 46 peças, que se dividem pelas categorias de escultura, ourivesaria e paramentaria.

Uma vez que não nos foi permitido obter fotografias, fotocópias ou digitalizações às fichas de inventário - apenas a sua consulta - passamos a transcrever as informações que consideramos mais relevantes para o nosso estudo e para conhecimento do público e que, atualmente podemos observar na igreja da Nossa Senhora da Encarnação:

- a) a imagem de São Sebastião do século XVI, esculpida em madeira em estado suficiente, sem o Esplendor e as seis setas de madeira espetadas no corpo, que tinha até 2003, colocada em cima do altar da capela-mor;
- b) a imagem de São Francisco esculpida em madeira, do século XVII sem o resplendor que tinha até 2013 em estado suficiente, colocado no lado direito da capela-mor;
- c) a imagem de Santo António esculpida em madeira no século XVII, sem o resplendor que tinha até 2013, em estado suficiente, colocado no lado esquerdo da capela-mor;
- d) a imagem do Senhor Crucificado, esculpido em madeira do século XVIII, em estado regular colocado, no centro do altar-mor;
- e) a imagem da Nossa Senhora da Soledade do século [?] em estado regular, colocada no altar colateral direito;
- f) um castiçal, esculpido em madeira dourada, do século [?] em estado regular, colocado na sacristia;
- g) um pé de encaixe esculpido em madeira dourada do século [?] em estado regular, colocado na arrecadação;

- h) quatro castiçais esculpidos em madeira do século [?] todos em mau estado, um deles colocado na arrecadação e os outros três no arcaz da sacristia;
- i) dois castiçais esculpidos em madeira e decorados com metal amarelo do século [?], em mau estado, e que se encontram colocados na sacristia;
- j) quatro castiçais do século [?], esculpidos em madeira dourada, em estado regular, colocados no altar-mor;
- k) um castiçal de metal amarelo do século [?], em mau estado, colocado na sacristia;
- 12) uma peanha, esculpida em madeira dourada, em estado regular, colocada na sacristia;
- l) 13) um candelabro em metal amarelo do século [?], em mau estado, colocado em frente ao retábulo da igreja;
- m) 14) uma caldeirinha e hissope, feitos de cobre do século [?]; colocados no armário da sacristia;
- n) 15) uma caixa dos santos óleos, feita de madeira do século [?], em mau estado, também colocada dentro do armário da sacristia;
- o) 16) missal do ano de 1782, em mau estado;
- p) 17) missal romano do ano de 1937 em estado deficiente;
- q) 18) missal romano do ano de 1754, em mau estado;
- r) 19) missal romano do ano de 1789, em mau estado;
- s) 20) missal romano do ano de 1867, em mau estado;
- t) 21) um Liber Passionum do ano de 1675, em mau estado;
- u) 22) missal romano do ano de 1751, em mau estado;
- v) 23) missal romano do ano de 1797, em mau estado;
- w) 24) dois Baptisterium et doa nos de 1770 e 1785, em mau estado;
- x) 25) um Manuale Romano do ano de 1758, em mau estado;
- y) 26) um ritual de sacramentos do ano de 1635 em muito mau estado;
- z) Todos os missais e outros livros supra mencionados estão colocados dentro de um baú na sacristia.
- aa) duas estolas dos séculos, em [?] em mau estado;
- bb) quatro panos de estante do século XVI, em estado suficiente;

- cc) quatro cordões de dalmática do século em estado regular;
- dd) um paramento de veludo azul do século [?] em estado regular;
- ee) paramento de cor vermelha do século [?] em mau estado;
- ff) paramento de veludo castanho, em mau estado.

A análise deste espólio permitirá que, futuramente, se possa aceder a dados importantes para a compreensão e história desta igreja, à semelhança dos dados de inventariação feitos desde a época da Ordem de Santiago, de cujo itinerário esta Igreja não fez parte.

Templo de culto sagrado, marcado por séculos de existência, está hoje em mau estado e na eminência de ruir, adivinhando mais uma perda irreparável para o património religioso edificado, caso não se providencie um sólido estudo que conduza a efetiva recuperação.

Aquando das nossas visitas em 2013 e 2014 foi notável a presença de insetos xilófagos em atividade, novas fissuras, mutilações por apodrecimento do material, sujidades e acumulação de poeiras incrustadas no altar-mor, retábulos circundantes e arco-triunfal, além da já aludida degradação do edifício.

Como já referido, excetuando realizações fúnebres, este templo está hoje encerrado a toda e qualquer outra atividade por falta de segurança. Todavia, para que possa ser reaberto, a realização de assertivas e prementes obras, perfeitamente exequíveis, que não se nos afiguram dispendiosas, permitiriam recuperar o valor e posição outrora ocupados.

No interior e em futuro imediato, muito próximo e urgente deverá ser promovido um estudo especializado para trabalhos de restauro dos altares (altar-mor e colaterais) e promoção efetiva dos resultados apresentados, porque a não ser como afirmamos, esta a Igreja tendo já sido considerada por muitos como a mais notável igreja em termos de talha dourada do concelho e que outrora já ocupou o 2º lugar nos concelhos de Lagos, Vila do Bispo e Aljezur, referenciada em várias publicações, vai ficando desprovida do seu espólio, encontrando-se na iminência de perder-se na história do património religioso, dos seus crentes, visitantes e estudiosos, devido, ao acelerado processo de ruína e abandono a que está sujeito, conduzindo a irreversível degradação empobrecendo cada vez mais uma região severamente castigada pelo desfavor de uma integração, pelo menos regional, que urge analisar e alterar.

## 2.5. Igreja da Carrapateira

«[...] a vontade de ficar  
Para visitar a capela,  
Conhecer a Fortaleza;  
E ter então a certeza  
Que será bom regressar».

(Sarmento, 1993:28)

A pouco menos de cinco quilómetros da aldeia da Bordeira, seguindo pela estrada serpenteada, ladeada por pinheiros, eucaliptos e sobreiros, o aroma de maresia leva-nos ao encontro da última aldeia a sul do Concelho de Aljezur, a Carrapateira que:

«[...] foi visitada pelo Bispo D. José de Menezes em 1622. Era freguesia, no tempo de D. António Pereira da Silva (1712) tendo até um pároco de apelido Marreiros, muito frequente na região, e só foi extinta e anexada à Bordeira em 1849. Quando freguesia, o ordinário apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo pago pelos fregueses».

(Rosa, 1986:21)

Povoação anterior à Bordeira, nela se obedeceu à defesa militar da costa desde as primeiras investidas hostis provenientes de navios e frotas que outrora navegavam nesta zona, pilhando, saqueando e escravizando as populações mais próximas do mar como é o caso desta aldeia situada entre duas praias de fácil acesso: a praia da Bordeira a norte e a praia do Amado a sul.

Erguida no cimo de um cerro sobranceiro à costa litoral a sudoeste, encontramos a Igreja da Carrapateira, defendida desde 1673 por uma fortaleza construída em seu redor de modo a evitar a profanação e proteger as populações ameaçadas.

O templo é dedicado à Nossa Senhora da Conceição, seu Orago e padroeira dos pescadores desta aldeia que lhe dirigem as suas preces quando vão para a faina num mar áspero e muitas vezes revoltado, característico nesta faixa costeira.

Hoje, anualmente realizam-se festas religiosas dedicadas a esta Santa Padroeira, em que os habitantes da aldeia, especialmente pescadores e familiares se reúnem à volta da Imagem decorada por flores brancas realizando uma procissão pelas ruas da aldeia agradecendo a sua proteção com profunda contemplação e união com o divino.

Por ser uma igreja de pequeno volume arquitetónico e de valor pouco assinalável, a escassa documentação existente reduz o conhecimento da sua história, campanhas de obras, principais mecenas, e as intervenções de conservação e restauro que foi sofrendo ao longo das épocas. Apesar disso foi-nos possível reunir anotações, que permitem coligir alguns dados históricos sobre a Igreja da Nossa Senhora da Conceição oferecendo-nos uma retrospectiva que auxilia o conhecimento na atualidade.

Em rigor, não se conhece a data da sua construção, todavia, durante o processo de investigação que estamos a conduzir, a confrontação de fontes disponíveis, e tendo em conta que “restam da sua traça primitiva, além dos moirões, que o sustentam, as duas portas manuelinas, uma de cinco lóbulos e a outra de dois nos respetivos dintéis” (Sarmiento,1993:28), “de grés avermelhado com cruzamento de dois arcos contracurvados na verga” (Correia, 1992:105), leva-nos a conjecturar ter sido edificada durante a primeira metade do século XVI.

Do seu interior chega-nos a primeira descrição em 1712, após uma visita à freguesia da Carrapateira, feita por D. António Pereira da Silva (1704-1715), a Igreja possuía, “três altares: O Maior, com Nossa senhora da Conceição e Santo Estevão, e dois colaterais, Senhora do Rosário e Senhor Jesus” (Rosa, 1986:27). Ainda de acordo com as anotações do prior, na igreja não existia sacrário, porque terá sido levado durante as invasões dos mouros, que profanavam com violência os lugares de culto, como acima referimos, segundo a descrição feita no Diccionario Geografico “em outra occasiaõ levarã o Sacrário, que nunca mais apparceo” (Cardoso, 1747-1751:454).

Nesta época na Igreja ainda se aglutinariam as Confrarias do Rosário, das Almas e do Senhor Jesus.

Da mesma obra temos uma outra descrição sobre o interior da Igreja que refere quatro altares e não os referidos três correspondentes à descrição feita por D. António Pereira da Silva.

«A Paroquia fica junto do Lugar: he Igreja pequena de huma só nave: consta de quatro Altares, o mayor de N.S. da Conceição, Orago da Casa, os dous collareraes, hum do Senhor Jesus, outro da Senhora do Rosário, no corpo da Igreja: tem outro das Almas. As Confrarias, que nella já, são do Senhor Jesus, de N.S. do Rosario, e das Almas. He filial de N.S. da Conceição da Villa do Bispo, que pela parte do Sul fica distante duas legoas, a cujo o Prior se

pagaõ os dízimos, e pé de Altar. O Paroco he Cura, apresentando pelo Prelado Ordinário: tem de renda...moyos de trigo, pagos pelos moradores».

(Cardoso, 1757:454)

À semelhança do altar das Almas Santas existente na Igreja da Bordeira pensa-se que este também tenha sido erigido em 1742, tendo desaparecido pelos mesmos motivos, fossem eles a ação do tempo devido à existência de um telhado de telha vã, madeiramentos expostos, com frequentes infiltrações e depósitos de águas provenientes da chuva, que promoveram o apodrecimento e degradação destes elementos, ou reconstruções para as quais não existiram meios de recuperação total, por se tratar de igrejas e paroquianos com baixos recursos.

Ainda no seu interior destacamos duas tábuas quinhentistas que terão sido aproveitadas do primeiro retábulo da igreja, produzido na mesma época, representando Santo António de Lisboa e São Pedro:

Figura: 2.13 - Imagens de Santo António e São Pedro patentes na Igreja Matriz da Carrapateira



Fonte: Fotografia de José Melro

«[...] sobre um fundo tímido de paisagem, com arvoredo, que se desenha por de trás de um balcão ornado com “grotescos”, cartelas de Antuérpia e enrolamentos fitomórficos, e com um pavimento lajeado em perspectiva oblíqua [...] Os tecidos são desenhados de modo convencional, mas com certa soltura (sobretudo o manto vermelho-surdo de S. Pedro), os dedos são longos e afiliados, e as cabeças atingem um grau de expressividade que a pincelada ténue acentua com alguma elegância. É de notar o porte “serpentinado” das duas figuras, os acertos de pincel no jogo decorativo da barra que reveste o intradorso do balcão corrido, e os pormenores de execução do arvoredo fundeiro, em gradações de verdes e dourados».

(Serrão, 1988:8-9)

Estilisticamente, as características do desenho, da modelação de panejamentos, preferências cromáticas e execução que se verificam nas tábuas da Igreja da Carrapateira, repetem-se, semelhantemente, em outras duas tábuas da igreja de Vila do Bispo (Serrão, 1998:8).

Presume-se, tratarem-se de obras saídas da mesma oficina, e produzidas por volta de 1570, tendo em conta que por esta altura laboravam em Faro oficiais de pintura com gostos próprios da pintura maneirista.<sup>57</sup> Damos como exemplo desse trabalho as pinturas que existem na Igreja de Santa Bárbara de Nexe ainda de finais do século XVI e um “Calvário” com características regionalistas também de finais de quinhentos na Misericórdia de Loulé (Serrão,1998), colocando-se a hipótese de que a sua conceção possa ser atribuída “ao pintor Álvaro Dias, ativo em Lagos em 1571” (Lameira, s/d:102).

A descoberta e identificação das tábuas quinhentistas da Carrapateira foram feitas por Emmanuel Correia, que se dedicou ao estudo da memória e identidade coletiva, participando na dinamização da revista Espaço Cultural, da qual era diretor, dedicada especialmente à história, património natural e cultural do concelho de Aljezur onde nasceu.

Segundo Vítor Serrão, trata-se:

«[...] de uma importante descoberta, que vem reivindicar para o Algarve um papel interessante, ainda que de nível periférico-regionalista, no quadro da pintura maneirista portuguesa, e que impõe um estudo de “levantamento” por todo o Distrito».

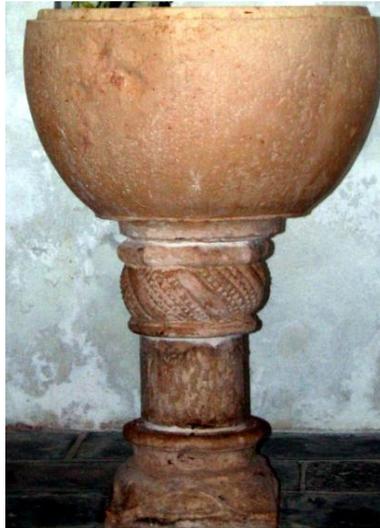
(Serrão, 1988:9)

A 26 de Abril de 1991, estas pinturas foram alvo de especial atenção pelo académico da Academia Portuguesa da História, Doutor Alberto Iria.

---

<sup>57</sup> Caso do Pintor Diogo Teixeira, que segundo o Historiador Vítor Serrão executou em Faro uma grande “Descida da Cruz” que identificou na sacristia da Igreja de S. Pedro, onde o artista revela o seu gosto peculiar pelo estilo maneirista, influenciando seguramente os outros artistas locais.

Figura: 2.14 - Pia Batismal Manuelina patente na Igreja Matriz da Carrapateira



Fonte: Fotografia de José Melro, 2015

A pia batismal hexagonal no batistério, situada ao lado da Epístola, no início da nave, de pedra calcária de cor amarelada, e assente num pé trabalhado em capitel manuelino é outro elemento admirável presente nesta igreja implantada intra-muros da fortaleza acima já mencionada que a população solícita ao Monarca, para proteger a povoação da Carrapateira contra raptos, pilhagens e possíveis profanações da capela por piratas mouros ou outros, que navegavam e pilhavam por estes mares:

«No meyo da fortaleza está a Igreja, em cujo...estão seis quarteis para os soldados, que nella assistem, que hoje são só três, sengo antigamente... por assim o pedir a necessidade, e ..., que padecia este povo, que antes de se fabricar a fortaleza, era muy invadido de Mouros, que nos seus moradores faziaõ grandes, e continuas hostilidades, naõ perdoando, como bárbaros, ao profano, nem ao sagrado, onde faziaõ mil desacatos [...] A fortaleza he quadrada, e em cada canto tem sua plataforma, em que estaõ seis peças, e só duas montadas, porque bastaõ para a defenda».

(Cardoso, 1757:454-455)

Em 1742, foi mandada recuperar pelo Conde de Atouguia [?] Governador e General de Armas do Reino do Algarve, devido à sua sucessiva deterioração provocada pelo desgaste e agressões ambientais, com destaque para a exposição severa à influência marítima.

Em 1754, ao inspecionar a fortaleza, o Governador e Capitão General do Reino do Algarve, D. Rodrigo António de Noronha e Menezes [?] constatou que algumas peças de artilharia estavam incapazes de ser utilizadas, apesar de a fortaleza continuar em aceitável estado de conservação. No entanto, no ano seguinte foi necessário proceder a

pequenos arranjos na muralha voltada a norte provocados pelos estragos produzidos com o terramoto de 1755, que também atingiu e danificou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Depois do sismo foram sendo feitas algumas reparações até 1990, ano em que, por iniciativa de uma comissão de residentes na aldeia da Carrapateira e de outras pessoas do concelho, após terem descoberto os alicerces originais da sua configuração primitiva, com o apoio de uma das Plantas do Arquivo Histórico Nacional, procederam à reconstrução da fortaleza que, atualmente se encontra bem diferente da aparência original. Hoje, sem guarnição, os muros do forte apenas relembram a destreza de outrora.

Depois do terramoto responsável pela destruição de grande parte do património religioso existente por todo o Algarve e neste caso, especificamente, no Concelho de Aljezur conseguimos reunir um conjunto de relatos que nos permitiu adquirir uma visão sobre a vida religiosa desta localidade e o estado de conservação em que se encontrava a sua Igreja entre os séculos XVIII e XIX.

No artigo Memórias Paroquias, escrito por Isabel Maria Ribeiro Mendes para a revista Espaço Cultural V retiramos o primeiro excerto que diz respeito ao inquérito realizado três anos após o sismo de Lisboa em 1755 por ordem do Marques de Pombal, como anteriormente já foi referido neste capítulo, em que foram feitas um total de setenta perguntas abrangendo sobretudo a vida económica, religiosa e o estado das regiões após o terramoto. A tarefa de organizar todas as respostas, e de todos os documentos, coube ao Padre Luís Cardoso, sendo concluída em 1832, já após o seu falecimento, altura em que terá sido completado o índice de todas as respostas aos inquéritos recebidos.

Na pergunta 26 do respetivo inquérito chega-nos a notícia sobre o estado da igreja da Nossa Senhora da Conceição, onde se pode ler:

«[...] esta terra no terramoto de terra que houve no ano de mil setecentos e cinquenta e cinco, não padeceram nada os seus moradores somente a igreja da parte do Norte padeceu algumas ruínas e está muito pequena e está concentrada ao prior».

(Mendes, 1990:43)

Da visita pastoral de D. Francisco Gomes do Avelar à Carrapateira, em Setembro de 1790, tivemos conhecimento de um quadro desolador, retirado do Livro de Visitas pastorais da Bordeira, copiada pelo Prior Mariano Pedro da Cunha Figueiredo (1888):

«...E enquanto o lastimoso estado em que se acha a igreja, não só em várias ruínas do edifício, má ordem dele e tudo o mais que é necessário para a decente celebração dos Divinos Ofícios e culto do nosso Deus, cujas consideráveis faltas e avultada pobreza lamentamos; não podendo por ora prover cousa alguma, somente ordenamos que esses tenuíssimos réditos da Fábrica e Confrarias sejam cuidadosamente arrecadados no Cofre, para a seu tempo vermos o que de melhor se pode dispor para melhor decência da mesma igreja e consideração dela».

(Rosa, 1987:87-88)

Numa época fortemente marcada pela nova conceção do espaço eclesiástico, que se correlacionava com a função retórica que a igreja católica pretendia transmitir, a vida religiosa tornara-se num privilegiado instrumento de atuação do culto e é pela Carta de Lei de 2 de dezembro de 1840, que nos chega mais um conjunto de relatos, quando a aldeia da Carrapateira viu a sua Paróquia ser alvo de uma reorganização.

As informações contidas nos trabalhos da comissão Mista formada na Diocese, e autenticados pelo Governo de Sua Majestade, as aldeias da Bordeira e Carrapateira, confirmam relatos dos inconvenientes relacionados com a grande distância que se achavam muitos povos:

«[...] das suas igrejas sem caminhos ou estradas que a elas dirigissem e muitas vezes terras e regatos intransitáveis de permeio, donde também resultava dificuldade muitas vezes invencível pronta e necessária administração dos Sacramentos mas também outros não menos graves inconvenientes que resultam ao público e aos particulares da existência e conservação das Paróquias, de diminuta população, porque além de não poderem os seus moradores sem gravíssimo vexame próprio subministrar os meios necessários para sustentação do Pároco, do Sacristão, da Igreja e sua Fábrica e casas de residência, acrescia o não haver nela indivíduos habilitados para os diferentes empregos seculares, tantos civis como administrativos; inconvenientes que deviam desaparecer, logo que, nas pequenas freguesias se unissem a outras mais vizinhas quando a instituição do local assim o permitisse».

(Rosa, 1987:93)

O Governo de Sua Majestade suprimiu e anexou a Paróquia da Carrapateira à Paróquia de Nossa Senhora da Incarnação da Bordeira que ficava sendo o Orago e Invocação.<sup>58</sup>

As duas paróquias ficaram assim, com os mesmos direitos e obrigações, ambas podiam ter um Capelão, pago por sua conta, mas a missa, na Carrapateira, apenas podia ser celebrada aos Domingos e dias Santos.

Aos ex-paroquianos desta foi-lhes ordenado que reconhecessem e obedecessem ao Pároco da Bordeira e aos que de futuro ali permanecessem, logo que a Provisão fosse publicada.

Passariam a receber do Pároco os Sacramentos e os ofícios paroquiais pagando “ *os “prois e percalços” e o mais que por direito lhe pertencia e a Cômgrua ou Prémio para a sua decente sustentação*” (Rosa, 1987:87).

Os batismos, os matrimónios, os funerais e as demais funções paroquiais dos fregueses anexos passariam a ser celebrados e praticados na Igreja Paroquial da Bordeira.

As demais alfaias utilizadas para a realização do culto, (os vasos sagrados e os paramentos da igreja da Carrapateira) passariam a pertencer à igreja paroquial reunindo as condições necessárias para a celebração do Santo Ofício.

À exceção da imagem da sua Padroeira, as confrarias existentes na igreja da Carrapateira seriam transferidas para a paróquia da Bordeira, com as suas imagens e alfaias de culto, sendo abolidas as confrarias homónimas, e transitando os confrades para esta.

Consta este provimento nos Livros do Registo da Câmara Eclesiástica remetido, a 30 de Setembro de 1848, ao R. do Pároco da Igreja da Nossa Senhora da Incarnação da Bordeira.

---

<sup>58</sup>A paróquia foi extinta por portaria da Monarquia em 3 de Agosto de 1848, sendo depois anexa à Paróquia da Bordeira, por provisão de 30 de Setembro desse mesmo ano. Era Bispo da Diocese do Algarve D. António Bernardo da Fonseca Moniz.

Retirada do Portugal Antigo e Moderno – Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Histórico, Biographico e Etymologico, Volume II, chega-nos o relato de um curioso episódio sobre esta pequena igreja:<sup>59</sup>

«[...] no dia 16 de novembro de 1873, estando o povo e auctoridades na igreja matriz da rapozeira, a proceder às eleições municipais, abateu todo o tecto do corpo da igreja, já matando umas 8 ou 10 pessoas, e ferindo muitas.

A capella mór, por ser de abobada, nada sofreu. N'ella estavam o administrador do concelho, parochico, mês a e outras pessoas ficaram incólumes, já se acha reparação do o tecto».

(Leal, 1874:118)

De 1887 tivemos conhecimento de mais um relato descrito numa carta redigida pelo pároco da Bordeira José Bento Lobo da Veiga (1887) para o Bispo do Algarve com a seguinte descrição:

«[...] situada na aldeia da Carrapateira a nascente da Bordeira, da qual dista quatro kilometros, está edificada no recinto de uma antiga fortaleza, hoje em ruínas, está muito danificada e precisada de importantes obras , todavia n'ella ainda se podem celebrar os Sacramentos Magistraes da Religião, esta Igreja não possui alfaias e paramentos próprios, porque sendo extinta a antiga freguesia da Carrapateira, tudo passou para a parochial da Bordeira».

(AHDA, Bordeira, 1887)

Atualmente, no exterior da Igreja da Nossa Senhora da Conceição, podemos ainda observar as duas distintas portas manuelinas, de cantaria lavrada, com ombreiras decoradas com colunelos e verga com arco canopial e moldurado, que se pensa terem sido executadas com pedra da região, tendo em conta as suas características morfológicas, acima já mencionadas colocadas durante a construção da Igreja.

---

<sup>59</sup> Durante muitos anos a Carrapateira foi sede de freguesia do concelho de Lagos. Em 1852 aparece como freguesia e com a denominação de Raposeira e Carrapateira, pertencendo ao concelho de Vila do Bispo, comarca de Lagos. Em 1855, por supressão do concelho de Vila do Bispo a Carrapateira é integrada na freguesia da Bordeira, concelho de Aljezur. Em 1895 por decreto de 14 de Agosto, foi suprimido o concelho de Aljezur sendo anexada ao concelho de Lagos e com a antiga designação de Raposeira e Carrapateira. Em 1898 volta a pertencer ao concelho de Aljezur, integrada na freguesia da Bordeira por decreto de 13 de Janeiro que restaurou de novo este concelho. Razão pela qual, surja designada como Igreja Matriz da Rapozeira na descrição feita pelo Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

Semelhantes, diferem em largura e altura, sendo a maior a porta principal, onde verificamos, pela tonalidade da pedra um possível acrescento, após o terramoto de 1755, ou por deterioração com o passar dos anos.

Ao lado direito do conjunto da fachada principal da igreja insere-se um simples campanário, com um pequeno sino onde está gravada em grandes letras a palavra: “WAIMATE”.<sup>60</sup> Sobre a referência inscrita no sino, encontramos um registo de naufrágio do navio “SS Waimate” (1896-1925) cinco milhas ao largo do cabo de São Vicente quando realizava uma viagem de Clyde para Génova em junho de 1925 carregado de carvão. Podemos admitir que este sino possa ter sido recuperado para o fim religioso, que hoje detém.

Na bibliografia consultada encontramos outra informação acerca de um sino enterrado no areal da praia durante as invasões dos mouros e mais tarde recuperado e colocado, no mesmo sítio onde terá permanecido até ter sido substituído por outro:<sup>61</sup>

«[...] não perdoando como barbaros, ao profano, nem ao flagrado onde faziam mil desacatos levando os Santos, que enterravaõ na praya, onde foy achada a Imagem da Senhora do Rosário e o sino, que ainda hoje se conservaõ».

(Cardoso, 1747-1751:454)

Durante uma intervenção na década de 50, a Igreja da Nossa Senhora da Conceição sofreu alterações e acrescentamentos mantidos até hoje.<sup>62</sup>

De interior simples, a primitiva parede de madeira que suportava o altar-mor foi substituída por uma nova de alvenaria caiada, e o chão de madeira substituído por tijoleira comum.

Igreja de uma só nave, possui os três altares referidos por D. António Pereira da Silva, com alterações na disposição atual das imagens, no maior ao centro, encontra-se a escultura de Cristo na cruz pertencente ao século XIX [?], no lado direito a do Orago da Igreja Nossa Senhora da Conceição do século XVIII e do lado esquerdo a de São Luís

---

<sup>60</sup> WRECK Site – Waimate Cargo Ship 1896-1925 [em linha]. Atual s/d. [Consult. 26 mai. 2015]. Disponível na Internet <URL: <http://www.wrecksite.eu/wreck.aspx?199806>>.

<sup>61</sup> Possivelmente pelo sino que até hoje perdura na Igreja.

<sup>62</sup> Não nos foi possível consultar a documentação relativa às obras realizadas durante esta década, no entanto tal informação foi nos relatada por via oral através de várias pessoas residentes na localidade, que consideramos serem de fonte fidedigna.

(Bispo) do século XVII. E os dois altares colaterais que também, não só sofreram alterações nas disposições, como lhes viram serem acrescentados nichos, que no lado esquerdo sustentam uma peanha com a Nossa Senhora do Rosário ou Nossa Senhora com o Menino do século XV [?] levada pelos mouros e enterrada “na praya, onde foy achada” como se pode ler na citação acima transcrita; e no lado direito uma Imagem da Nossa Senhora do século XX. Imediatamente a seguir a este altar colateral, embutido e perpendicular a este, encontra-se um terceiro nicho de pequenas dimensões albergando a representação do Menino pertencente ao século XIX [?].

O retábulo existente na igreja, do período barroco em talha dourada é caracterizado: “de planta plana, consta de banco, corpo único e três tramos com quatro colunas pseudo-salomónicas, ao centro um nicho e nos intercolúneos, peanhas para imagens (Lameira, 2000:145). Definido, em termos decorativos, por uma grande proliferação ornamental, com lugar de destaque para as cabeças de serafins, frutos, folhas, flores, que se ligam entre si resultando numa decoração deslumbrante típica deste período.<sup>63</sup> Segundo o mesmo autor acima citado, o embasamento e o ático resultam de um acrescento recente. Encontra-se em estado regular, mas com marcas de insetos xilófagos ativos.

O espólio actual é, por certo, uma pálida representação do descrito ao longo deste texto. No entanto, para além da imagens já referidas dos altares, das duas tábuas quinhentistas atualmente colocadas na parede frontal de alvenaria branca, ambas com molduras recentes, onde se adossa o retábulo barroco do altar-mor que ocupa a parte central da referida parede, as portas manuelinas, a pia batismal assinalamos ainda duas pias de água benta também pertencentes ao período manuelino, dois castiçais de madeira pintados e dourados do século XVIII, uma estante para o missal também do século XVIII, duas casulas e duas estolas do século [?].

Todo este conjunto de peças foi alvo de inventariação durante a nossa investigação, uma vez que a Igreja não possuía qualquer documentação deste tipo, sendo urgente a sua realização, na tentativa de perpetuar a sua conservação e valorização, tendo em conta

---

<sup>63</sup>Consultar fichas de inventário em anexo.

que são testemunhos de manifestações artísticas essenciais para o conhecimento da vivência religiosa e cultural do concelho ao longo dos tempos.<sup>64</sup>

Podemos inferir, assim, que a importância estratégica e religiosa durante o século XVI, com XVII, XVIII deste conjunto edificado, foi perdendo, paulatinamente, tais prerrogativas. Conscientes das múltiplas possibilidades oferecidas pelo património religioso, material e imaterial, urge por parte de alguma entidade, obras de recuperação total.

Lugar de culto e celebração para a população autóctone, desperta, ainda, interesse paisagístico e integra os roteiros turísticos regionais mesmo quando o visitante é confrontado com reduzidíssima informação no local que lhe possa despertar maior curiosidade na confortável realização do saber.

Tanto quanto apurámos, não estão previstas ações que melhorem o que acima referimos, com as justificações decorrentes de financiamento precário ou inexistente, ausência de um plano estratégico-turístico que não se dirija apenas ao lazer de praia e atividades inerentes, mas possibilite ao visitante alargar horizontes culturais diversos.

---

<sup>64</sup> Consultar fichas de inventário em anexo.

### **CAPÍTULO III**

#### **Contributos para a valorização e proteção**



### 3.1. Introdução

O presente trabalho que incide sobre a região do Algarve particularmente no Concelho de Aljezur enquanto destino turístico de qualidade pretende criar uma oferta alargada de produtos e serviços turísticos, através de estratégias diferenciadas que poderão satisfazer um novo tipo de clientela, proporcionando naturalmente resultados acrescidos para a preservação e salvaguarda do património construído.

Segundo Emmanuel Correia o “Património e o Turismo são um binómio de coordenadas comuns, vivendo de um conjunto de interesses e projectando-se com semelhantes, se não iguais, consequências” (Correia, 1992:83).

A conquista cristã foi determinante para a edificação de estruturas religiosas, de vigilância e de defesa costeira, passando a elemento cultural importante na área do Barlavento Algarvio, constituindo atualmente motivo de interesse cultural e turístico que propomos explorar neste projeto.

Fora ou dentro das localidades, estas estruturas que “ [...] carregam a memória de um povo para lá da sua própria existência [...] marcam o território e a sua inscrição na paisagem” (Candou, 2005:152-153) tem-se tornando num elemento fulcral na vertente do desenvolvimento do turismo cultural, que no decorrer dos últimos anos, tem vindo a ganhar um papel central na economia portuguesa.

Pelo território deparámo-nos com interessantes Igrejas, Capelas, Ermidas e Fortificações que merecem ser visitadas e conhecidas. “Parte integrante da nossa cultura, daquilo que fomos, que evoluímos e para onde caminhamos” (Gonçalves, Costa, Martins [?]:14-15) este tipo de património colocado ao serviço do turismo cultural tem vindo a contribuir para a importância crescente, a nível nacional e regional do desenvolvimento sustentável, promovendo a sua salvaguarda e proteção.<sup>65</sup>

Com o fluxo turístico de índole cultural mais exigente, o aumento do número de viagens e criação de rotas, tem vindo a aumentar a procura de experiências e produtos marcantes e originais diferenciados, como por exemplo a vivência e contato com as populações locais

---

<sup>65</sup> GONÇALVES, Alexandra Rodrigues; COSTA, João; MARTINS, Patrícia - O Algarve: A Interpretação do seu Património Arqueológico [em linha], p.14-19. Atual s/d. [Consult. 7 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [www.dosalgarves.com/revistas/N13/3rev13.pdf](http://www.dosalgarves.com/revistas/N13/3rev13.pdf)>.

fomentando a atratividade e a motivação de visitas a um determinado lugar, permitindo a complementaridade de identidades e a potenciação de experiências turísticas, enriquecendo culturalmente os participantes.<sup>66</sup>

Constatando a crescente procura nesta área, tendo em conta que a cultura tem-se tornado um “elemento essencial para a afirmação do Algarve” (Pina: 2009 [?]) o setor público e privado tem vindo a reforçar o número de itinerários de interesse turístico especializado em Portugal com a implementação de produtos específicos e estratégicos com forte promoção e organização de eventos conducentes a uma maior visibilidade do país como destino turístico, quer no plano nacional quer no plano regional” escorados na história da região onde se cruzam povos e experiências” (Idem).

«Visitar o Algarve não é apenas ocasião para desfrutar das magníficas praias e da deliciosa gastronomia; é também oportunidade para ficar a conhecer um rico património cultural que constitui a memória de muitos séculos de história».

(guia do Património cultural, 2014: prefácio)

Englobando os concelhos de Aljezur e Vila do Bispo inseridos na área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e o Concelho de Lagos, para além de dar a conhecer uma região marcada pelo seu valioso património natural, caracterizado pelas paisagens deslumbrantes por entre a serra e o mar, e uma elevada biodiversidade a par de um acervo cultural rico e diverso, este roteiro pretende valorizar e promover a salvaguarda do património construído, através de ações de promoção, divulgação e sensibilização dos vários públicos-alvo apelando à sua descoberta.

---

<sup>66</sup> Tal como se pode ler no artigo escrito por Sara Vidal Maia e Maria Manuel Baptista intitulado “*As rotas como estratégia turística: percepção de benefícios e obstáculos na constituição de rotas museológicas na região de Aveiro*” de forma a satisfazer as exigências da procura turística na conquista de novas experiências (Garcia e Sanchez, 2003) a atividade turística tem diversificado a sua oferta, apresentando produtos mais diversificados e relacionados com a cultura local e regional (Canizares e Guzmán, 2008) [...] [porque] as rotas são práticas turísticas mais procuradas na vertente do turismo cultural (Maia, Martin e Baptista, 2011), pois oferecem ao turista temáticas de interesse ao mesmo tempo que facilitam o acesso a outras atrações locais.

Maia, Sara Vida - *As Rotas como Estratégia Turística: Percepção de Benefícios e Obstáculos na Constituição de Rotas Museológicas na Região de Aveiro* [em linha], p. 672-682. Atual s/d. [Consult. 7 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URI: [tmstudies.net/index.php/ectms/article/download/233/339](http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/download/233/339)>.

Este encontra-se dividido sob três temáticas: lendas, monumentos (igrejas e fortalezas) e museus. A escolha das mesmas teve em conta o objeto de estudo desta dissertação “Património Artístico – Religioso do Concelho de Aljezur”.

O clima ameno que se faz sentir durante todo o ano, no barlavento algarvio, situado a poucas horas de distância de qualquer capital europeia, tornam esta região um destino perfeito para quem procura um diálogo com a natureza, com a história secular marcada pelo passado do homem, com os sabores genuínos da sua gastronomia e o contacto direto com as tradições vivas que marcam a identidade das suas gentes.

O património reunido neste roteiro trará a oportunidade excepcional de alargarmos os olhares destes testemunhos de civilizações anteriores numa “viagem intemporal”.

Com início no concelho de Lagos que segundo informação disponível no site da Câmara Municipal tem sido um destino consecutivamente premiado, recebendo recentemente mais um galardão certificando o município como destino turístico de referência em termos de qualidade ambiental, património cultural e identidade local com a entrega da distinção do “Quality Coast Gold Award” prosseguimos para o concelho mais ocidental da Europa, Vila do Bispo, situado e traduzido pelo promontório de Sagres e o Cabo de São Vicente, onde “a terra acaba e o mar começa”, único no país que possui dois tipos de costa, uma a sul e outra a ocidente”.<sup>67</sup> Local de importância histórica e estratégica, a Vila de Sagres, freguesia pertencente a Vila do Bispo conhecida como origem de importantes decisões precursoras da epopeia marítima portuguesa pelo mundo, torna-se digna de uma das paragens obrigatórias do nosso Roteiro. Terminando o itinerário no Concelho de Aljezur situado a noroeste do Algarve, banhado a oeste pelo Oceano Atlântico em cerca de 40 km, conhecido pela famosa cultura da batata-doce, pelos percebes e sargos, lugar de privilegiado de encontro com a natureza numa de área com 323 km<sup>2</sup> e detentor de um vasto património natural e elevada biodiversidade a par de um acervo cultural rico e diverso, apresenta-nos uma oferta turística variada que convida à sua descoberta.

Em face da memória histórica e referência da nossa identidade, o património construído que ocupa um lugar de destaque no nosso Roteiro, assume-se assim como um agente

---

<sup>67</sup> Câmara Municipal da Vila do Bispo - Praias - [em linha]. Atual s/d. [Consult. 7julh.2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://cm-viladobispo.pt/pt/menu/210/praias.aspx>>.

ativo de encorajamento para a adoção e implementação de proteção, conservação e valorização patrimonial.

### 3.2. Justificação do Objeto

«Há um Algarve que todos conhecem e um outro que só se deixa desvendar por quem entra porta adentro, disposto a deixar-se interpelar pela beleza de cada monumento, sítio arqueológico, igreja e museu. É este último Algarve [...] onde mergulhamos nos séculos para ouvir as histórias que o património cultural tem para nos contar».<sup>68</sup>

(Silva, 2014:Perifácio)

Com o terminus da Segunda Guerra Mundial, a manutenção e salvaguarda do Património Histórico construído foi objeto de alterações de conceito perante a nova realidade emergente que começou a contemplar novos parâmetros e preocupações intrínsecas, resultando na promoção de discussões temáticas conducentes a melhorias de legislação atualizada.<sup>69</sup>

Nos nossos dias e à luz destas preocupações o sentimento de salvaguarda do património leva-nos a concordar com ações complementares desenvolvidas em prol de um maior conhecimento e sensibilização destes ativos agentes de memória e identidade.

---

<sup>68</sup> SILVA, Desidério - algarve - guia do património cultural [em linha]. Atual s/d. [Cosult. 7julh. 2015]. Disponível: <URL: [http://www.visitalgarve.pt/pressroom.file.php?fileID=28&file=guia\\_patrimonio\\_cultural\\_ingles.pdf](http://www.visitalgarve.pt/pressroom.file.php?fileID=28&file=guia_patrimonio_cultural_ingles.pdf)>.

<sup>69</sup> 2012 - *Replicação com a tradução para português da Convenção para a Protecção do Património Cultural Subaquático - UNESCO*; 2011 - *Princípios de La Valeta para a salvaguarda e gestão das populações e áreas urbanas históricas - ICOMOS*; 2010 - *Orientação Técnicas para Aplicação do Património Mundial*; 2009 - *Carta de Bruxelas*; 2009 - *Declaração de Viena*; 2005 - *Convenção de Faro - Conselho da Europa*; 2002 - *Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial - UNESCO*; 2001 - *Convenção para a Protecção do Património Cultural Subaquático - UNESCO*; 2000 - *Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído - Conferência Internacional sobre Conservação*; 1999 - *Carta sobre o Património Construído Vernáculo - ICOMOS*; 1999 - *Carta Internacional sobre o Turismo Cultural - ICOMOS*; 1997 - *Convenção Europeia Para a Protecção do Património Arqueológico (Revista) - Convenção de Malta*; 1995 - *Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada - 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana*; 1994 - *Carta de Villa Vigoni sobre a Protecção dos Bens Culturais da Igreja - Secretariado da Conferência Episcopal Alemã e Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja*; 1992 - *Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico (revista) - Conselho da Europa*; 1991 - *Recomendação nº R (91) 13 sobre a Protecção do Património Arquitectónico do Século XX - Conselho da Europa*; 1990 - *Carta Internacional sobre a Protecção e a Gestão do Património Arqueológico - ICOMOS*; 1987 - *Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas - ICOMOS*; 1985 - *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa, Granada - Conselho da Europa*; 1981 - *Carta de Florença sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos - ICOMOS*; 1976 - *Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea - UNESCO*; 1975 - *Carta Europeia do Património Arquitectónico - Conselho da Europa*; 1972 - *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural - UNESCO*; 1964 - *Carta de Veneza - II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos/ICOMOS*.

Património Cultural – Cartas e Convenções Internacionais sobre o Património [em linha]. Atual s/d. [Consult. 7 julh.2015]. Disponível na Internet:<URL: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/>>.

À semelhança do “Projeto Redescobrir os Segredos do Algarve” desenvolvido pelo Turismo de Portugal em 2013<sup>70</sup>, destacam-se ações de sensibilização que visam a atenção e captação de um público que se encontra mais direcionado para o turismo de praia, “através da criação de *fam trips* dirigidas ao *trade regional*” e meios de comunicação social, a nível local e regional, capazes de divulgar um Algarve diferente, com produtos de excelente potencial e de atração junto dos turistas, dando assim enfoque a locais diferentes, menos conhecidos, com características únicas mas que demonstram uma grande apetência, possibilitando a descoberta e o contato com o melhor que cada concelho tem para oferecer:

«[...] tendo como critério não apenas o valor histórico, arquitetónico e artístico do património, mas também o seu estado de conservação, as acessibilidades e a possibilidade de ser visitado pelo público interessado.»

(Silva, 2014:Perifácio)

Por meio de campanhas de divulgação junto dos “mídia” (redes sociais, websites), das Escolas Secundárias, Universidades, Universidades Seniores, Postos de Turismo, Agências de Viagens, e outros, com a disponibilização de material impresso, por exemplo, cartazes e flyers<sup>71</sup>, promoção online, desenvolvimento e inovação de conteúdos tradicionais, destacaremos a notoriedade do destino e a captação de turistas internacionais, “incluindo uma amostra da história, tradições e cultura locais cuja autenticidade enriqueça a experiência do turista” (PENT: 2015:10-11).

Face à interatividade deste com os meios de informação eletrónica, menos dependente de uma relação direta com o operador ou agente turístico e seguindo a dinamização das

---

<sup>70</sup> Em 2010 a Turismo do Algarve lançou uma campanha para divulgar o destino no mundo, a qual assenta no princípio de que os algarvios estão verdadeiramente orgulhosos da sua região e, por isso, não a querem manter em segredo - «Algarve. O segredo mais famoso da Europa» [...] com os objetivos gerais de aprofundar os conhecimentos sobre os concelhos do algarve através de um programa diversificado, abrangente e interativo, de forma a melhor satisfazer as necessidades e as expectativas dos turistas (*Redescobrir os Segredos do Algarve*, 2013:3-6).

<sup>71</sup> Nos anexos poderão ser consultados exemplos de três folhetos demonstrativos dos percursos exemplificados nos itinerários (museus-igrejas-fortalezas), todas as outras ações de promoção descritas durante o roteiro, foram pensadas para ser implementadas num futuro próximo, caso oportunidade haja para serem desenvolvidas por parte de alguma entidade.

Os folhetos são meramente representativos servindo apenas como guia orientador do muito que poderá ser feito a favor da salvaguarda deste património.

novas tendências de marketing digital propomos ainda a utilização do QR code (Quick Response) que permite a utilização da aplicação, por exemplo, para inserir dados em telefone móvel, equipado com câmara fotográfica e software descodificador, destinados a gerir informação com resultados imediatos para o recetor desta. No caso presente, o código gerado é convertido: em texto (podendo ser interativo) ou um endereço URL. Como curiosidade, damos como exemplo, visível em Lisboa desde 2012 no passeio da Rua Garrett, no Chiado, a mensagem que aparece em português e em inglês: “Acabou de ler o primeiro código QR do mundo feito em calçada portuguesa”, resultado de um trabalho entre a agência de comunicação e publicidade “MSTF partners” e a Associação de Valorização do Chiado que, utilizando QR Code construído em calçada portuguesa, induziu a divulgação de Lisboa como destino turístico. Reuniu-se a tecnologia inovadora com uma das mais antigas tradições portuguesas.

Figura: 3.15 - Imagem do primeiro código QR feito em calçada portuguesa



Fonte: <https://goo.gl/32h7Yz>

Com a sugestão destas estratégias preconizamos a implementação de medidas que possam vir a acentuar e apoiar a recuperação e salvaguarda dos monumentos em apreço bem como os locais onde estão inseridos, mostrando a importância da visita e compreensão dos monumentos e património histórico através da criação de itinerários culturais e religiosos demonstrativos da diversidade cultural da região.

Pretende-se que este roteiro possa servir de introdução ao vastíssimo e rico património desta região cultural proporcionando aos turistas, sentimento de orgulho, desejo de descoberta, emoções fortes e intenção de partilha deste conhecimento, integrando no seu programa como acima já foi referido, locais diferentes e menos conhecidos

demonstrado a vantajosa articulação entre o turismo, monumentos e museus.<sup>72</sup>

Utilizando a fusão entre as novas tecnologias e tradição histórica, ligando em rede os vários polos de interesse de três concelhos limítrofes do Barlavento Algarvio pretende-se:

73

«3.1. sensibilizar as diversas entidades, empresas, associações, escolas e cidadãos em geral para a importância da recuperação, defesa e promoção do património, em toda a extensão que hoje em dia o conceito abarca.

3.2. Chamar a atenção para o papel que as actividades ligadas ao património podem e devem desempenhar no desenvolvimento sócio-cultural e económico.

3.3. Promover alguns monumentos e sítios nacionais emblemáticos, mesmo aqueles que são menos conhecidos.

3.4. Evidenciar “boas práticas” no domínio da preservação e recuperação do património.

3.5. Incentivar acções de educação para o património a promover pelas escolas e autarquias».

(Presidência da República Portuguesa -Enquadramento- 1ª Jornada – Objectivos do Roteiro)

Assumindo uma relevância cada vez maior o património deve ser salvaguardado, conservado, estudado e comunicado, por diversos meios, atualmente disponíveis ao serviço da sociedade.

Os percursos apresentados, que deverão ser distribuídos, pelas entidades já acima referidas estão pensados para utilização individual, de grupo ou empresas funcionando como orientadores para as visitas propostas, sendo que a organização comercial dos mesmos é de exclusiva responsabilidade dos operadores turísticos que poderão adotar estas sugestões, alterá-las ou melhorá-las no intuito de proporcionar condições acomodadas aos diferentes consumidores deste tipo de produto, focado especialmente no património artístico-religioso do Concelho de Aljezur, objeto da nossa investigação e utilizando os concelhos limítrofes de Vila do Bispo e Lagos como meio de captação de interesse de um público alargado para este tipo de vistas culturais, que possa conduzir a

---

<sup>72</sup> Segundo António Manuel Torres da Ponte “o turismo cultural tem nestes equipamentos permanentes, a ferramenta para o efetivo combate de uma das maiores condicionantes do setor, a sazonalidade, através da promoção, reestruturação e requalificação internamente com outros produtos turísticos, valorizando desta forma o turismo e a promoção do desenvolvimento regional de forma mais estruturada e sustentável”.

Ponte, Manuel Torres da - O contributo dos Museus no Norte de Portugal para uma dinamização do Turismo Cultural [em linha]. Porto: Universidade Aberta do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado. Atual s/d. [Consult. 5 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/74457>>.

<sup>73</sup> Consultar o site da Presidência da República Portuguesa patente na bibliografia.

uma maior atenção para o problema de salvaguarda destes bens através de uma oferta alargada para além dos destinos habituais.

Deste modo apresentamos três itinerários com diferentes características ligados sempre por esta temática, optando pela generalização dos mesmos devido à escassez de elementos aglutinadores à semelhança do que é praticado, por exemplo, pela AMCAL ( Associação de Municípios do Alentejo Central constituída pelos municípios de Alvito, Cuba, Portel, Viana do Alentejo e Vidigueira ) que incluiu no património dito “integrado” isto é, a talha, a azulejaria e a pintura mural – temas de eleição da Rota do Fresco”.<sup>74</sup>

---

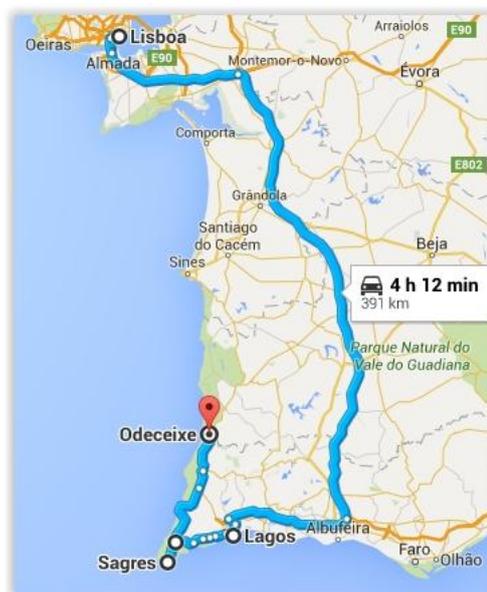
<sup>74</sup>Inventário da Rota do Fresco - Inventário do Património Integrado em Edifícios Religiosos dos Municípios da AMCAL [em linha]. Atual s/d. [Consult. 9 Julh.2015]. Disponível na Internet : <URL: <http://rotadofresco.inwebonline.net/>>.

### 3.3. Acessibilidades

#### *Como Chegar*

Sair de Lisboa pela IP1 (Itinerário Principal 1 no troço entre Lisboa-Albufeira) infletindo para Lagos utilizando a Autoestrada A22 (Via do Infante) continuar para a Vila do Bispo pela EN 125 (Estrada Nacional 125) prosseguindo para Aljezur pela N268 (Estrada Nacional N268) até Odeceixe.

Figura: 3.16 - Mapa de acessibilidades (Lisboa, Lagos, Vila do Bispo, Aljezur, Odeceixe)



Fonte: Google Maps

### **3.4. Transportes**

Rodoviário: rede expressos até Lagos, com ligação a Vila do Bispo, Aljezur e Odeceixe.

Ferroviário: Estação de Caminho-de-ferro em Lagos, seguindo em transporte rodoviário.

Aéreo: Aeroporto Internacional de Faro, seguindo em transporte rodoviário.

Marítimo: Marina de Lagos; Porto da Baleeira (Sagres).

### **3.5. Temáticas a Abordar no Roteiro**

#### **a) Lendas**

##### **➤ Lenda da Tomada do Castelo aos mouros**

Aljezur foi tomada em 1249, pelo Mestre da Ordem de Santiago – D. Paio Peres Correia durante o reinado de D. Afonso II ao romper da alva, com a ocupação do Castelo que se encontrava sob domínio dos mouros quando estes se encontravam ausentes do Castelo para cumprir o ritual do banho santo na praia da Amoreira. Os cristãos prudentes prenderam ramos de árvores às suas armaduras e aproximaram-se das muralhas. Na fortificação uma velha cega, sogra do alcaide, catava de manhã cedo a sua neta. Esta apercebendo-se de que as árvores e as moitas verdes se deslocavam em direção ao Castelo, pergunta à avó se as moitas se moviam. Ao que ela respondeu “deve ser o efeito do vento minha neta”. Os cavaleiros cercaram o Castelo e ocuparam-no ao romper da aurora, e agradecendo à Virgem Maria o sucesso da conquista, numa expansão de fé, tornaram Nossa Senhora d’Alva na padroeira de Aljezur.

##### **➤ Lenda Degoladoiro**

Quando os mouros regressaram ao Castelo após o cumprimento sagrado do ritual místico do banho santo, foram decapitados na zona sul do Castelo, para onde as suas cabeças foram atiradas, ficando o local apelidado de “Degoladoiro” .

##### **➤ Lenda das Cabeças Santas**

Esta lenda está associada à existência de duas cabeças santas de dois lavradores naturais da vila de Aljezur, que nasceram no tempo do Rei D. Manuel, e do Bispo D. Fernando Coutinho, que governou este bispado desde o ano de 1501 até 1535. Estas tinham o poder de curar as pessoas mordidas por cães com raiva e as doenças que afetavam o gado, através dos grãos tocados por estes.

➤ **Lenda da Capela de Santo António**

A construção da Capela de Santo António encontra-se ligada a uma lenda que relata as lutas travadas entre cristãos e mouros. Estes, desejosos de recuperar o território perdido, levaram a cabo uma investida nesse sentido, nesta altura ainda o rio de Odeceixe era navegável em considerável parte do seu percurso, permitindo aos mouros atacar os cristãos por via marítima, durante o crepúsculo em dia que a narrativa lendária omite. Os mouros assistindo estupefactos à saída de um numeroso grupo de pessoas de uma só casa, levou a que o Chefe da missão, ordenasse a suspensão da invasão com o seguinte raciocínio: se de uma casa sai tanta gente, que será quando saírem de todas as outras.

➤ **Fonte das Mentiras**

Segundo esta lenda nesta fonte que teria uma passagem subterrânea que a ligava ao Castelo, ter-se-á escondido moura, amada por um cristão, aquando da conquista da vila. Situada à beira do caminho, a oeste do cerro do Castelo, é conhecida pela sua conjetura arqueológica e histórica.

### 3.6. Património Histórico-Cultural

#### a) Monumentos

##### Concelho de Lagos

##### ➤ Igreja Matriz de Santa Maria

Edificada no início do séc. XVI como Igreja da Misericórdia passou a Igreja Matriz de Lagos no século XVIII após o terramoto de 1755. Edifício de estilo neoclássico, com duas torres laterais, de uma só nave no seu interior possui três capelas colaterais enriquecidas com retabulística do século XVIII.

Figura: 3.17 - Igreja Matriz de Santa Maria (Lagos)



Fonte: <https://goo.gl/JeL9jf>

### ➤ Igreja de Santo António

Elevada à categoria de Monumento Nacional pelo Dec. N.º9842 de 20 de Junho de 1924 foi fundada no início do séc. XVIII. Em 1769 foi alvo de reconstrução devido aos estragos provocados pelo terramoto de 1755. Igreja de uma só nave, de fachada simples e dimensões modestas, no seu interior encontra-se um magnífico conjunto revestido por talha dourada da autoria de Gaspar Martins e Custódio de Mesquita.

Figura: 3.18 - Igreja de Santo António (Lagos)



Fonte: <http://goo.gl/p5DpKh>

### ➤ Igreja de São Sebastião

Elevada à categoria de Monumento Nacional foi edificada por volta de 1463. No seu interior podemos ainda observar a Capela dos ossos onde existe um Sacrário com um pequeno osso do Papa Paulo II.<sup>75</sup>

Figura: 3.19 - Igreja de São Sebastião (Lagos)



Fonte: <https://goo.gl/zvVi22>

---

<sup>75</sup>Segundo Manuel João Paulo Rocha no seu artigo “Monografia de Lagos” o Bispo D. João Mello, que mandou edificar a “capella dos ossos” em 1463 terá alcançado do “Papa Paulo II um pouco de sangue e um pequeno osso do dito Santo para a referida Capella, que foram metidos no sacrário em uma pyramide dourada. Ainda hoje existe a relíquia do osso, que dão a beijar aos fieis no dia da festa do Santo”.

➤ **Igreja Matriz da Luz de Lagos**

Classificada como Imóvel de Interesse Público esta igreja tardo gótica do século XVI é constituída por uma capela-mor com abóbada de nervuras. No seu interior destacamos o retábulo barroco do século XVII existentes na capela-mor.

Figura: 3.20 - Igreja Matriz da Luz



Fonte: <https://goo.gl/cOjCdb>

➤ **Muralhas de Lagos**

Remontando ao período romano, sofreu importantes remodelações durante a ocupação árabe e mais tarde ampliada nos reinados de D. Manuel e Filipe I. De enorme importância estratégica nos séculos XV e XVI, esta cerca tardo-medieval está classificada desde 1924 como Monumento Nacional.

Figura: 3.21 - Muralhas de Lagos



Fonte: <https://goo.gl/HVkJxof>

➤ **Forte da Ponta da Bandeira**

Imóvel de Interesse Público encontra-se localizado na área da antiga Ribeira de Lagos. Entre a década de 70 e 90 do século XX, a sua arquitetura seiscentista foi restaurada e reformulada. No seu interior é possível observar uma pequena capela com abóbada de berço, revestida de azulejos do século XVII.

Figura: 3.22 - Forte da Ponta da Bandeira (Lagos)



Fonte: <https://goo.gl/vXvEE3>

➤ **Forte da Luz**

Classificado como Imóvel de Interesse público, foi concluído no ano de 1670. Edificado em honra de Nossa Senhora da Luz para proteção da população contra ataques vindos do mar, esta fortaleza de planta seiscentista passou para domínio privado em 2 de julho de 1894, funcionando hoje como restaurante.

Figura: 3.23 - Forte da Luz



Fonte: <https://goo.gl/n1lqXD>

## Concelho de Vila do Bispo

### ➤ Igreja Matriz da Vila do Bispo

Elevada à categoria de Imóvel de Interesse Público, a Igreja Matriz da Vila do Bispo foi fundada durante o século XVI. O seu interior encontra-se forrado com Igreja azulejos setecentistas<sup>76</sup>.

Figura: 3.24 - Igreja Matriz da Vila do Bispo



Fonte: <https://goo.gl/ucKe2l>

### ➤ Igreja Matriz da Raposeira

Construída no século XVI de apresentação simples é composta por uma só nave, e uma torre sineira. O portal principal de estilo manuelino é constituído por duas arquivoltas decoradas com motivos vegetalistas. No seu interior podemos admirar a capela-mor abobadada e o seu arco triunfal tripartido.

Figura: 3.25 - Igreja Matriz da Raposeira



Fonte: <https://goo.gl/gh9kq7>

---

<sup>76</sup> Pensa-se que estes azulejos barrocos provenientes de Lisboa terão sido dispostos nas paredes da Igreja em 1715.

➤ **Ermida Nossa Senhora da Guadalupe (Raposeira)**

Elevada à categoria de Monumento Nacional a Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe é uma das mais antigas Igrejas do Algarve. Fundada durante o século XIII apresenta uma fachada singela caracterizada por uma rosácea e um portal ogivado.

Figura: 3.26 - Ermida Nossa Senhora da Guadalupe (Raposeira)



Fonte: <https://goo.gl/6NgZuv>

➤ **Fortaleza de Sagres**

Elevada à categoria de Monumento Nacional, foi edificada no séc. XV e sofreu sucessivas alterações e remodelações entre os séculos seguintes. Construída para defesa numa falésia com c. 80m de altura, possui na sua entrada um belo exemplar da arquitetura neoclássica. No interior possui uma rosa-dos-ventos, um relógio de sol, alguns canhões quinhentistas e a Igreja de Santa Maria, mandada construir pelo Infante D. Henrique.

Figura: 3.27 - Fortaleza de Sagres



Fonte: <https://goo.gl/sqYVkk>

➤ **Fortaleza do Cabo de São Vicente**

Classificada como Imóvel de Interesse Público, foi erguida durante o séc. XVI, no local onde talvez se encontrasse um convento medieval que acolhera os restos mortais de S. Vicente. No interior, abriga o farol construído em 1904 e, hoje em dia, bem conservado e em funcionamento.

Figura: 3.28 - Fortaleza do Cabo de São Vicente



Fonte: <https://goo.gl/AavrHt>

➤ **Forte de Santo António do Belixe**

Imóvel de Interesse Público, cuja construção remonta ao século XVI. Erguido em honra de Santo António, regista no interior a presença de um torreão, uma bateria, um paiol, uma cisterna, uma capela, dedicada a Santa Catarina, uma casa de chá e um edifício que terá servido de alojamento turístico durante a década de 60 do século XX.

Figura: 3.29 - Forte de Santo António do Belixe



Fonte: <https://goo.gl/K5G7pr>

## Concelho de Aljezur

### ➤ Igreja matriz de Odeceixe

Conjetura-se ter sido edificada antes do séc. XV. Possui arco e pia batismal de estilo manuelino. Sofrendo uma quantidade impressionante de restauros, atualmente ainda subsistem bons vestígios do reinado de D. João II, tais como a pia batismal e o arco triunfal de feições manuelinas. É detentora, no concelho, do único exemplar de pintura mural “ECCE HOMO” de representação humana num medalhão sobre o arco da ousia.

Figura: 3.30 - Igreja Matriz de Odeceixe



Fonte: <https://goo.gl/TtjvJ3>

### ➤ Igreja Matriz da Nossa Senhora d'Alva

Edificada nos finais do século XVIII, tem como autor do projeto o arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri. Considerado na época, por D. Francisco Gomes de Avelar, como ...”hum dos mais decentes e brilhantes Templos deste Bispado do Algarve” este edifício de estilo Neoclássico, é caracterizado por três naves, transepto, capela-mor absidal profunda, ladeada por duas capelas colaterais com planta retangular e por duas capelas laterais com planta igualmente em abside fazendo lembrar uma pequena catedral.

Figura: 3.31 - Igreja Matriz da Nossa Senhora d'Alva



Fonte: <https://goo.gl/vBxRha>

### ➤ Igreja da Misericórdia de Aljezur

Caracterizada pelo seu singelo portal renascentista datado de 1577 foi fundada no séc. XVI. Objeto de reconstrução devido aos danos causados pelo terramoto de 1755, voltou a ser intervencionada em 1821 para a reconstrução do seu altar-mor. De uma só nave, possui um pequeno arco triunfal e o retábulo-mor esculpido em madeira, com decorações em talha barroca com transição para o rococó século XVII e outro do século XVIII.

Figura: 3.32 - Igreja da Misericórdia de Aljezur



Fonte: <https://goo.gl/IOiyji>

### ➤ Igreja Matriz da Bordeira

Possivelmente edificada no princípio da povoação, talvez até antes da sua elevação a freguesia, a Igreja da Nossa senhora da Encarnação, é de apresentação muito simples com paredes caiadas a branco. Na frontaria principal da Igreja, podemos observar, segundo Emmanuel Correia: “o melhor exemplar e o mais equilibrado espécime Manuelino em todo o concelho”. De uma só nave, o altar-mor, o arco triunfal e os altares colaterais revestidos em talha barroca, caracterizam-se pelo requinte, rebuscamento, grandiosidade, abundância de detalhes decorativos e pelo exagero dos adornos típicos desta época.

Figura: 3.33 - Igreja Matriz da Bordeira



Fonte: <https://goo.gl/wEIBMc>

➤ **Igreja Matriz da Carrapateira.**

O templo dedicado à Nossa Senhora da Conceição, não conhece a data exata da sua construção, no entanto os traços manuelinos dos seus pórticos levam-nos a conjecturar que tenha sido edificada durante o século XVI. Da sua traça primitiva restam-lhe os moirões que a sustentam e duas portas de época manuelina. No seu interior possui um altar em talha dourada do século XVII.

Figura: 3.34 - Igreja Matriz da Carrapateira



Fonte: <https://goo.gl/H5xhhM>

➤ **Castelo de Aljezur**

Imóvel de Interesse Público, foi erguido pelos árabes no século X num cerro sobranceiro à vila de Aljezur. Tomado pelos Cristãos no século XIII, foi o último castelo a ser conquistado no Algarve, em 1249 durante o reinado de D. Afonso III. De planta poligonal irregular, conserva ainda duas torres distintas, que sobressaem do que resta dos panos de muralha que constituem o recinto murado do castelo.

Figura: 3.35 - Castelo de Aljezur



Fonte: <https://goo.gl/zSqTN8>

➤ **Fortaleza da Arrifana**

A edificação remonta ao ano de 1635 sob o mandato do Governador do Reino do Algarve e Capitão-Mor, D. Gonçalo Coutinho, para a defesa da orla costeira ocidental algarvia e de uma almadrava (armação de pesca do atum) existente nesse local.

Figura: 3.36 - Fortaleza da Arrifana



Fonte: <https://goo.gl/c7LS7o>

➤ **Fortaleza da Carrapateira**

Mandada construir em 1673 por D. Nuno Cunha de Ataíde, para prevenção dos ataques por via marítima, a planta apresenta a forma de estrela de quatro pontas, de acordo com os preceitos da arquitetura militar. Atualmente sem guarnição, os muros da fortaleza apenas relembram a destreza de outrora.

Figura: 3.37 - Fortaleza da Carrapateira



Fonte: <https://goo.gl/sKMRpX>

## b) Museus

### Concelho de Lagos

#### ➤ **Museu Municipal Dr. José Formosinho (Lagos)**

Instalado num edifício anexo à Igreja de Santo António, foi aberto ao público em 1932. Enriquecido ao longo dos anos, primordialmente com os achados arqueológicos resultantes de escavações e com recolha de arte sacra, o acervo encontra-se atualmente repartido por doze salas, cujo espólio é dedicado à História de Lagos; à Etnografia do Algarve; Etnografia Ultramarina; Mineralogia; Arte Sacra; Arqueologia; Arte Africana; Numismática; Pintura; Curiosidades. Ainda é possível admirar o espaço reservado a Exposições Temporárias.

Figura: 3.38 - Museu Municipal Dr. José Formosinho (Lagos)



Fonte: <https://goo.gl/6IVmf1>

## **Concelho de Aljezur**

### ➤ **Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal**

Anexo à Igreja da Misericórdia, é dedicada à Arte Sacra (séculos XIV – XX). A coleção encontra-se distribuída por vitrinas de acordo com o Tempo Litúrgico da Igreja Católica: Advento, Natal, Tempo Comum, Quaresma e Semana Santa, Páscoa e Pentecostes. Esta coleção foi reunida a partir de ofertas e peças adquiridas pela Misericórdia de Aljezur e pela Paróquia da Nossa Senhora d’Alva.

Figura: 3.39 - Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal (Aljezur)



Fonte: <https://goo.gl/d7Kld4>

### ➤ **Museu Antoniano**

Após restauro a autarquia e a Associação de Defesa do Património Histórico de Aljezur decidiram instalar um Museu dedicado a Santo António. Inaugurado em 1998, atualmente possui 215 peças expostas, distribuídas por seis vitrinas expositivas albergando uma coleção de arte sacra maioritariamente contemporânea.

Figura: 3.40 - Museu Antoniano (Aljezur)



Fonte: Cedida pela ADPHA

➤ **Casa Museu Pintor José Cercas**

Nasceu após a doação feita em testamento por José Cercas, artista da localidade que legou todo o seu espólio à Camara Municipal de Aljezur, com a condição de ali se instalar um museu que perpetuasse a sua obra e memória.

Figura: 3.41 - Casa Museu Pintor José Cercas (Aljezur)



Fonte: <https://goo.gl/tCK882>

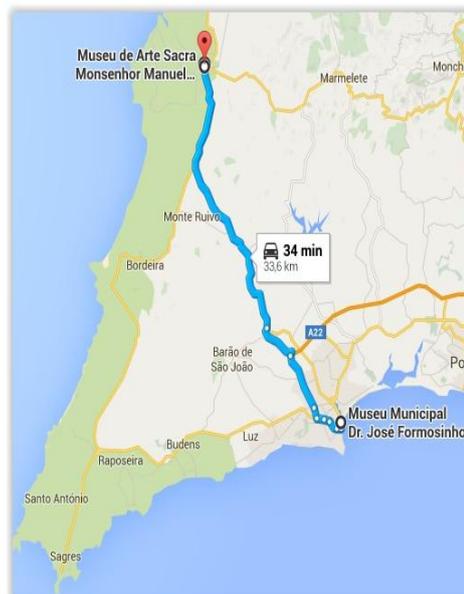
### 3.7. Itinerários

#### 3.7.1. Museus (Lagos – Aljezur) | 1 dia

Neste Itinerário será realizada uma visita aos museus que possuem como elemento fulcral do seu espólio coleções de arte sacra bem como alguns pontos de interesse históricos como complemento de conhecimento.

Esta rota abrange os seguintes museus: Museu Municipal Dr. José Formosinho (Lagos); Museu Antoniano (Aljezur), Casa Museu Pintor José Cercas (Aljezur) e Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal (Aljezur).

Figura: 3.42 - Mapa Itinerário Museus (Lagos – Aljezur)



Fonte: Google Maps

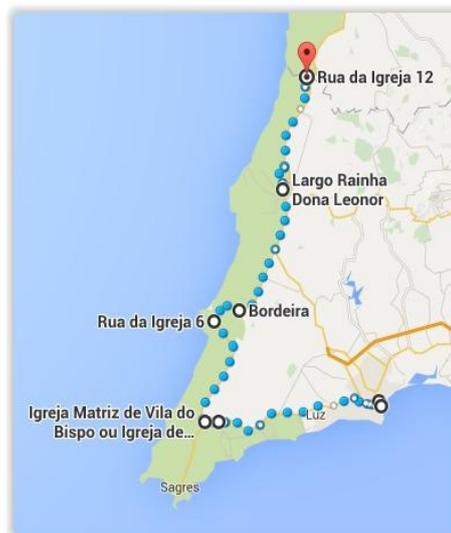
## **Dia 1**

- Início do Roteiro na cidade de Lagos pelas 9.00h, com visita ao Museu Municipal Dr. José Formosinho instalado no edifício anexo à Igreja de Santo António.
- Passeio a pé pelo Centro Histórico de Lagos e prova de doces regionais durante o circuito.
- Rumo a Aljezur almoço num restaurante com pratos típicos da região como por exemplo os famosos percebes, sargos grelhados no carvão ou polvo com batata-doce.
- Continuação do itinerário com visita ao centro histórico de Aljezur, nomeadamente visitas ao Museu Antoniano, passando pelo Fontanário Público na rua da Ladeira, à Casa-Museu Pintor José Cercas e ao Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal.
- Continuação para a rua Dr. Cesar Viriato França para admirar a Antiga estalagem e Casa da Portagem.
- O percurso termina com uma visita pelas Azinhagas de acesso aos antigos padrões de amarração, onde outrora existiu um importante porto fluvial inseridas no percurso histórico-cultural.
- Regresso a Lagos no final do dia.

### 3.7.2. Igrejas (Lagos-Vila do Bispo-Aljezur) | 2 dias

Neste Itinerário será realizada uma visita às Igrejas existentes no Concelho de Lagos, Vila do Bispo e Aljezur bem como alguns pontos de interesse histórico relevante para a região. Esta rota abrange as: Igreja Matriz de Lagos; Igreja Matriz de Santa Maria; Igreja Matriz de São Sebastião; Igreja Matriz de Santo António; Ermida da Nossa Senhora da Guadalupe; Igreja Matriz da Raposeira; Igreja Matriz da Vila do Bispo; Igreja Matriz da Carrapateira; Igreja Matriz da Bordeira; Igreja Matriz da Nossa Senhora d'Alva; Igreja da Misericórdia de Aljezur; Igreja Matriz de Odeceixe.

Figura: 3.43 - Mapa Itinerário Igrejas (Lagos - Vila do Bispo - Aljezur)



Fonte: Google Maps

## **Dia 1**

- Início do Roteiro na cidade de Lagos pelas 9.00h, junto à Igreja de Santa Maria com visita ao templo.
- Seguindo depois pela rua Henrique Correia da Silva até à Igreja de Santo António com visita ao interior do templo.
- Em direção à praça Gil Eanes, seguir pela rua da Barroca notável pelos seus arcos que integravam o sistema defensivo das muralhas da cidade.
- Continuando pela rua dos Ferreiros até à Rua Dr. Faria da Silva visita a Igreja de São Sebastião no ponto mais alto da cidade onde se pode usufruir de uma vista panorâmica para o mar e para a marina de Lagos.
- Seguindo o cheiro da maresia e do peixe assado que se faz sentir pelas ruas históricas o visitante é convidado a almoçar num dos inúmeros restaurantes disponíveis na área.
- Reunião dos participantes pelas 14h na Praça Gil Eanes de onde seguirão em autocarro em direção à Praia da Luz.
- Visita à Igreja Matriz tardo gótica da Luz e aproveitar a paragem para apreciar a paisagem e ambiente local.
- Partida para a Raposeira pelas 15.30h pela estrada nacional 125 para visitar a Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe e a Igreja Matriz da Raposeira.
- Seguir pela N 268 rumo a Sagres e a aproveitar para desfrutar das praias quase em estado selvagem existentes na zona.
- Jantar e pernoita em alojamento à escolha com noite livre.

## Dia 2

- Partida para Vila do Bispo pelas 10h para visita à Igreja local.
- Saída da Vila do Bispo rumo a Aljezur com paragem na Carrapateira para visitar a Igreja Matriz edificada no século XVI.
- Tempo livre para degustar e adquirir produtos locais.
- Seguir pela N 268 até à aldeia da Bordeira para visitar a Igreja Matriz e apreciar o retábulo em talha dourada considerado por vários estudiosos como o segundo melhor exemplar do algarve.
- Chegada a Aljezur com paragem para almoço típico da região (como as famosas papas moiras ou a couvada com carnes de porco, ou ainda peixe fresco da costa).
- Pelas 14h reinício da visita à Igreja da Misericórdia de Aljezur e desfrutar de um passeio pela zona histórica da vila.
- Prosseguir para a Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Alva templo de estilo neoclássico mandado construir no século XVIII pelo então Bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avelar com projeto do italiano Francisco Fabri e onde se encontram as cabeças santas de dois lavradores que segundo a lenda local tem poderes curativos.
- Continuando pela estrada nacional 120 rumo à Vila de Odeceixe paragem para visitar a Igreja Matriz anterior ao século XVI, detentora da única pintura mural de representação humana no concelho.
- Visita ao antigo moinho de vento de Odeceixe para apreciar a vista sobre a aldeia e a natureza circundante.
- Antes da partida para Lagos paragem na praia de Odeceixe classificada como uma das 7 Maravilhas de Portugal na categoria de praias com arribas no ano de 2013 e contemplar o por do sol único ao sabor de um Gin Sul.<sup>77</sup>

---

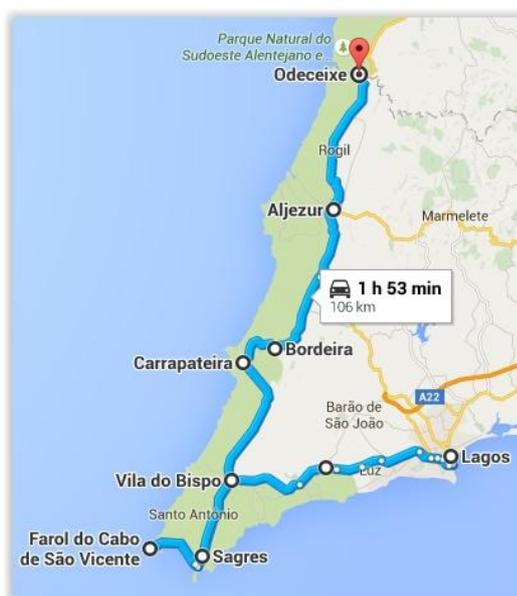
<sup>77</sup> Confeccionado em Hamburgo, mas de raízes portuguesas, o Gin Sul engarrafado manualmente em garrafas de barro. Produzido com os melhores produtos botânicos que Portugal tem para oferecer, o sabor da esteva, do alecrim e dos zimbros selvagens fazem deste Gin uma declaração de amor ao nosso país. Gin Sul [em linha]. Atual s/d. [Consult. 29 julh.2105]. Disponível na Internet:<URL: [www.gin-sul.de/portugues/](http://www.gin-sul.de/portugues/)>

### 3.7.3. Fortalezas e fortificações (Lagos – Vila do Bispo – Aljezur) | 2 dias

Neste Itinerário será realizada uma visita às Fortalezas e Fortificações existentes no Concelho de Lagos, Vila do Bispo e Aljezur bem como alguns pontos de interesse histórico relevantes para a região.

Esta rota abrange: a Muralha de Lagos; Forte da Ponta da Bandeira; Forte da Praia da Luz; Fortaleza de Sagres; Fortaleza Cabo de São Vicente; Forte de Santo António do Belixe; Castelo de Aljezur, Fortaleza da Arrifana e Fortaleza da Carrapateira.

Figura: 3.44 - Mapa Itinerário Fortalezas e Fortificações ( Lagos – Vila do Bispo – Aljezur )



Fonte: Google Maps

## Dia 1

- Início da visita às muralhas de Lagos pelas 10h, antigo sistema defensivo da cidade onde se destaca o Arco de São Gonçalo, com um oratório inserido e destinado a homenagear este Santo padroeiro.
- Visita ao Forte da Ponta da Bandeira construído no século XVII situado na barra de entrada da ria de Bensafrim e apreciar a vista panorâmica entre as praias da Batata e Meia Praia.
- Saída de Lagos em direção à praia da Luz para visitar a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, na Ponta da Calheta hoje transformado em restaurante onde será servido o almoço.
- Pelas 14h partida pela estrada nacional 125 rumo a Sagres para visitar a Fortaleza de Sagres inserida no *Promontorium Sacrum* mandada construir pelo o Infante D. Henrique e simultaneamente admirar uma das melhores vistas panorâmicas do mundo.
- Seguir pela estrada Nacional N 268 até à Fortaleza do Belixe fortificação militar construída para defesa da costa
- Continuar pela N 268 até à Fortaleza do Cabo de São Vicente edificada no século XVI sobre um convento medieval que segundo a lenda teria acolhido os restos mortais de São Vicente.
- Terminar o dia com visita às praias do Castelejo e Cordoama na Costa Ocidental e desfrutar do por do sol.
- Pernoitar em alojamento à escolha.

## **Dia 2**

- Partida de Sagres pelas 10h rumo à aldeia da Carrapateira para visitar a Fortaleza construída no século XVII por D. Nuno Cunha de Ataíde, Conde de Pontével e governador do Reino do Algarve.
- Saída para Arrifana, localidade piscatória pertencente ao Concelho de Aljezur onde se encontram as ruínas da fortaleza da Arrifana edificada num promontório em substrato xistoso, construída em 1635 sob o mandato do Governador do Reino do Algarve e Capitão-Mor, D. Gonçalo Coutinho.
- Almoço num restaurante à escolha com degustação de enorme variedade de especialidades de marisco da zona.
- Descer até à praia do Monte Clérigo com rumo a Aljezur para visitar o Castelo classificado como imóvel de Interesse Público. Erguido pelos árabes no século X num cerro xistoso sobranceiro à vila de Aljezur, tomado pelos Cristãos no século XIII, foi o último castelo a ser conquistado no Algarve, durante o reinado de D. Afonso III.
- Uma vez no Castelo promover uma sessão de leitura e divulgação sobre as Lendas associadas à tomada desta fortificação, acabando a visita com um percurso urbano pelos locais mais icónicos como por exemplo, a fonte das mentiras e o degoladoiro.
- Terminado este percurso regresso a Lagos.



## **Conclusão**



Ao longo deste trabalho pretendemos estabelecer o valor das Igrejas da Nossa Senhora da Piedade na freguesia de Odeceixe, da Nossa Senhora d'Alva na freguesia e sede de concelho de Aljezur, da Nossa Senhora da Encarnação na freguesia da Bordeira e da Nossa Senhora da Conceição na aldeia da Carrapateira e os seus respetivos espólios como Património Artístico-Religioso do concelho de Aljezur

No desenvolvimento do mesmo foi considerado o seu valor histórico-cultural como fundamento que justifique a recuperação, classificação e reutilização destas Igrejas, para que este património passe a beneficiar, de alguma forma, de reconhecimento e proteção. Faz-se ainda referência a factos, conceitos e critérios, que possibilitem o entendimento do que é hoje o património cultural e arquitetónico, e da forma como olhamos a História de continuidade e descontinuidade através das várias intervenções ocorridas ao longo dos séculos quer por ação humana, quer por ação natural.

No primeiro capítulo tentamos perceber e identificar o estado de conservação dos edifícios religiosos existentes e a sua conservação ao longo dos séculos, sendo que a época marcante surgiu com o terramoto de 1755, que levou à destruição e ruína de grande parte deste património. Após este cataclismo assistimos a uma reconstrução de alguns templos considerados recuperáveis, bem como a construção da nova Igreja Matriz da sede do concelho. A função social das práticas religiosas no concelho, onde concluímos que a vivência resume-se ao calendário litúrgico essencial a algumas comemorações ligadas à prática quotidiana dos seus habitantes, verificando-se a existência de um défice de execução comparado, por exemplo, aos concelhos a norte do país. Por último é feita uma reflexão sobre a importância do turismo religioso no concelho, na qual concluímos que atualmente este demonstra ainda uma fase incipiente que se pretende melhorar com a tomada de várias iniciativas, entre as quais as preconizadas no terceiro capítulo desta dissertação.

No segundo capítulo foi-nos possível verificar o estado precário em que os edifícios existentes se encontram bem como a falta de espólio e inventariação a que os mesmos se encontram sujeitos. Um dos aspetos marcantes na presente dissertação foi o nosso efetivo contributo para a realização das fichas de inventário baseadas nas normas da DGPC para as Igrejas da Nossa Senhora da Piedade em Odeceixe e para a Igreja da Nossa

Senhora da Conceição na Carrapateira, desprovidas deste tipo de documentação que poderão servir de incentivo para a substituição e realização futura da inventariação do espólio das restantes duas Igrejas também alvo de estudo no presente trabalho.<sup>78</sup>

No terceiro capítulo contemplamos outro momento importante durante a realização deste trabalho com a criação dos três roteiros apresentados que pretendeu deste modo contribuir para o enriquecimento do conhecimento e conseqüente aumento de visitas e receitas a favor deste mesmo património, minimizando a sazonalidade a que estas áreas estão sujeitas com conseqüências graves na deterioração de pessoas e bens. Com forte aposta na promoção e distribuição online, ambicionamos a incorporação dos conteúdos genuínos e únicos de cada região como suporte ao desenvolvimento de experiências marcantes de informação cultural capaz de captar um público diferenciador pela escolha destas temáticas.

Sendo um concelho detentor de um Património que dificilmente desperta atenção, apesar do esforço investido quer por parte da Câmara Municipal de Aljezur, quer pela Associação de Defesa do Património de Aljezur, conclui-se que pouco ou nada se encontra valorizado ou classificado, sendo urgente o desenvolvimento de práticas conducentes a uma maior divulgação, promoção e salvaguarda para que, futuramente, se proceda à sua classificação, de forma a evitar a ruína e desaparecimento como aconteceu a alguns dos templos de cuja existência apenas temos referência.

Sugerimos assim o início do processo de classificação do património edificado, por considerarmos que este se constitui como um instrumento de grande importância em termos de salvaguarda, segundo as regras precisas de classificação e proteção, que se encontram sob jurisdição da Direção-Geral do Património Cultural, cabendo-lhe a definição dos critérios que deverão ser utilizados durante o processo e a implementação e salvaguarda das mesmas, nomeadamente na vertente histórica, cultural, estética, social, técnica e científica.

---

<sup>78</sup> A sua substituição deve ser feita, uma vez que as mesmas não apresentam qualquer rigor científico apresentando falhas e lacunas graves, sendo urgente a realização de novas fichas de inventário de forma a assegurar informação fidedigna e conforme as normas da DGPC.

A Inventariação cuidada do referido Património, como por exemplo o registo já existente no SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) e outras bases de dados específicas e apropriadas.<sup>79</sup>

A criação de novos Roteiros Histórico Culturais que permitam uma interpretação e uma maior valorização do património existente e outras ações levadas a efeito por especialistas habilitados nos diversos setores que podem contribuir decisivamente para a divulgação e promoção do património em apreço, persuadindo e encorajando as pessoas a preservá-lo, promovendo a dinamização e a proteção do património histórico-cultural, integrando-o na oferta turística.

Neste contexto torna-se necessário a adoção de critérios de valorização do património que está em permanente evolução, sendo possível encontrar uma maior incidência de classificações de objetos e conjuntos arquitetónicos de tipologias variadas (arquitetura modernista, sítios arqueológicos, jardins históricos, arquitetura industrial etc...). Para compreendermos a sua importância na identificação da sociedade onde se encontram integrados, é imprescindível a criação de princípios que os protejam.

É preciso fomentar a educação e a sensibilização para o valor destes legados que sem proteção se podem tornar em testemunhos efémeros.

Verificamos que o concelho de Aljezur ainda se encontra muito longe de atingir tais desígnios, sendo necessário reforçar todo o conjunto de iniciativas que promovam atividades atuais, estendendo-as a outras frentes em futuro próximo, por forma a que a situação se inverta a favor do desenvolvimento local e regional para que possam ser contempladas medidas de salvaguarda e valorização de um Património que representa a riqueza da identidade cultural e religiosa de um povo.

---

<sup>79</sup> Verificámos que as Igrejas registadas no SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) para além de conter pouquíssima informação, contém imprecisões que é necessário corrigir.



## **Bibliografia**



## Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Diocese do Algarve

- Caixa Paroquias. Bordeira 1887
- Caixa Paroquiais. Aljezur Sagração 1809
- Memória descritiva do “Projecto de reconstrução da Igreja de Odeceixe no Concelho de Aljezur” feita pelo Engenheiro Director João Macário dos Santos.

## Fontes Impressas

CARDOSO, Luís - *Dicionario Geografico* . Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1747-1751, p. 215-454.

COSTA, Padre António Carvalho da - *Corografia Portuguesa e Descrição topográfica do Reino de Portugal*, Lisboa, 1713.

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal ANTIGO E MODERNO- DICCIONARIO geográfico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Historico, Biographico e Etymologico*. Volume I, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874, pág.134, 135, 136, 419, 420.

Idem - *Portugal ANTIGO E MODERNO - DICCIONARIO Geográfico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Histórico, Biographico e Etymologico*. Volume II, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874, pág.118.

Idem- *Portugal ANTIGO E MODERNO - DICCIONARIO Geográfico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Histórico, Biographico e Etymologico*. Volume VI, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874, pág.119.

LOPES, João Baptista da Silva - *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*. Faro: Algarve em Foco Editora, 1988.

## Bibliografia Geral

BALERDI INÁKI Díaz - *Otras maneras de musealizar el patrimonio*. Universidad del País Vasco, 2012.

BARROS, Jorge, COSTA, Soledade - *Festas e Tradições Portuguesas*. Círculo de Leitores e Autores, Edição 5159, Vol, Novembro 2002.

BENOIST, Luc - *Musées et Muséologie*. Deuxième Édition Mise a Jour, Universitaires de France, 1971.

CAILLOIS, Roger - *Le Mythe et L'homme* (1938) e *L'Homme et le sacré* (1939).

CANDOU, Joel - *Antropologia da Memória*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2013.

CONNERTON, Paul - *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, Cap. 2, "Cerimónias Comemorativas", 1993, p. 49-86.

CHOAY, Françoise - *As Questões do Património: antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70, 2011.

CUCHE, Denys - *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa: Fim de Século Edições, Lda, Cap. VI – Cultura e Identidade, s.d.

COUTINHO, Valdemar - *Castelos, Fortalezas e Torres*. Faro: Algarve em Foco Editora, s/d.

CUSTÓDIO, Jorge - *100 anos de Património, memória e identidade*. Lisboa: IGESPAR, 2011, p.19-370.

“Dinâmicas de Rede no Turismo Cultural e Religioso”: Resumos das Sessões Realizadas nas II Jornadas Internacionais de Turismo nos dias 5, 6 e 7 de Novembro de 2009.

DUVIGNAUD, Jean - *Fêtes et civilisations*. Paris, Weber, 1974.

FRANÇOIS, André Isambert - *Le sens du sacré. Fête et religion populaire*, 1982/3.

GIL, Júlio - AS mais belas Igrejas de Portugal. Verbo, vol II, 1989.

GUERRA, Luciano - *O turismo religioso no mundo de amanhã*. Lisboa: Instituto de Novas Profissões- Gabinete de Estudos Turísticos, 1980.

*Guia do Património Cultural*. Faro: Turismo do Algarve, 2009.

*Guia Turístico e Ambiental -Concelho de Vila do Bispo*. Câmara Municipal da Vila do Bispo: Geota, s/d.

*Guia para o Visitante - Aljezur, o que o Algarve tem de bom!* Aljezur: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, 2015.

GONÇALVES, Carla Alexandra - *Metodologia do Trabalho Científico*. Lisboa: UAB, 2013.

HENRIQUES, Fernando M.A - *A Conservação do Património Histórico Edificado*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, 1991.

*História da Arte - Barroco*. Portugal: Dosbé Poduccions Editorials, SL, Volume 13, 2006 [?].

*História da Arte - Rococó Neoclássico Romântico*. Portugal: Dosbé Poduccions Editorials, SL, Volume 13, 2006 [?].

JOÃO, Maria Isabel - “Memória, História e Educação”. *Noroeste, Revista de História*, nº1, Braga, Universidade do Minho ( 2005), p. 81-100. Texto *on-line*.

JORGE, Vítor Oliveira - *Conservar para Quê?*. Porto Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

KARP, Ivan; KREAMER, Christine Mullen; D.LAVINE, Steven - *Museums and Communities - The Politics of Public Culture*. Smithsonian Institution, 1992.

LAMEIRA, Francisco Ildfonso - *A talha do Algarve durante o Antigo Regime*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2000, p.9 -145.

Idem - *O retábulo do Algarve*. Promontoria Monográfica História da Arte 03, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve Região de Turismo do Algarve, s/d, p.83-338.

Idem - *O Retábulo em Portugal - das origens ao declínio*. Loulé: Departamento de História Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, [2005?].

Idem - *Inventário Artístico do Algarve, A talha e a Imaginária*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1991, p. 88.

MAGALHÃES, Natércia - *Algarve-Castelos, Cercas e Fortalezas*. Faro: Novembro de 2008.

MARQUES, Maria da Graça Maia - *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*. Lisboa, s/e, Abril de 1999.

MARTINS, José António de Jesus - *Algarve Medieval*. Município de Aljezur, 2005.

Idem - *O Foral Manuelino de Aljezur*. Câmara Municipal de Aljezur, 2004.

MARRUCCHI, Giulia; BELCARI, Riccardo - *A Arte Barroca*. Edição “A grande História de Arte”, 2006.

*Memórias Paroquiais*, Dicionário Geográfico – Lisboa: Torre do Tombo, 1758.

NORA, Pierre - “Memória Colectiva” in *Nova História*, Coimbra: Almedina, 1990, p. 451-454.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga - *Festividades Cíclicas em Portugal*. Publicações Dom Quixote, 1988.

PAULA, Rui. M - *Lagos, Evolução Urbana e Património*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, s/d.

*Património* - informar para proteger. IPPAR, s/d.

*Património e Turismo, Desenvolvimento e Turismo: Ciclo de Debates* - 1999: Livro de Actas/Org. Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2002.

*PENT* - *Plano Estratégico Nacional do Turismo*. Propostas para revisão no horizonte 2015 – Versão 2.0. Turismo de Portugal, 2015.

PÉREZ BATISTA, María Victoria - *Una aproximación a la función social y educativa de los museos*. Proyecto Editorial Arsdidas, Ediciones Alernativas, 2004.

PINTO, Maria Helena Mendes; PINTO - *As Misericórdias do Algarve*. Lisboa: Ministério da Saúde e Assistência Direcção-Geral de Assistência, 1968.

Power Point, elaborado pela docente Maria João Isabel, I - Memórias e II - Identidades com uma súmula de conteúdos. Apresentações *on-line*.

POULOT, Dominique - *Musée et muséeologie*. Paris: La Découverte, 2005.

RODRIGUES, Miguel Areosa - *A Classificação do Património Edificado*. Arouca, s/e, 2005.

*Redescobrir os Segredos do Algarve*. Algarve: Turismo de Portugal, 2013.

“Roteiro da Arte Manuelina”. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, s/d.

SILVA, S.P - *Cartas Arqueológicas do Inventário à Salvaguarda e Valorização do Património*. Arouca: Câmara Municipal de Lisboa, 2005, p.51-60.

SOBRAL, José Manuel - “*Memória e identidades sociais – dados de um estudo de caso num espaço rural*” in *Análise Social*, vol. XXX (131-132), 1995 (2º-3º), p. 289-313.

TELMO, Isabel Cottinelli; Coutinho, Fátima – *O Património e a Escola- do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora, 2005.

*Tourist Guide* - Lagos, Vila do Bispo, Aljezur. Terras do Infante, 2007 [?].

### **Bibliografia Específica**

“Algarve Medieval - A Igreja de Stª Maria de Aljezur”. Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia, Loulé, 1987.

AIRES, Rui; BAILHOTE, Marco; Felix Adré - Aljezur, Especificidades do Concelho e a Igreja Matriz. Revista Cultural Al-Rihana. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 6 (2013), p.265 -308.

ANTUNES, Luís Pequito - *Visitações da Ordem de Santiago à Vila de Aljezur (1482 e 1490)*. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº2 (1987), p. 51-70.

Idem - “Visitações da Ordem de Santiago a Aljezur e Odeceixe na primeira metade do século XVI”. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 4 (1989), p.65-86.

Idem- O Património construído da Ordem de Santiago. *Oceanos*, nº4 (1990), p.97.101.

BASÍLIO, Paulo Batista - Uma análise Sobre a Evolução Demográfica em Aljezur. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº4 (2008), p.11-22.

BRIGOLA, João Carlos; [et al.] - Perspectiva histórica da evolução do conceito de museu em Portugal. *Lugar em Aberto*, Lisboa: APOM, nº1 – I Série (2003).

CALAPEZ, Fernando; VIEGAS, António - Visitação da Ordem de Santiago ao Algarve 1517-1518. *Suplemento da revista AL'-Ulyã*, Loulé: Câmara Municipal de Loulé, nº5 (1996), p. 8-74.

CALLIXTO, Carlos Pereira - *História das Fortificações Marítimas da Praça de Guerra de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, s/d.

CARDOSO, António Barros; NEVES, Pedro Almiro; GONÇALVES, Eduardo Coerdeiro - *Dinâmicas de Rede no Turismo Cultural e Religioso: II Jornadas Internacionais de Turismo*. ISMAI, 2009.

CLEMENTE, D. Manuel - Apontamento sobre D. Francisco Gomes do Avelar e Aljezur. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara municipal de Aljezur, nº2 (2006), p.9-16.

CORRÊA, Fenando Calapez - A Misericórdia de Aljezur. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº1 (1886), p.61-68.

Idem - A Misericórdia de Aljezur – Arrendamento dos Foros. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº2 (1887), p.95-106.

Idem - A Comenda de Aljezur em 1594. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº3 (1988), p.55-65.

Idem - *O Foral Antigo de Aljezur*. Lisboa, I Encontro de Colectividades do Concelho de Aljezur, 1992.

Idem - *Livro de Visitações da Ordem de Sant'Iago na Igreja Matriz de Aljezur (1605-1846)*. Vila Real de Santo António: Secretaria de Estado da Cultura – Delegação Regional do Algarve, 1995, p. 117-205.

CORREIA, Emmanuel - *Alguns Apontamentos Sobre o Concelho de Aljezur*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, 1983, 2 edição revista, p. 4-46.

Idem - *Aspectos de um concelho – Aljezur*. Lisboa: Câmara Municipal de Aljezur, 1992, p. 7 -110.

Idem - Duas Peças Notáveis no Património Artístico de Aljezur. *Espaço Cultural* . Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº6 (1991), p. 39-46.

Idem - Evocando D. Francisco Gomes do Avelar, arcebispo-bispo, governador das armas do Algarve. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº3 (1988), p.119 -140.

Idem - *Reflexos*. Almada: Câmara Municipal de Lagos, 1997, p.13-85.

COUTINHO, Valdemar - Carrapateira, Lugar Protegido por uma Fortaleza. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 2 (2006), p.137 -146.

*“Ensaio para a monografia da Freguesia da Bordeira”*. Associação Social e Cultural da Bordeira, 1992.

FÉLIX, André; AIRES, Rui; BAILHOTE, Marc - *Aljezur Estrutura, Morfologia e Evolução Urbana da Igreja Matriz da Nossa Senhora D’Alva*. s/e, s/d.

*“Manuscrito da Torre do Tombo - (Memórias Paroquiais) ”*. *“Jornal do Algarve”*07 . ( 09 de Abril, 175.

LAMEIRA, Francisco Ildefonso, *Inventário Artístico do Algarve - A Talha e a Imaginária, Concelho de Aljezur*. Faro: Secretaria de Estado da Cultura Delegação Regional do Algarve, 1991.

LAMEIRA, Francisco I.C., SANTOS, Maria Helena Rodrigues dos - *Visitação de Igrejas Algarvias Ordem de S. Tiago*. ADEIPA, s/d, p.11-15.

LABRATOR, Márius - *Memórias de Imprensa. Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº3, (1988), p.77-87.

LOPES, Cláudia [et al] - *Geosociologia Urbana, Trabalho de Análise Sociológica sobre uma cidade: Aljezur*. S/e, s/d.

LOPES, João Batista da Silva - *“Memórias Eclesiásticas da Igreja do Algarve”*. S/e, [2010?].

JOÃO, Maria Isabel - *“Memória, História e Educação”*. *Noroeste, Revista de História*. Braga: Universidade do Minho, nº1 (2005), p. 81-100.

MACHADO, José Pedro – *Origem do Topónimo “Algezur”*. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº1 (2005), p.37-40.

MATOSO, Joaquim Mariano - *Aljezur Terra Mimosa - Monografia Regional*. Setúbal, 1938, p.9-33.

MARTINS, Luísa Fernanda Guerreiro; CABANITA, Padre João Coelho – *Visitação das igrejas dos concelhos de Faro, Loulé e Aljezur pertencentes à Ordem de Santiago, 1965*. *AL-ULyã – Revista do Arquivo Histórico de Loulé*, nº8 (2001-2001), p.265-266.

MARTINS, José António de Jesus - D. Francisco Gomes do Avelar (C.O.) 1789 – Bispo do Algarve - 1816 Breves Notas Bio-bliograficas. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 5, (2011), p.57-70.

Idem - O Foral Manuelino de Aljezur de 1504 Análise e Caracterização. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 1, (2011), p.19-36.

Memórias de Imprensa - Revista - “Archivo de Portugal”. *In Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº4 (1989), p.119 -140.

Memórias de Imprensa - “O Domingo Ilustrado”. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº7 (1993), p.201 -208.

MENDES, Isabel Maria Ribeiro - Aljezur, Carrapateira e Odeceixe em 1758 - Memórias Paroquiais. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº5 (1990), p.29-46.

MENDONÇA, Ana Cristina, NETO, Costa Pereira - Contributo para um Estudo Monográfico sobre Mudança. In MENDONÇA, Ana Cristina [et al] - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia, s/d.

MESQUITA, José Carvalho Vilhena - *Aljezur nos finais do século XIX*. Associação de Defesa do Património Histórico e Cultura, 2009.

Monografia Regional - *Aljezur Terra Mimososa*. Setúbal: Barlavento Algarvio, 1938.

MOREIRA, Carlos Diogo - *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1994.

NETO, Cristina Pereira - Aljezur – *Contribuição para um estudo Monográfico sobre a mudança*. Aljezur: II Encontro de Colectividades do Concelho de Aljezur, 1993, p.5-75.

PENA, Maria Susana - Mendonça Cortez e Aljezur Apontamentos Estatísticos e Cronológicos do Século XIX. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº5 (1990), p.47-64.

POLICARPO, António Manuel Neves – Memórias da Nossa Terra e da Nossa Gente. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 3 (2007), p.109-118.

ROCHA, Manuel João Paulo – *Monografia de Lagos*. Algarve em Foco Editora, s/d.

ROSA, José António Pinheiro - Aljezur no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº 3 (1988), p.11-18.

Idem - Duas Peças Notáveis no Património Artístico de Aljezur. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº16(1991), p.39-46.

Idem - A Freguesia da Bordeira. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº1 (1986), p.13-32.

Idem - A freguesia da Bordeira – Pequena Monografia – Complemento ao artigo de “Espaço Cultural”2. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº2 (1987), p. 83-93.

Idem - Quatro campeões em Aljezur. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº5 (1990), p.19-27.

Idem - Uma obra moderna, parecendo de tempos antigos. *Espaço Cultural*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur, nº7 (1993), p.27-36.

Idem - Vozes de Bronze (artigo de jornal).

ROMÃO, Laura Portugal - “Relatório de tratamento da Nossa Senhora da Piedade da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Odeceixe”. S/e, s/d.

ROXO, Miguel Carvalho - Aljezur e Igreja Nova: uma leitura Morfológica. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº5 (2011), p.89-130.

SAMPAIO, José Rosa – A Guerrilha do Remexido no Concelho de Monchique. Monchique, 2ª Edição, 2006, p.5-15.

SOUSA, Dora Sequeira - Aljezur e o Turismo. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº5 (2011), p.173-182.

VENTURA, Ruy - Memória d'Alva: *Contributos para uma biografia da Igreja Matriz de Aljezur*: Câmara Municipal de Aljezur, 2010, p.49-181

Idem- *Notas sobre a História da Igreja Paroquial de Odeceixe*. Odeceixe: Junta de Freguesia de Odeceixe, 2014, p.8-60.

Idem - Santa Maria d'Alva e Aljezur (uma abordagem toponímica). *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº3 (2007), p.51-76.

*Visitação das Igrejas Algarvias Ordem de São Tiago 1554*. ADEIPA, Faro: Câmara Municipal de Faro, 1988, p. 17-19.

SARMENTO, Joaquim - A Nasceu no Algarve Emmanuel Correia - A história e a arte de ser pessoa. *Serapata do Jornal "MARAFADO"* . [Almada?], s/d.

Serviços Geológicos - "O Terramoto de 1 de Novembro de 1755". In Portugal um Estudo Demográfico, 1919, p.22-23.

SERRÃO, Vítor - As tábuas Quinhentistas da Igreja da Carrapateira. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº7 (1988), p.7-10.

SILVÉRIO, Silvina - As Comendas da Ordem de Santiago em Aljezur: O caso de D. João de Menezes. *Revista Cultural Al-Rihana*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº 2 (2006), p.45-74.

VAAL, Josefa - Maria – A Senhora d’ Alva. Espaço Cultural. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, nº5 (1990), p.109

## WEBGRAFIA

Agência Ecclesia - Évora: Arquidiocese apresenta resultados de inventário do património móvel [em linha]. Atual s.d. [Consult. 3 abr. 2015]. Disponível na Internet <URL: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/evora-arquidiocese-apresenta-resultados-de-inventario-do-patrimonio-movel/>>

Alvalade.info – O uso das taipas nas igrejas e outras construções em Alvalade [em linha]. António Martins Quaresma. Atual s/d. [Consult. 3 out. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.alvalade.info/?p=6410>>

Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Como Pesquisar na Torre do Tombo [em linha]. Atual 1 de Outubro de 2013 [Consult.8 de out.2013].Disponível na Internet <URL: <http://antt.dgarg.gov.pt/pesquisar-na-torre-do-tombo/>>

Biblioteca Nacional Digital – COSTA, António Carvalho da - *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas & lugares que contem; varões illustres, geologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios e outras curiosas observações, 1650-1715* [em linha]. Atual s.d. [Consult. 19 fev. 2015]. Disponível na internet <URL: <http://purl.pt/434>>

Câmara Municipal da Vila do Bispo – Igrejas e capelas. [em linha]. Atual s/d. [Consult. 15 junh. 2015]. Disponível na Internet:<URL: <http://cm-viladobispo.pt/pt/menu/160/igrejas-e-capelas.aspx>>

CARDOSO, Luís - Portugal Sacro-Profano: Ou Catalogo Alfabetico de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal... [em linha] . 1767. Atual s/d. [Consult. 8 out. 2015] Disponível na Internet:<URL:

<https://archive.org/stream/portugalsacropro01carduoft#page/30/mode/2up>>

CARDOSO, Luís - Portugal Sacro-Profano: Ou Catalogo Alfabetico de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal... [em linha] . 1767. Atual s/d. [Consult. 8 out. 2015] Disponível na Internet:<URL:

<https://archive.org/stream/portugalsacropro02carduoft#page/74/mode/2up>>

CARDOSO, Luís - Portugal Sacro-Profano: Ou Catalogo Alfabetico de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal... [em linha] . 1767. Atual s/d. [Consult. 8 out. 2015] Disponível na Internet:<URL:

<https://archive.org/stream/portugalsacropro01carduoft#page/100/mode/2up>>

CARDOSO, Luís - Portugal Sacro-Profano: Ou Catalogo Alfabetico de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal... [em linha] . 1767. Atual s/d. [Consult. 8 out. 2015] Disponível na Internet:<URL:

<https://archive.org/stream/portugalsacropro01carduoft#page/136/mode/2up>>

Casa Museu Pintor José Cercas (Aljezur) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Casa+Museu+Jose+Cercas&imgrc=0\\_zOO8Z-4bs7AM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Casa+Museu+Jose+Cercas&imgrc=0_zOO8Z-4bs7AM%3A)>

Castelo de Aljezur [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbn=isch&q=Castelo+de+Aljezur&imgc=NhctU81OzjEZOM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbn=isch&q=Castelo+de+Aljezur&imgc=NhctU81OzjEZOM%3A)>

Corografia Portuguesa - Tomo Terceyro, Capitulo V [em linha]. Atual s/d. [Consult. 12 fevereiro]. Disponível na Internet <URL:

[http://purl.pt/434/4/hg-1067-v/hg-1067-v\\_item4/hg-1067-v\\_PDF/hg-1067-v\\_PDF\\_24-C-R0150/hg-1067-v\\_0000\\_capa-671\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/434/4/hg-1067-v/hg-1067-v_item4/hg-1067-v_PDF/hg-1067-v_PDF_24-C-R0150/hg-1067-v_0000_capa-671_t24-C-R0150.pdf)>

Instituto de José de Figueiredo - Conservação & Restauro | Consulta | Biblioteca ARP | Publicações [em linha]. Atual s.d. [Consult. 7 fev. 2015]. Disponível na Internet <URL:

<http://www.arp.org.pt/biblioteca-arp/consulta/index.php>>

Dicionário Online Português – Significado de lóbulo [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 out. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.dicio.com.br/lobulo/>>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Significado de maleita. Atual. s/d [Consult. 20 jun.2013]. Disponível na Internet :<URL :

<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=maleita>>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Significado de quartã. Atual. s/d [Consult. 20 jun.2013]. Disponível na Internet :<URL :

<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=quart%C3%A3s>>

DGPC - Direção Geral do Património Cultural [em linha]. Atual s/d [Consult. 19 abr. 2015]. Disponível na Internet <URL: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>>

Câmara Municipal de Aljezur - Foral Manuelino de Aljezur [em linha]. Atual s/d. [Consult. 06 jun. 2015]. Disponível na Internet <URL: <http://cm-aljezur.pt/pt/169/o-foral-manuelino-de-aljezur.aspx>>

Ermida Nossa Senhora da Guadalupe (raposeira) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=Ermida+Nossa+senhora+da+Guadalupe&imgsrc=J3MpQN2jZvW0ZM%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=Ermida+Nossa+senhora+da+Guadalupe&imgsrc=J3MpQN2jZvW0ZM%3A)>

Fortaleza da Arrifana [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Fortaleza+da+Arrifana&imgsrc=QeYibxgBTNE2WM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Fortaleza+da+Arrifana&imgsrc=QeYibxgBTNE2WM%3A)>

Fortaleza da Carrapateira [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Fortaleza+da+carrapateira&imgsrc=CX6V0QLXBNSbrM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Fortaleza+da+carrapateira&imgsrc=CX6V0QLXBNSbrM%3A)>

Fortaleza do Cabo de São Vicente [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=fortaleza+cabo+s%C3%A3o+vicente&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&imgil=7qqPxLemsL1ndM%253A%253B2WBtOp-8LSgHJM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.cm-viladobispo.pt%25252Fpt%25252Fmenu%25252F159%25252Fpatrimonio-militar.aspx&source=iu&pf=m&fir=7qqPxLemsL1ndM%253A%252C2WBtOp-8LSgHJM%252C &usg=\\_\\_1lrpNRRbMKBo-tnHNTjIP6ADTbE%3D&ved=0CCcQyjdqFQoTCP7NtM\\_BnsgCFQIVGgodtF8P-w&ei=brQLVv7eJomqabS\\_vdgP#imgrc=7qqPxLemsL1ndM%3A&usg=\\_\\_1lrpNRRbMKBo-tnHNTjIP6ADTbE%3D](https://www.google.pt/search?q=fortaleza+cabo+s%C3%A3o+vicente&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&imgil=7qqPxLemsL1ndM%253A%253B2WBtOp-8LSgHJM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.cm-viladobispo.pt%25252Fpt%25252Fmenu%25252F159%25252Fpatrimonio-militar.aspx&source=iu&pf=m&fir=7qqPxLemsL1ndM%253A%252C2WBtOp-8LSgHJM%252C &usg=__1lrpNRRbMKBo-tnHNTjIP6ADTbE%3D&ved=0CCcQyjdqFQoTCP7NtM_BnsgCFQIVGgodtF8P-w&ei=brQLVv7eJomqabS_vdgP#imgrc=7qqPxLemsL1ndM%3A&usg=__1lrpNRRbMKBo-tnHNTjIP6ADTbE%3D)>

Forte de Santo António do Belixe [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=forte+de+santo+antonio+do+beliche&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CCYQsARqFQoTCNyqgoHCnsgCFYI5GgodFQkP1Q#imgrc=k93Owg3t97UGRM%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+de+santo+antonio+do+beliche&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CCYQsARqFQoTCNyqgoHCnsgCFYI5GgodFQkP1Q#imgrc=k93Owg3t97UGRM%3A)>

Forte da Luz (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=forte+da+praia+da+luz+lago s&imgrc=Fb9GuMqxec7heM%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=forte+da+praia+da+luz+lago s&imgrc=Fb9GuMqxec7heM%3A)>

Forte da Ponta da Bandeira (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=forte+ponta+da+bandeira+lagos&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQAUoAWoVChMIhsewPLycyAIVxr4UCh23hgwk#imgrc=16dsrHEvou9pyM%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+ponta+da+bandeira+lagos&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQAUoAWoVChMIhsewPLycyAIVxr4UCh23hgwk#imgrc=16dsrHEvou9pyM%3A)>

Fortaleza de Sagres [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=fortaleza+sagres&imgrc=QOhC80df7qeq4M%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=fortaleza+sagres&imgrc=QOhC80df7qeq4M%3A)>

GONÇALVES, Alexandra Rodrigues; COSTA, João; MARTINS, Patrícia - *O Algarve: A Interpretação do seu Património Arqueológico* [em linha], p.14-19. Atual s/d. [Consult. 7 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [www.dosalgarves.com/revistas/N13/3rev13.pdf](http://www.dosalgarves.com/revistas/N13/3rev13.pdf) >

IGESPAR IP|PATRIMÓNIO – Pesquisa de Património [em linha]. Atual s/d [Consult. 8 de out. 2013] Disponível na Internet <URL: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/>>

Igreja da Carrapateira [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=igreja+da+Carrapateira&imgrc=mZeQaCmjvp2fwM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=igreja+da+Carrapateira&imgrc=mZeQaCmjvp2fwM%3A)>

Igreja Matriz da Bordeira [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Igreja+Matriz+da+Bordeira&imgrc=iOb-Wr06DYfHAM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Igreja+Matriz+da+Bordeira&imgrc=iOb-Wr06DYfHAM%3A)>

Igreja da Misericórdia de Aljezur [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=igreja+da+miseric%C3%B3rdia+de+aljezur&imgrc=2RfwExcFwiP9IM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=igreja+da+miseric%C3%B3rdia+de+aljezur&imgrc=2RfwExcFwiP9IM%3A)>

Igreja Matriz da Luz (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.google.pt/search?q=Igreja+MATriz+de+Lagos&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQAUoAWoVChMI2\\_SZybucyAIVibgUCh1jQgPI#imgrc=syG2sEgX5GWO4M%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+MATriz+de+Lagos&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQAUoAWoVChMI2_SZybucyAIVibgUCh1jQgPI#imgrc=syG2sEgX5GWO4M%3A)>

Igreja Matriz da Nossa Senhora d'Alva [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Igreja+Nossa+senhora+d%27Alva&imgrc=Qx0gEbUYvIbPbRM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Igreja+Nossa+senhora+d%27Alva&imgrc=Qx0gEbUYvIbPbRM%3A)>

Igreja Matriz da Raposeira [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=Igreja+Matriz+da+Raposeira&imgrc=GphIEjONFnRbcM%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMIIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=Igreja+Matriz+da+Raposeira&imgrc=GphIEjONFnRbcM%3A)>

Igreja Matriz de Aljezur [em linha] . Atual s/d. [Consult. 23 julh. 2105]. Disponível na Internet <URL: <http://ensinarevt.com/conteudos/ponto-linha/>>

Igreja Matriz de Odeceixe [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Igreja+de+Odeceixe&imgrc=z05tvfBcdsQlaM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Igreja+de+Odeceixe&imgrc=z05tvfBcdsQlaM%3A)>

Igreja Matriz de Santa Maria (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+Santa+MAria+de+LAGos&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ\\_AUoAWoVChMI2tXHILqcyAIVB-kUCh2rqQzS#imgrc=0HXV\\_hbxLGI-GM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+Santa+MAria+de+LAGos&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMI2tXHILqcyAIVB-kUCh2rqQzS#imgrc=0HXV_hbxLGI-GM%3A)>

Igreja de Santo António (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[http://www.cm-lagos.pt/portal\\_autarquico/lagos/v\\_pt-PT/menu\\_turista/cultura/cultura\\_patrimonio/arquitetonico/classificado/](http://www.cm-lagos.pt/portal_autarquico/lagos/v_pt-PT/menu_turista/cultura/cultura_patrimonio/arquitetonico/classificado/)>

Igreja de São Sebastião (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreja+de+S%C3%A3o+sebasti%C3%A3o+lagos&rlz=1C1CHVZ\\_ptPTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CB0QsARqFQoTCP284Zy7nMgCFcbtFAodjZ4HBQ#imgrc=MPr\\_NBxDqZV7GM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreja+de+S%C3%A3o+sebasti%C3%A3o+lagos&rlz=1C1CHVZ_ptPTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CB0QsARqFQoTCP284Zy7nMgCFcbtFAodjZ4HBQ#imgrc=MPr_NBxDqZV7GM%3A)>

Igreja Matriz da Vila do Bispo [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQ\\_AUoAmoVChMIIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=Igreja+matriz+da+vila+do+bispo&imgrc=7Hoo3u67-2LQfM%3A](https://www.google.pt/search?q=forte+da+luz&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAcQ_AUoAmoVChMIIn63tncCcyAIVQsAUCh3sFQd0#tbm=isch&q=Igreja+matriz+da+vila+do+bispo&imgrc=7Hoo3u67-2LQfM%3A)>

Inde a Pontificatus - João Paulo II – Motu Proprio Inde a Pontificatus (25 de Março de 1993): CARTA APOSTÓLICA DADO Motu Proprio [em linha] Atual. s/d. [Consult. 7 mar. 2013]. Disponível na Internet <URL:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_25031993\\_inde-a-pontificatus\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_25031993_inde-a-pontificatus_en.html)>

In Memória – Gestão do Património Imaterial [em linha]. Atual s/d. [Consult. 03 julh. 2015]. Disponível na Internet:<URL:

[http://www.sistemasfuturo.pt/produtos\\_gp\\_inmemoria.aspx](http://www.sistemasfuturo.pt/produtos_gp_inmemoria.aspx)>

In web - Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora [em linha]. Atual s/d. [Consult. 5 fev. 2015]. Disponível na Internet <UTL:

<http://diocese-evora.inwebonline.net/geral.aspx>>

LOPES, Maria Inês Afonso - A Memória das Imagens. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012, pp. 206-222.

Disponível na Internet <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11397.pdf>>

LOPES, Maria Inês Afonso - *O Sentido das Imagens. O Retábulo das Almas da Igreja de Santa Clara do Porto* [em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de Mestrado. Atual s/d. [Consult. 8 abr. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/55910/2/tesemestmariaineslopes000127501.pdf>>

MAIA, Sara Vida - *As Rotas como Estratégia Turística: Percepção de Benefícios e Obstáculos na Constituição de Rotas Museológicas na Região de Aveiro* [em linha], p. 672-682. Atual s/d. [Consult. 7 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [tmstudies.net/index.php/ectms/article/download/233/339](http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/download/233/339)>

MatrizNet – *Normas de Inventário –Escultura* [em linha]. Atual s/d. [Consult. 9 mai. 2015].

Disponível na Internet: <URL:

[http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP\\_AD\\_Escultura.pdf](http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP_AD_Escultura.pdf)>

MatrizNet – *Normas de Inventário –Pintura* [em linha] . Atual s/d. [Consult. 9 mai. 2015].

Disponível na Internet: <URL:

[http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP\\_AD\\_Pintura.pdf](http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP_AD_Pintura.pdf)>

MatrizNet – *Normas de Inventário –Ourivesaria* [em linha] . Atual s/d. [Consult. 9 mai.

2015]. Disponível na Internet: <URL:

[http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/NI\\_Arte\\_Ourivesaria.pdf](http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/NI_Arte_Ourivesaria.pdf)>

MatrizNet – *Normas de Inventário –Texteis* [em linha] . Atual s/d. [Consult. 9 mai. 2015].

Disponível na Internet: <URL:

[http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP\\_AD\\_Texteis.pdf](http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP_AD_Texteis.pdf)>

Memórias Paroquiais - Bordeira Lagos - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq, [em linha]. Atual s/d [Consult. 5 abr. 2015]. Disponível na Internet <URL:

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4239293>>

MIDAS – Museus e estudos Interdisciplinares [em linha]. Atual s/d [Consult. 8 de out. 2013]. Disponível na Internet <URL: <http://midas.revues.org/>>

MONUMENTOS – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [em linha]. Atual 2001-2013 [Consult. 7 out. 2013]. Disponível na Internet <URL:

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx)>

Muralhas de Lagos [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=muralhas+de+lagos&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0CB0QsARqFQoTCOrWkvy7nMgCFQFGgodFksEGg#imgrc=CmqBBGPPFaz8KM%3A](https://www.google.pt/search?q=muralhas+de+lagos&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0CB0QsARqFQoTCOrWkvy7nMgCFQFGgodFksEGg#imgrc=CmqBBGPPFaz8KM%3A)

Museu Municipal Dr. José Formosinho (Lagos) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreia+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Museu+Municipal+Dr.+Jose+Formosinho+Lagos&imgsrc=zPrRxsD\\_M2nvqM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreia+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Museu+Municipal+Dr.+Jose+Formosinho+Lagos&imgsrc=zPrRxsD_M2nvqM%3A) >

Museu de Arte Sacra Monsenhor Manuel Francisco Pardal (Aljezur) [em linha]. Atual s/d. [Consult. 4 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Igreia+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ\\_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Museu+de+Arte+Sacra+Monsenhor+Manuel+Francisco+Pardal+&imgsrc=MTDKMf4sTrVKmM%3A](https://www.google.pt/search?q=Igreia+Matriz+de+Odeceixe&rlz=1C1CHVZ_pt-PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CC0QsARqFQoTCO7U8LTCnsgCFQTVGgod-JQPLA#tbm=isch&q=Museu+de+Arte+Sacra+Monsenhor+Manuel+Francisco+Pardal+&imgsrc=MTDKMf4sTrVKmM%3A) >

Página Oficial da Presidência da Republica Portuguesa – Roteiro para o Património [em linha]. Atual s/D. [ Consult. 1 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

<http://www.presidencia.pt/?idc=24&idi=7989&idt=17>>

“Património estudos” [em linha], nº2 (2002), p. 23-86. Atual s/d. [Consult. 7 junh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/revistaestudospatrimonio/Estudospatrimonio2.pdf>>

Primeiro Código da calçada Portuguesa [em linha] . Atual s/d. [Consult 7 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL:

[https://www.google.pt/search?q=Primeiro+codigo+da+cal%C3%A7ada+portuguesa&rlz=1C1CHVZ\\_pt-](https://www.google.pt/search?q=Primeiro+codigo+da+cal%C3%A7ada+portuguesa&rlz=1C1CHVZ_pt-)

[PTPT526PT526&espv=2&biw=1366&bih=705&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQAUoAWoVChMIzo-rwuHJyAIVhLoaCh1ofQne#imgrc= VBCqZbJOacPIM%3A](http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/74457)>

PONTE, Manuel Torres da - *O contributo dos Museus no Norte de Portugal para uma dinamização do Turismo Cultural* [em linha]. Porto: Universidade Aberta do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado. Atual s/d. [Consult. 5 julh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/74457>>

*Povos e Culturas – Portugal Intercultural* [em linha], nº13 (2011 [?]), p. 93.306. atual s/d. [Consult. 09 junh. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURA\\_S\\_13.pdf](http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURA_S_13.pdf)>

Significados.com.br – Significado de Baluarte [em linha]. Atual s/d [Consult. 3 out. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.significados.com.br/baluarte/>>

SILVA, Desidério - *algarve - guia do património cultural* [em linha]. Atual s/d. [Cosult. 7julh. 2015]. Disponível: <URL: [http://www.visitalgarve.pt/pressroom.file.php?fileID=28&file=guia\\_patrimonio\\_cultural\\_ingles.pdf](http://www.visitalgarve.pt/pressroom.file.php?fileID=28&file=guia_patrimonio_cultural_ingles.pdf)>

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Igreja Paroquial de Aljezur/ Igreja da Nossa Senhora de Alva/ Igreja de Nossa Senhora D’Alva [em linha]. Patrícia Costa. Atual 2002 [Consult. 19 jan. 2015]. Disponível na Internet <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=11760](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11760)>

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Igreja Paroquial de Odeceixe/ Igreja de Nossa Senhora da Piedade [em linha]. Rosário Gordalina, atual 2008 [Consult. 19 jan. 2015 ]. Disponível na Internet <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=26830](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26830)>

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Igreja da Nossa Senhora de Conceição e Antigo Forte da Carrapateira [em linha]. Cecília Matias, atual 2006 [Consult. 19 jan. 2015]. Disponível na Internet <URL:

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=24095](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24095)>

SOBRAL, José Manuel – *Memória e identidades sociais – dados de um caso num espaço rural* [em linha], volume XXX (1995), p.289-313. Atual .s/d.[Consult 4 abri. 2015]. Disponível na Internet:<URL:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223379819X4vIL9gj3Be03OZ0.pdf>>

Teoria da Amostragem [em linha]. Atual. S/d. [Consult. 7mar. 2013]. Disponível na Internet <URL: [http://www.isa.utl.pt/dm/mestrado/mmacb/UCs/ta/seb\\_amost1.pdf](http://www.isa.utl.pt/dm/mestrado/mmacb/UCs/ta/seb_amost1.pdf)>

WRECK Site – Waimate Cargo Ship 1896-1925 [em linha]. Atual s/d. [Consult. 26 mai. 2015]. Disponível na Internet <URL: <http://www.wrecksite.eu/wreck.aspx?199806>>





[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Património Artístico – Religioso das Igrejas Matrizes do concelho de Aljezur**  
**Contributos para a sua valorização e proteção**

Catarina Batista Sagaz

Volume II

**Anexos**

Mestrado em Estudos do Património

2015

*Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Pedro Flor*